

Revista da Extensão

Set. 2025 / n. 32

ISSN 2238-0167

E-ISSN 2764-5525

Entrevista com

Tatiana Duarte

Docente da Faculdade de Agronomia

Projeto Boca Aberta: 10 anos proporcionando ensino, pesquisa e extensão da Odontologia hospitalar

Construindo um Hospital-Dia: o projeto de extensão Coletivo Núcleo das Psicoses

Fotografia e Cuidado: relato de experiência do projeto de extensão "fotofalane" na formação em saúde

Quase 30 anos impactando vidas: o legado de um projeto de extensão em primeiros socorros

Projeto Prevenção para Equipes Esportivas: fisioterapia no cuidado com o atleta

Conversação em Libras: extensão como possibilidade de ampliação dos horizontes da língua de sinais na universidade

(R)existe - a arte do povo da luta por moradia

Perspectivas da educação popular no combate à evasão no Curso Pré-Vestibular Popular Liberato diante da tragédia climática no RS

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul


UFRGS
PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



Apresentação

Esta edição da *Revista da Extensão* apresenta experiências que traduzem um modo de estar e agir da universidade pública que não se limita a transferir conhecimentos, mas se constrói na relação viva com os territórios, as pessoas e os coletivos. São práticas que reconhecem cada envolvido como sujeito do processo, problematizam realidades concretas, desvelam suas contradições e criam caminhos de transformação compartilhada.

Ao percorrer estas páginas, percebe-se uma universidade que não “leva” saberes prontos a um outro passivo, mas que se reconhece inacabada, que aprende e se reinventa no encontro. Aqui, os projetos não se limitam a ofertar serviços ou técnicas: comungam experiências, dialogam saberes e produzem, junto com as comunidades, respostas criativas e emancipatórias para os desafios contemporâneos.

Assim, esta edição configura um mosaico de práticas que afirmam a extensão universitária como dimensão essencial e indissociável do ensino e da pesquisa: um exercício permanente de comunicação transformadora, de participação crítica e de construção coletiva de mundos mais justos e humanos.

Daniela Borges Pavani

Pró-Reitora de Extensão

Editorial

Revista
da Extensão

Devido ao grande número de boas submissões no primeiro semestre, decidimos publicar esta edição extra da Revista da Extensão da UFRGS com oito artigos referentes a destacados projetos de extensão universitária.

Iniciamos com o projeto de extensão Boca Aberta da UFPR, que promove saúde bucal no âmbito hospitalar e a formação de profissionais capacitados para tratar essa demanda, por meio de uma visão holística, da troca de saberes entre diferentes áreas do conhecimento e da comunidade envolvida. Na sequência, temos o projeto do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica das Psicoses, que ocorre na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS (CAP). São apresentadas as atividades ofertadas, tais como oficinas terapêuticas de rádio, música, teatro, escrita e cerâmica, assim como atendimentos individuais, apresentações clínicas de pacientes, eventos e festas. Na mesma linha de extensão na saúde, segue o artigo sobre a experiência do projeto de extensão Fotofalante, uma oficina de fotografia realizada em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij). Verificou-se que a oficina de fotografia é uma ferramenta inovadora no cuidado em saúde mental, proporcionando um espaço de expressão singular, flexível e significativo aos adolescentes. No quarto artigo, o projeto de extensão Primeiros Socorros da UNIFAL-MG celebra quase 30 anos de existência, sendo seu principal objetivo a disseminação dos primeiros socorros por meio de capacitações baseadas em protocolos atualizados para o atendimento de emergências.

O projeto Prevenção para Equipes Esportivas busca a prevenção e a redução do risco de lesões em atletas de equipes esportivas, atuando juntamente com a equipe de basquete masculina da associação Grêmio Náutico União. O artigo seguinte, sobre o projeto de extensão Conversação em Libras, busca promover reflexões sobre a presença surda na universidade, abrindo espaços para a circulação da Libras na instituição e para além dela. Na sequência, é descrita a produção da exposição "(R)EXISTE!" realizada em Porto Alegre, na galeria Ecarta, com foco na arte como resistência de comunidades vulnerabilizadas. A exposição foi uma iniciativa do projeto de extensão (R)existe, e incluiu diversas expressões artísticas e culturais produzidas em oficinas realizadas em espaços como a Ocupação Centro Cultural Ksa Rosa, o Assentamento 20 de Novembro e a ONG Peregrinos Sem Fronteiras; além de outros artistas ligados à luta por moradia.

Por fim, mas não menos importante, são apresentadas ações do Curso Pré-Vestibular Popular Liberato (CPVPL) realizadas para prevenir a evasão durante as enchentes históricas de 2024 no Rio Grande do Sul, com foco nos impactos sociais, emocionais e materiais sofridos por alunos e educadores. Alinhado aos princípios da educação popular, o CPVPL adotou estratégias solidárias e integradas, como apoio emocional, disponibilização de materiais pedagógicos e incentivo ao trabalho coletivo com enfoque na abordagem cidadã.

Boa leitura!

Renato P. Ribas

Editor

Sumário

Entrevista com
Tatiana Duarte

4



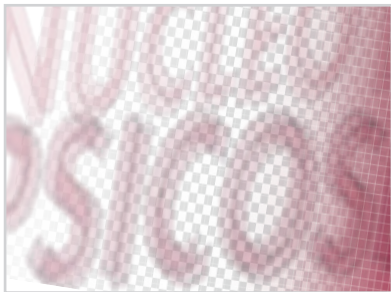
Projeto Boca Aberta: 10 anos
proporcionando ensino, pesquisa e
extensão da Odontologia hospitalar

13



Construindo um Hospital-Dia: o projeto de
extensão Coletivo Núcleo das Psicoses

21



Fotografia e Cuidado: relato de experiência
do projeto de extensão "Fotofalante"
na formação em saúde

28



Revista da Extensão



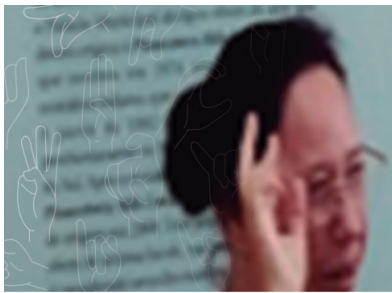
Quase 30 anos impactando vidas:
o legado de um projeto de extensão
em primeiros socorros

36



Projeto Prevenção para Equipes Esportivas:
fisioterapia no cuidado com o atleta

46



Conversação em Libras: extensão como
possibilidade de ampliação dos horizontes
da língua de sinais na universidade

53



(R)existe - a arte do povo
da luta por moradia

62



Perspectivas da educação popular no combate
à evasão no Curso Pré-Vestibular Popular Liberato
diante da tragédia climática no RS

73



Entrevista com Tatiana Duarte

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Marcelo Pires

Transcrição e revisão: Nicole Maciel

Quando iniciou sua carreira como professora da Faculdade de Agronomia, em 2015, Tatiana da Silva Duarte ainda não tinha noção de todas as possibilidades que a extensão poderia trazer para a sua trajetória profissional. Dez anos depois, tudo mudou: as vivências extensionistas hoje fazem parte de sua rotina, e sua paixão pela extensão é transmitida aos alunos e colegas docentes em cada uma delas. A coordenadora do Programa de Extensão Horticultura Urbana recebeu a equipe da *Revista da Extensão* em um agradável dia de final de inverno, com muito sol, na Faculdade de Agronomia, seu inspirador local de trabalho. Nesta conversa, Tatiana conta como ocorreu essa evolução, desde sua formação como agrônoma, passando pela pesquisa, até descobrir a extensão - o que ocorreu aqui, na UFRGS. Falamos também sobre a participação de seus projetos em eventos extensionistas e até de uma inusitada e marcante árvore de Natal, construída por ela e seus bolsistas em 2018. Vale a pena conferir!

Revista da Extensão: Vamos começar falando da tua trajetória. O que te levou para a Agronomia?

Tatiana Duarte: Eu sou filha de engenheiro agrônomo e morei anos numa estação experimental em Júlio de Castilhos, a antiga Fepagro (NR: Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária). Foram mais de dez anos naquela estação. Acho que filho de peixe peixinho é... ao menos no meu caso. Segui essa carreira pelo contato com a natureza, com o campo, com a produção.

Revista da Extensão: Tu estudaste aqui na UFRGS?

Tatiana Duarte: Não, eu fiz a graduação na UFSM e a minha pós-graduação, mestrado e doutorado, na UFPEL. Conheci a UFRGS como docente mesmo. Entrei em 2015.

Revista da Extensão: E desde então sempre

esteve ligada à extensão?

Tatiana Duarte: Não.

Revista da Extensão: Tiveste contato na graduação, como estudante?

Tatiana Duarte: Também não. O meu caminho de graduação sempre foi muito vinculado à iniciação científica, talvez por falta de estímulo daquele momento político dentro das universidades. Naquela época, o meu entendimento de extensão eram sempre cursos, ou seja, eu não tinha entendimento nenhum. Na UFRGS, quando iniciei fazendo atividade extensionista, propus um curso de palestras, para que tu vejas como a minha compreensão era limitada. Quando fiz a proposta para acessar a universidade como professora, na parte de extensão pensei em curso também. No entanto, tive a oportunidade de conhecer a professora Ingrid Barros, que era colega na mesma área, no mesmo

departamento. Ela me chamou para trocar uma ideia comigo, e trouxe o tema da agricultura urbana. Eu vinha de um contexto muito rural, morando em cidades pequenas. Quando chego a Porto Alegre, me deparo com essa temática, e diante de uma professora experiente, com caminhada - ela é quem fundou o Programa de Extensão Horticultura Urbana e Promoção Socioeconômica e Segurança Alimentar. Eu dei continuidade ao trabalho dela, me identifiquei muito com o tema, trabalhava também na educação do campo - e trabalho ainda, sou professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Na primeira turma a gente fazia essa formação com elas, trabalhávamos muito com essa questão do laboratório vivo, de usar a horta também como uma ferramenta didático-pedagógica para a licenciatura. Aí ela disse: "Tatiana, por que você não faz um curso de formação com professores?". Ali eu comecei. Então, vieram várias escolas, e eu fui entendendo melhor a extensão e me envolvendo com outros contextos. Hoje eu já nem faço mais curso: faço uma vivência, contato direto com as comunidades, inserindo os estudantes. Fui entendendo a extensão na prática, aqui na UFRGS, que me ensinou, através dos meus colegas e da Pró-Reitoria de Extensão. Tive a oportunidade aqui de me inserir nesse contexto que me formou como professora e como extensionista.

Revista da Extensão: Como foi para ti descobrir que extensão não eram apenas cursos? E ao mesmo tempo descobrir que Porto Alegre tem muita agricultura urbana, já que é uma cidade com enorme área rural?

Tatiana Duarte: Foi uma descoberta fantástica. Foi aí que eu passei a enxergar o papel social da universidade, para além de formar pessoas e futuros profissionais. Eu me vi muito mais dentro disso do que lá na pesquisa, apesar de ter feito iniciação científica e ter sido pesquisadora na EPAGRI (NR: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) por cinco anos. Consegui entender, inclusive, como amarrar

essas duas ações, às vezes com um pouco de dificuldades, em função da limitação de recursos humanos e financeiros. Foi uma descoberta a partir da minha vivência aqui, da agricultura urbana, por conta de uma série de movimentos que existem na cidade, e a partir do momento em que também me inseri no Fórum de Agricultura Urbana e Periurbana de Porto Alegre, em que comecei a entrar em contato com as comunidades e entender essas demandas. À medida que fui me envolvendo nisso, eu e os alunos criamos paixão, amor, entendimento. Hoje me sinto muito mais extensionista que pesquisadora, apesar de ter vínculo ainda nos programas de pós-graduação. Mas entendo que esta é uma parte da minha atividade docente que me realiza, inclusive, muito mais, às vezes, que a pesquisa.

Revista da Extensão: É impressionante o número de pessoas com quem a gente faz essa mesma entrevista que citam a palavra paixão ao mesmo tempo em que fala de extensão. É algo que entra "no sangue" da pessoa?

Tatiana Duarte: Entra. E no dos alunos também.

Revista da Extensão: E no que a tua trajetória anterior na pesquisa colaborou para te tornares uma extensionista melhor e uma professora melhor? Tu tens vivência em ensino, pesquisa e extensão, afinal de contas.

Tatiana Duarte: Pensando e falando aqui, parece que de alguma forma estamos fazendo terapia (risos). Isso me veio à memória agora. Quando fui pesquisadora na EPAGRI, antes de vir para cá, eu fazia pesquisa aplicada. O foco era desenvolvimento de tecnologia. A gente saía sempre com o agrônomo extensionista, íamos para as comunidades, identificávamos as demandas e eu, como pesquisadora, começava a desenvolver. Mas eu, como já tinha sido professora, dizia sempre "nossa, sinto falta dos estudantes". Então, comecei a fazer isso com os agricultores: a gente desenvolvia a pesquisa, levava

até eles e validava com eles. Agora, pensando, acho que de alguma forma eu já estava fazendo extensão, não estava dissociada da pesquisa. É como acontece o trabalho dentro da EPAGRI, mas talvez eu me sentia "a pesquisadora", não tinha compreendido ainda claramente a extensão. A ficha caiu mesmo aqui.



Revista da Extensão:

Hoje, mais madura e experiente, como tu enxergas a Tatiana de anos atrás? Porque, como pesquisadora, tu precisavas te distanciar de certa maneira do teu objeto de estudo. Mas com a extensão tu te envolves de outra maneira com o trabalho.

Tatiana Duarte: Talvez eu não me enxergasse como uma pessoa integrada à minha pesquisa, mas eu era. Porque, de alguma forma, eu sempre estava indo ter uma vivência. O que acontecia, então? Eu entendia a demanda, voltava para o

laboratório, mas estava sempre indo lá validar com a comunidade. Ali eu já fazia esse diálogo, mas não tinha clareza. Acho que isso tem a ver um pouco com o meu perfil também: sou uma pessoa de diálogo, eu estava sempre dialogando dentro desses espaços. Não é só produzir conhecimento, publicar. Uma coisa que entendi

também na EPAGRI é que o que me fazia pesquisadora era desenvolver aquilo de um modo que chegasse ao campo e fosse aplicado para mudar vidas. De alguma forma, eu já tinha essa compreensão. Eu não assimilava, não teorizava para mim, mas praticava, de alguma forma.



Revista da Extensão: Tu te deste conta de que aquilo era extensão quando começaste a trabalhar com agricultura urbana?

Tatiana Duarte: Então, talvez eu esteja me



dando conta agora, nessa nossa conversa, do que anteriormente. Mas talvez só porque eu não tinha me dado conta de que ter o *feedback* das pessoas com as quais realizo minha pesquisa e minha extensão é super importante.

Revista da Extensão: Consideras que isso te torna uma profissional melhor?

Tatiana Duarte: Ah, sim, sem dúvida. Porque se eu não ouvir o *feedback* de alguém, eu não posso mudar, alterar, não vou me modificar e me transformar também.

Revista da Extensão: Todo docente que faz extensão normalmente consegue apaixonar os seus alunos, só que tu começaste a fazer extensão sem exatamente ter clareza disso. Foste descobrindo junto com eles. Como que foi isso? Como tu transmitiste essa paixão no momento em que tu estavas também te apaixonando por extensão?



Tatiana Duarte: Para o aluno, no primeiro momento, tudo é muito prático. O curso de Agronomia, por ter uma carga horária de práticas, visitas técnicas, atividades na estação, tem hoje um perfil bastante urbano. Essas pessoas que entravam no projeto tinham a oportunidade de praticar junto com as comunidades, montando a horta, produzindo, vindo para cá, fazendo a produção de plantas. Acho que isso era o que estimulava. Lógico que, para os alunos que estavam comigo nesse processo, quando a gente foi compreendendo isso mais claramente, tudo se tornou mais poderoso, para ambas as partes. Eu lembro bem, no primeiro ano na escola, todo aprendizado que eu tive, e o aluno que me acompanhou também - entender, como agrônoma, como eu devo agir nesse espaço. E que não é um espaço de produção, como o de um agricultor que vai entregar na CEASA (NR: Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul) ou na feira, agora é um espaço lúdico. Foram várias transformações que eu tive de ter, até do ponto de vista técnico. Agora, ao fazer uma recomendação de adubação após uma análise de solo, depois que eu for embora, quem vai fazer essa coleta? Quem é o agrônomo da escola que vai dar? Eu entendi que tinha de mudar todo o meu entendimento de prática, e isso me gerou um novo conhecimento. Os alunos que estavam junto foram compreendendo comigo. A gente foi para tantos lugares diferentes, com experiências diferentes, mas o que eu mais percebo no olhar, não só na prática, é o reconhecimento que esses estudantes têm do impacto que o trabalho traz para essas pessoas. Frequentemente ele vem de uma pequena ação, mas a gente se envolve muitas vezes na comunidade. São questões mínimas, do ponto de vista técnico, mas trazem um impacto que vai muito além disso: é o de se ver como alguém que também é capaz de transformar vidas, e de aprender com aquelas pessoas. E posso te dizer que estou aprendendo, aprendendo e aprendendo, cada vez mais. Só continuo.

Revista da Extensão: É um processo de empoderamento contínuo?

Tatiana Duarte: Contínuo. Em diferentes

espaços, diferentes realidades, a gente vai sempre se modificando.

Revista da Extensão: Por falar em realidade, quando vieste para Porto Alegre, tinhas noção do tamanho da agricultura urbana que se fazia por aqui?

Tatiana Duarte: Não. Eu nasci em Santa Rosa, mas minha família morava em Tucunduva. Quando eu tinha quatro anos, minha mãe resolveu voltar para terminar o curso de graduação dela e nos mudamos para Santa Maria. Ficamos dois anos, ela se formou. Meu pai já estava em Júlio de Castilhos e nos mudamos para lá. Santa Maria é minha referência: é onde minha mãe está, onde está minha família, minha avó. Mas eu não sou de lugar nenhum (risos). Porto Alegre é a maior cidade que eu já morei, e eu não tinha noção da demanda pela atividade de agricultura urbana, até porque, antes de chegar aqui, eu estava em um contexto muito diferente. Morava em Ituporanga, capital nacional da cebola, em Santa Catarina, um município pequeno, com aproximadamente 50 mil habitantes, em que a agricultura é muito forte. E muito na minha área, que é olericultura, produção de hortaliças. Era um município rural, com uma das maiores concentrações de tratores por habitante do Brasil. Quando eu cheguei agora e fiz a prova para a seleção de docente, vi que um dos pontos da prova falava em agricultura urbana. Aquilo me chamou muito a atenção, e estudei bastante sobre o tema. Não usei aquele conhecimento no momento da seleção, mas ele foi providencial, pois logo que eu entrei aqui conheci a professora Ingrid. E o nosso departamento, por se chamar de Horticultura, era sempre muito requisitado com alguém pedindo auxílio, algum apoio técnico, seja em escola, unidade de saúde etc. Naquele momento também começou uma articulação para a criação da primeira lei estadual de agricultura urbana do estado, e eu me envolvi. Então, quando fui entendendo a agricultura urbana, via que ela crescia muito em cidades grandes, havia uma relação direta também com a população. Em cidades menores não há tanto impacto como aqui.

Eu fui me adequando e entendendo. Como trabalho com olericultura, produção de hortaliças, eu já tinha o conhecimento técnico. Agora eu tinha de pegar essa técnica e colocar num método de trabalho, dentro do engajamento da extensão, vinculando, de alguma forma, o ensino e a minha pesquisa junto. Então, em função da minha área de conhecimento, considero que foi fácil.

Revista da Extensão: Tu participaste do SEURS 43 (43º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul), que ocorreu no mês de julho, em Lages (SC), na UDESC. Atualmente, trata-se do maior e mais tradicional seminário de extensão do país. Como foi a troca com extensionistas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná?

Tatiana Duarte: Ah, foi fantástico! Muito produtivo, muito rico. Nem falo apenas por mim. Vejo os relatos dos alunos quando vão. Eles voltam cheio de ideias, trocando com os que não foram. Contam sobre os projetos... acho que traz um monte de possibilidades. Quando estamos aqui, a iniciação científica é o “primo rico”, parece não é dada à extensão a mesma visibilidade. Então, quando os estudantes vão a esses eventos, e todo mundo está no mesmo ritmo, eles começam a trocar ideias. Isso os empodera. Os eventos são fantásticos, essenciais, extremamente importantes para quem faz extensão. É uma pena que mais alunos não possam ir. A Helena (NR: bolsista do projeto coordenado por Tatiana que foi selecionado para o SEURS) voltou maravilhada. Todos que vão sempre chegam contando muita história, compartilhando com os colegas.

Revista da Extensão: E tu, desenvolveste alguma ideia a partir do SEURS?

Tatiana Duarte: Primeiramente, gostei muito de algumas atividades das que participei lá. Compreender um pouco como é para Santa Catarina. Acho que, agora pensando, fui com um olhar meio pesquisadora. Eu tinha dúvida sobre o entendimento deles. O que eu percebi, falando do Horticultura Urbana, é que tem muita gente fazendo

ações semelhantes. Participei de algumas oficinas, e é muito parecido. Por isso, o processo não foi nos juntarmos, pois somos muitos em vários lugares, mas aí a gente começa a conversar com alguém que trabalha com uma terapia, com dança, que quer vincular com a natureza e que a gente pode, muitas vezes, vincular também as nossas atividades. Com os colegas da UFRGS, começamos a fazer parceria com o pessoal do Caramelos do Vale. A gente passa a criar um vínculo com as pessoas, mas pode surgir a possibilidade de integrar os trabalhos. Claro, ficou muito numa conversa durante a viagem. Daí a gente chega e cai no nosso mundão aqui de demandas e esquecemos. Então, talvez fosse legal ter algumas questões que pudessem trazer o grupo de novo. Eu sei que é complicado, mas, falando e pensando, a gente volta cheio de turbilhões e, muitas vezes, não dá continuidade, caímos na rotina. Talvez no Salão de Extensão seja possível a gente se reencontrar. Porque no Salão a gente sempre retoma contato com os projetos nas Tertúlias, e daí, quando vê, a gente se conecta de novo.

Revista da Extensão: E o Salão de Extensão? Teu projeto já esteve na Mostra Interativa de Extensão, sempre chamando a atenção. Todo mundo queria as “mudinhas” da Tatiana. Como é essa experiência?

Tatiana Duarte: A Mostra é a oportunidade de a gente dar visibilidade para o nosso trabalho, obviamente, mas às vezes a gente não consegue mostrar o impacto social que temos, porque...

Revista da Extensão: É uma vitrine, né?

Tatiana Duarte: Sim, é uma vitrine, verdade. Por causa das plantas, dos sistemas de produção. Na Mostra a gente faz esse papel. Alguém leva sua muda, faz a experiência em casa. Vários voltam no ano seguinte e comentam conosco a experiência. Um já disse “bah, vocês me deram uma muda de berinjela e nasceu um jiló”. Acontece, né? (risos). Então, só de entender que a gente promove uma atividade de agricultura urbana de

alguma forma, se esse espaço serve de vitrine para nós, tem muito valor. Os alunos aqui já começaram a produção, estaremos na Mostra de novo esse ano.

Revista da Extensão: Vai ser destaque de novo, então.

Tatiana Duarte: Não, a gente nunca ganhou destaque...

Revista da Extensão: Digo destaque como algo que chama a atenção do público, não com relação a premiação.

Tatiana Duarte: Ah, com certeza! A gente gosta disso. Eu sempre digo para os alunos, eu entendo eles, querem sempre ganhar destaque. Às vezes os estudantes entram um pouco nessa, mas eu sempre falo que o destaque que a gente tem que ter é o retorno das pessoas que a gente recebe lá, vindo conversar e trocar. Eu sei que ganhar prêmio é difícil. Nem sei se esse é o objetivo. Já ganhei destaque em outras ocasiões.

Revista da Extensão: O teu projeto ser selecionado para representar a UFRGS no SEURS 43 foi um destaque. Muitos outros projetos concorreram...

Tatiana Duarte: Com certeza. A gente também já ganhou premiação de extensão quando desenvolvemos um implemento junto a agricultores assentados para trabalhar no sistema de

plantio direto de hortaliças.

Revista da Extensão: E o teu trabalho ganhou um destaque muito grande ao criar uma árvore de Natal especial com hortaliças em 2018. Não é todo projeto que é convidado pela PROEXT para fazer algo assim. Como foi aquele episódio?

Tatiana Duarte: A gente ficou super feliz, nem acreditávamos. Num primeiro momento, a ideia era que a árvore de Natal ficasse dentro do prédio da Reitoria. Mas o pessoal imaginava que ia ter as plantinhas, e as pessoas iam pegando as mudas. Só que eles não tinham noção de que a gente é mais maluco que qualquer outra coisa (risos). Eu tinha um aluno de pós-graduação na época que me disse “professora, vamos fazer essa árvore viva”. Eu trabalho com hidroponia também. A gente já desenvolvia os leitos de cultivo em garrafa de PVC, tínhamos avançado bastante nisso. Só que eu imaginava que a árvore iria ser na parede. A gente ia fazer a água funcionar para manter elas vivas, e as pessoas iam pegando as plantas. Só que aí o pessoal disse que água no



saguão do prédio não iria dar certo, por uma série de questões - havia ali um piano de cauda etc. Nesse meio tempo a gente começou a desenvolver o projeto. Quando chegou perto do dia de instalar, os colegas da PROEXT informaram que a árvore não poderia mais ficar no saguão, e sim na frente do Centro Cultural.

Revista da Extensão: Essa mudança ajudou na visibilidade da iniciativa, não?

Tatiana Duarte: Sim, ninguém ia ver a árvore lá dentro da Reitoria. E ela era muito grande, tinha mais de três metros de altura. Só que quando houve a troca a gente se deu conta de que teria de fazer o endurecimento das alfaces. Então esse aluno vinha, pegava a mangueira, fazia como se fosse chuva, para as alfaces suportarem o sol, durante duas semanas. Porque inicialmente projetamos a árvore como se fosse ficar dentro do ambiente fechado, não ao ar livre, em dezembro. Depois ainda teve uma operação: a gente desligou todo o sistema. Saímos com as talhas de cultivo daqui da Agronomia de caminhão, e o trajeto precisava ser percorrido em menos de 30 minutos para ressuscitar as alfaces. A gente saía às cinco da tarde, no auge do pico do movimento da cidade. Era uma corrida. Chegamos no Centro a tempo, conseguimos instalar. Lembro que já era noite quando terminamos. E aí, na ponta, a gente fez um cone de alface. Todo mundo falava que era lindo. Acho que foi uma grande experiência para mim, como engenheira agrônoma. Eu me senti uma artista! Foi muito importante. A partir dali, a gente começou a pensar muita coisa. Foi uma experiência que talvez eu não tenha registrado tudo o que deu de impacto. Do que as pessoas, quando viam aquela árvore de Natal de alface no meio do campus, pensavam. Uma vez, cheguei lá e tinha um terço pendurado. Em outra, alguém tinha comido um pedaço. E não tinha problema, sabe? As pessoas diziam “meu Deus, uma lavoura no Centro de Porto Alegre!”. Isso me trouxe muitas percepções. Acho que foi uma experiência muito legal. Quando relato isso para alguns alunos de hoje, que são novos, eles se empolgam e

pedem para fazer a experiência de novo.

Revista da Extensão: Quando a gente passava e olhava aquela irrigação por dentro era mesmo incrível.

Tatiana Duarte: Quando os alunos começaram só com as garrafas, descendo a água, e o barulhinho que fazia, eles me diziam que só aquilo já estava muito legal. Mas com a alface ficou show, né? E esse meu ex-aluno ainda fez todo um cálculo matemático, quando a gente estava botando as linhas, porque inicialmente elas estavam retas. Depois é que a gente montou o cone. Ficavam as alfaces roxas em volta, que eram como as bolinhas. Pode ser que para alguns colegas agrônomos isso possa parecer uma bobagem, mas tinha muito conhecimento envolvido ali. Teve muita técnica para construir. Foi bem legal.

Revista da Extensão: Tatiana, obrigado por essa conversa conosco. Abro esse espaço para uma última mensagem que queiras deixar para os nossos leitores.

Tatiana Duarte: Para os colegas professores, quero dizer que a extensão é uma experiência fantástica. Iniciem acompanhando algum projeto. A gente aprende nesse processo também, faz parte. E certamente agrega muito: para o conhecimento, para as nossas pesquisas. E, para os alunos, eu sempre vou estimular muito. Participem de tudo que vai além de sala de aula, seja em atividades de extensão ou em disciplinas com carga horária extensionista. É uma oportunidade de retribuir para a sociedade essa formação que vocês têm aqui dentro, que é paga por todos nós, com os nossos impostos. É uma forma de retribuir e ainda aprender com a sociedade, conosco, professores, colegas. É uma prática que muitas vezes o pessoal não tem a oportunidade, então precisa ser incentivado, estimulado. Então, como mensagem, eu digo: estejam abertos, experimentem isso. Quando a gente se abre, as coisas vêm. ◀

Projeto Boca Aberta: 10 anos proporcionando ensino, pesquisa e extensão da Odontologia hospitalar

Antonio Adilson Soares de Lima¹; Maria Ângela Naval Machado¹; Clarissa Teles Rodrigues²; Heliton Gustavo de Lima¹; Melissa Rodrigues Araujo¹; Vânia Suely Maria²

¹Departamento de Estomatologia da Universidade Federal do Paraná - UFPR

²Departamento de Odontologia Restauradora da Universidade Federal do Paraná - UFPR

Resumo

Os pacientes hospitalizados devido às complicações de doenças sistêmicas podem apresentar uma série de alterações no ambiente bucal que aumentam o risco de desenvolvimento de várias enfermidades na boca e nos dentes. Essas alterações podem ser fruto do comprometimento no funcionamento das glândulas salivares, do uso de medicamentos e da falta de higiene bucal. O projeto de extensão Boca Aberta tem por objetivo a promoção da saúde bucal no âmbito hospitalar e a formação de profissionais capacitados para tratar essa demanda. Dessa forma, os pacientes que estão internados para tratamento de diferentes doenças sistêmicas são beneficiados. Por outro lado, a comunidade acadêmica tem a oportunidade de pôr em prática o conhecimento teórico aprendido em sala de aula junto aos pacientes atendidos pelo projeto. O objetivo deste trabalho é apresentar o trabalho desenvolvido pelos estudantes e professores do projeto Boca Aberta, do curso de Odontologia da Universidade Federal do Paraná.

Palavras-chave: Hospitais Especializados; Odontologia; Promoção da Saúde; Saúde Bucal; Transtornos Mentais.

Resumen

Los pacientes hospitalizados por complicaciones de enfermedades sistémicas pueden experimentar una serie de cambios en el ambiente bucal que aumentan el riesgo de desarrollar diversas enfermedades en la boca y los dientes. Estos cambios pueden ser el resultado de un funcionamiento deficiente de las glándulas salivales, el uso de medicamentos y una mala higiene bucal. El proyecto Boca Aberta tiene como objetivo promover la salud bucal en los hospitales y la formación de profesionales capacitados para atender esta demanda de pacientes. De esta forma se benefician los pacientes que se encuentran hospitalizados para tratamiento de diferentes enfermedades sistémicas. Por otra parte, la comunidad académica tiene la oportunidad de poner en práctica los conocimientos teóricos aprendidos en el aula con los pacientes atendidos por el proyecto. El objetivo de este trabajo es presentar el trabajo desarrollado por estudiantes y profesores del proyecto Boca Aberta del curso de Odontología de la Universidad Federal de Paraná.

Palabras clave: Hospitales Especializados; Odontología; Promoción de la Salud; Salud Bucal; Trastornos Mentales.

Introdução

Atualmente, a Odontologia possui 23 especialidades distribuídas em quatro áreas distintas: a) clínica, b) técnicas e laboratoriais, c) promoção, saúde pública e gestão e d) interdisciplinar. Em 2015, o Conselho Federal de Odontologia (CFO) reconheceu o exercício da Odontologia Hospitalar e a apresentou como uma nova especialidade dentro da profissão, com base nas Resoluções nº 162/2015 e nº 163/2015.

Uma das especialidades recém-criadas é a Odontologia Hospitalar. Ela se dedica ao cuidado bucal de pacientes internados em hospitais ou que necessitam de atendimento especializado devido a condições médicas complexas. Dessa forma, o cirurgião-dentista pode atuar no manejo de problemas clínicos relacionados à saúde bucal dentro de hospitais, clínicas e instituições de saúde, focando em ações preventivas, diagnósticas e terapêuticas das doenças orofaciais. Além disso, a Odontologia Hospitalar é essencial para o tratamento de alterações bucais que requerem procedimentos complexos, muitas vezes em colaboração com equipes multidisciplinares (ARANEGA *et al.*, 2012).

Por se tratar de uma especialidade nova, nem todos os cursos de Odontologia inseriram

integralmente a Odontologia Hospitalar em seus currículos (ARANEGA *et al.*, 2012). No entanto, até maio de 2025, havia 3.062 profissionais ativos e inscritos no CFO que atuam como especialistas em Odontologia Hospitalar. Considerando que existem 439.476 cirurgiões-dentistas regularmente inscritos no Brasil, apenas 0,6% desse total atua na área da Odontologia Hospitalar.

Por isso, há a necessidade do desenvolvimento de estratégias visando ao conhecimento e ao aumento do interesse dos estudantes de graduação pela especialidade. Além disso, com o aumento mundial do envelhecimento da população, as chances de um cirurgião-dentista receber pacientes sistemicamente comprometidos ou que estejam internados também se elevam. Em geral, os pacientes idosos têm mais chances de desenvolver doenças crônicas e de tomarem vários medicamentos que podem interferir na saúde bucal e no atendimento odontológico de rotina (RAPHAEL, 2017). Por isso, o desenvolvimento de ações que promovam práticas e a melhoria da saúde bucal de pacientes hospitalizados por meio de projetos/programas de extensão universitária é fundamental para modificar esse cenário. O objetivo deste artigo é relatar o trabalho desenvolvido pelo projeto Boca Aberta ao longo dos anos no contexto do ensino, da pesquisa e da extensão.

Fundamentação teórico-metodológica

Odontologia é a área da saúde humana que estuda e trata do sistema estomatognático, que compreende a face, o pescoço e a boca. A formação do cirurgião-dentista inclui disciplinas das áreas de saúde e ciências biológicas integradas. A partir do segundo ano do curso, o estudante cursa as disciplinas denominadas profissionalizantes e começa a treinar restaurações e demais procedimentos em aulas práticas de laboratório, utilizando um manequim odontológico ou dentes artificiais ou naturais extraídos. O curso dura, em média, cinco anos, chegando a seis em algumas universidades.

O cirurgião-dentista tradicionalmente exerce suas funções nos consultórios de postos de saúde pública ou de clínicas particulares. Até alguns anos, o trabalho desses profissionais em ambiente hospitalar ficava restrito apenas ao atendimento cirúrgico bucomaxilofacial (em ambulatorios) ou frente a procedimentos cirúrgicos mais complexos com indicação de anestesia geral. Entretanto, observou-se um impulso na promoção da saúde bucal nos pacientes hospitalizados devido ao avanço da tecnologia, ao desenvolvimento de pesquisas associados à maior longevidade da população, à utilização de novos fármacos e ao aparecimento/erradicação de doenças sistêmicas (SHI *et al.*, 2013).

No Brasil, a odontologia hospitalar surgiu como uma especialidade responsável pela promoção de cuidados das alterações bucais que exigem intervenções de equipes multidisciplinares nos atendimentos de alta complexidade ao paciente. Dessa forma, essa especialidade permite melhor desempenho no compromisso de assistência ao paciente. O cirurgião-dentista com essa formação tem o objetivo de realizar um exame clínico adequado no paciente hospitalizado para avaliar a presença de alguma alteração bucal (ARANEGA *et al.*, 2012). Além disso, ele pode tratar os focos infecciosos por meio da realização de procedimentos cirúrgicos (drenagem de abscessos), restaurações, intervenções

endodônticas (tratamentos de canal), limpeza de dentes, prevenir sangramentos, tratar lesões orais e realizar ainda tratamentos paliativos. Assim, permite que o tratamento médico não seja interrompido e que o paciente se recupere rapidamente (TICIANEL *et al.*, 2000).

A melhoria da saúde bucal pré-operatória pode diminuir o processo inflamatório durante o estágio pós-operatório de pacientes com câncer bucal que sofreram cirurgias muito invasivas. Além disso, sabe-se que a realização de cuidados bucais pré-operatórios diminui a duração da internação hospitalar após cirurgias pelo controle da inflamação e das complicações infecciosas durante o período pós-operatório.

Vários microrganismos patogênicos que colonizam a boca estão associados à pneumonia por aspiração em pessoas idosas em instituições de cuidados. Por isso, os cuidados profissionais de higiene bucal são úteis na redução do risco de pneumonia por aspiração (KHADKA *et al.*, 2021). As evidências mostram que a incidência de casos de pneumonia diminui consideravelmente quando há cirurgiões-dentistas atuando nas equipes multidisciplinares nas unidades de terapia intensiva dos hospitais (LUDOVICHETTI *et al.*, 2022).

Em se tratando de pacientes com transtorno psiquiátrico severo, os estudos mostram que eles têm 2,8 vezes mais chances de perder todos os dentes em comparação com a comunidade em geral (KISELY *et al.*, 2016). Além disso, na sua maioria, esses pacientes são fumantes, etilistas e/ou fazem uso de drogas ilícitas. Já é sabido que o tabagismo e o etilismo juntos aumentam em 80,7% as chances de esses indivíduos desenvolverem câncer de boca (RADOŇ *et al.*, 2013). Com base nessas evidências, surgiu a ideia do Projeto Boca Aberta para promover prevenção secundária em hospitais da cidade de Curitiba e região metropolitana.

Atualmente, o currículo do curso de Odontologia

da Universidade Federal do Paraná possui a disciplina de Odontologia Hospitalar na sua grade horária. Entretanto, trata-se de uma disciplina meramente teórica. Para suprir essa lacuna na formação prática dos nossos estudantes, o Projeto Boca Aberta foi criado e vem desenvolvendo ações em diferentes instituições de saúde que tratam principalmente de pacientes com transtorno mental. No entanto, historicamente, o projeto já atuou em outros hospitais, como foi o caso do Hospital Oswaldo Cruz (Curitiba/PR), que é especializado no tratamento de doenças infectocontagiosas graves.

Os estudantes que participam das atividades do projeto adquirem experiência para atuar em equipes multiprofissionais e aprendem a atender pacientes com transtorno psiquiátrico. Por outro lado, os pacientes hospitalizados são beneficiados em relação à sua saúde bucal, o que, consequentemente, impacta na melhoria da sua saúde geral e autoestima. Além de aulas teóricas com temas relacionados ao atendimento odontológico nos hospitais, as seguintes atividades são propostas aos estudantes: a) realização de exame clínico odontológico e de exames complementares em pacientes hospitalizados; b) promover o tratamento de urgências odontológicas (alívio da dor de origem dentária, drenagem de abscessos etc.); c) tratar as lesões das estruturas bucais e peribucais; d) levantar dados da saúde bucal de pacientes em tratamento hospitalar; e) identificar

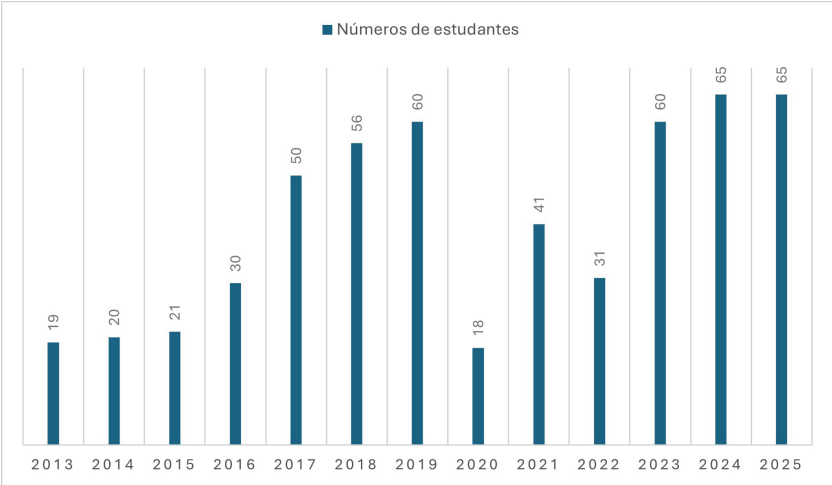
e intervir nos fatores que contribuem para o estigma no atendimento odontológico dos pacientes com transtorno mental e dependência química; f) permitir a experiência de trabalho junto às equipes multidisciplinares em ambiente hospitalar; e g) proferir palestras e outras ações visando à prevenção das doenças bucais.

A cada semestre, um grupo de 22 alunos da graduação e dois estudantes da pós-graduação do curso de Odontologia da UFPR, acompanhado por um professor, atende nas tardes de quarta ou sexta-feira nas instituições parceiras. O Gráfico 1 mostra o crescimento da participação dos estudantes no projeto ao longo dos anos. Seis professores de diferentes especialidades do curso de Odontologia da UFPR fazem parte do projeto. Eles atuam ministrando aulas teóricas e orientando os estudantes durante as práticas clínicas que ocorrem nas instituições atendidas pelo projeto.

Atualmente, três instituições são parceiras do Projeto Boca Aberta: um hospital e duas clínicas. O Hospital San Julian (Piraquara/PR) é o maior psiquiátrico do estado do Paraná e é referência para o tratamento de transtornos mentais. Esse hospital público é dividido em três unidades: duas delas tratam de pacientes adultos com transtorno mental ou com dependência química, e a terceira cuida de adolescentes com essas enfermidades. O projeto atua no Instituto de

Pesquisa e Tratamento do Alcoolismo (Campo Largo/PR) e na Casa de Recuperação Nova Vida (Curitiba/PR). Essas instituições também são especializadas no tratamento dos transtornos relacionados à dependência de álcool e drogas ilícitas.

Gráfico 1 - Participação discente por ano no projeto Boca Aberta.
Fonte: autores, 2025.



Todos os pacientes dessas instituições parceiras são convidados a participar das ações do projeto. Ao aceitarem, eles têm a sua boca examinada com auxílio de luz artificial e espátula de madeira pelos estudantes, sob a supervisão dos professores do projeto (Figura 1). Quando algum problema dentário de natureza aguda ou uma lesão bucal é identificado, o paciente é atendido no próprio hospital, que dispõe de uma sala com dois consultórios odontológicos (Figura 2). Os casos mais complexos ou considerados eletivos são encaminhados para tratamento na clínica do curso de Odontologia da universidade.

Como a maioria dos pacientes é tabagista e/ou alcoolista, o risco de eles desenvolverem lesões

cancerizáveis ou mesmo câncer na boca é grande. Por isso, uma atenção especial é dada ao diagnóstico precoce dessas doenças durante o exame da boca. Em geral, observa-se que a saúde bucal dos pacientes piora com o avanço da idade. Muitos pacientes já apresentam a perda de vários dentes devido à presença de lesões de cárie avançada e da doença periodontal não tratada.

O câncer de boca é a sexta malignidade mais comum na população mundial. Seus fatores de risco, suas características clínicas, a prevenção e o tratamento já são bem definidos. No entanto, há uma necessidade de ampliar o conhecimento da população geral em relação ao tema, especialmente para aqueles indivíduos considerados de alto risco. Alguns fatores de risco são observados com grande frequência na população de pacientes psiquiátricos. Por isso, a realização de campanhas para alertar sobre os riscos dessa doença é fundamental. Além disso, a realização de



Figura 1 - Atendimento de paciente em leito hospitalar.
Fonte: Autores, 2025.



Figura 2 - Atendimento de pacientes no consultório odontológico.
Fonte: Autores, 2025.

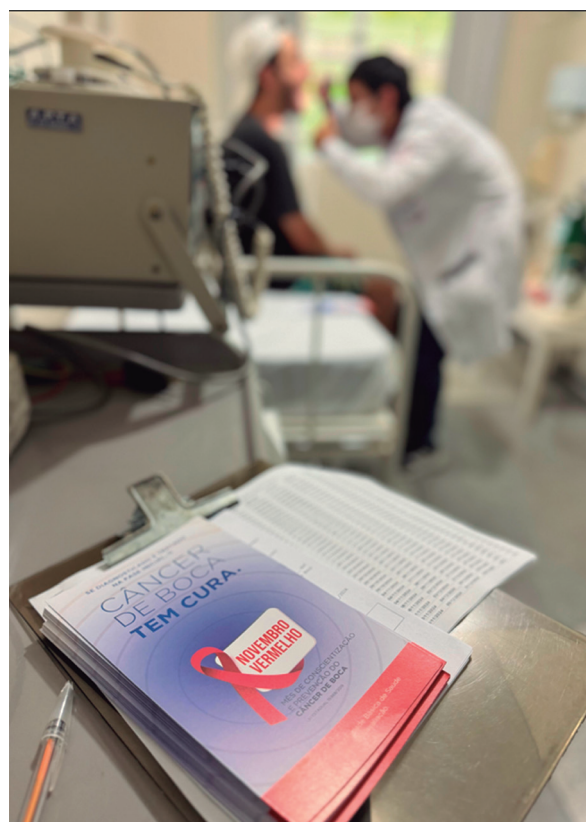


Figura 3 - Campanha do Novembro Vermelho de prevenção do câncer bucal.

Fonte: Autores, 2025.

diagnósticos precoces e o rastreamento são boas estratégias para prevenir a doença. Nos meses de novembro, o projeto Boca Aberta promove a campanha do “Novembro Vermelho”. O objetivo desta campanha é realizar palestras sobre o tema e exames preventivos nas três instituições parceiras (Figura 3). Os resultados sugerem que as intervenções individuais e/ou comunitárias são geralmente eficazes para aumentar o conhecimento dos fatores de risco, sinais e sintomas do câncer bucal e/ou suas estratégias precoces de diagnóstico e prevenção entre a população em geral ou grupos de alto risco.

Eventualmente, uma palestra (cuja temática aborda o impacto do álcool, dos cigarros e das drogas ilícitas nas estruturas bucais) é ministrada. Em seguida, os pacientes são estimulados a participar de uma oficina sobre higiene bucal, na qual serão dadas orientações a respeito da escovação correta dos dentes, uso do fio dental

e de enxaguatórios. Durante a palestra, também são fornecidas informações sobre a importância da escovação dentária, uso correto do fio dental e dos enxaguatórios contendo flúor. Além disso, o projeto estabeleceu uma parceria com a Associação dos Amigos do Hospital de Clínicas, que é uma Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos. Esta instituição atua na defesa de direitos e promoção da saúde, promovendo várias ações na cidade de Curitiba com o objetivo de melhorar a qualidade do atendimento aos pacientes do SUS, assim como de seus familiares e acompanhantes de tratamento. Ao longo do ano, os estudantes e professores participam de várias atividades direcionadas à prevenção secundária de doenças bucais nos vários bairros da cidade (Figura 4).

À medida que as ações acontecem, há interação com outros estudantes de outras universidades e profissionais da saúde (médicos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, nutricionistas, técnicos em enfermagem, assistentes sociais e psicólogos). Os alunos da pós-graduação aproveitam o espaço para colocar em prática a docência, pela orientação dos alunos da graduação na realização de pequenos procedimentos clínicos (exodontias e biópsias). Além disso, uma vez por mês, o projeto promove um encontro científico. Nesse dia, os principais casos são discutidos por todos, e são traçadas estratégias para a melhoria da condição de saúde bucal da comunidade. Ao longo dos anos, percebeu-se o impacto na comunidade discente que foi egresso do projeto Boca Aberta. Os alunos da graduação chegam bem mais preparados para atuar nas disciplinas clínicas do curso. Os egressos conseguem se inserir nas residências e nos cursos de pós-graduação com mais facilidade. Além disso, os estudantes demonstram maior interesse em participar dos eventos científicos para apresentar os trabalhos desenvolvidos nas ações do projeto na forma de painéis, apresentações orais e palestras. Isto tudo repercute nas premiações que os alunos alcançam ao participarem dos encontros, congressos e simpósios da odontologia hospitalar.

Os levantamentos realizados anualmente demonstram que mais de 1.000 pacientes são atendidos pelas ações do projeto Boca Aberta. Todos os dados e a experiência vivenciada pelos alunos envolvidos no projeto são registrados em um banco de dados e na forma de relatórios. Com isso, vários produtos acadêmicos são produzidos, tais como: e-books, artigos científicos, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, teses de doutorado, temas livres e painéis em eventos científicos. Atualmente, a equipe do projeto concluiu a elaboração de um e-book intitulado “O papel da odontologia na prevenção e no manejo de pacientes com alcoolismo”. Essa obra retrata a experiência do tratamento odontológico de pacientes alcoolistas e está em fase final de editoração para ser lançada em agosto deste ano.



Figura 4 - Ação do projeto Boca Aberta realizada no Parque Barigui de Curitiba em parceria com os Amigos do HC.

Fonte: Autores, 2025.

Considerações finais

É objetivo da extensão universitária que todos os participantes das ações se apropriem dos conhecimentos desenvolvidos em processos de transformação da realidade. Por isso, a experiência desse projeto, ao longo dos anos de existência, tem observado a melhoria do nível de conhecimento dos estudantes do nosso curso em relação à odontologia hospitalar, da comunidade (pacientes) em buscar atendimento odontológico e dos próprios hospitais em melhorar as condições para que as ações do projeto, no contexto da saúde bucal dos pacientes, aconteçam.

A extensão universitária deve considerar os saberes de docentes, estudantes e da sociedade, pois todas as pessoas envolvidas na atividade de extensão têm

algum conhecimento para compartilhar e, também, algo para aprender.

A extensão se constitui como uma troca de saberes entre a instituição de ensino e os setores da sociedade. Essa troca de saberes é efetivada por meio da comunicação na forma do diálogo. Por isso, os estudantes são estimulados a valorizar a anamnese antes do exame físico para conhecer melhor cada paciente e os seus anseios em relação à sua saúde bucal. Ela atualmente tem sido estimulada pelo Ministério da Educação (MEC) dentro das universidades. Desde 2018, quando foi normatizada a resolução CNE/CSE nº 07/2018, 10% da carga horária dos

currículos dos cursos de graduação deverão ser destinados à prática extensionista para promover a

interação das instituições de ensino superior com a sociedade.

Os professores envolvidos no projeto também estão preparados para aprofundar o diálogo entre os discentes e os demais profissionais da equipe multiprofissional dos hospitais parceiros, com o intuito de trazer as experiências vividas em relação ao manejo clínico dos pacientes. Por fim, uma interação dialógica entre a comunidade (pacientes) e a equipe acontece durante as palestras que são ministradas e as consultas clínicas. Vale ressaltar que a participação dos pacientes internados nas instituições parceiras é de natureza inteiramente voluntária, pois esses pacientes, apesar de estarem hospitalizados, gozam da sua capacidade de decisão autônoma preservada e são todos indivíduos adultos.

O projeto Boca Aberta tem focado bastante na interdisciplinaridade e na interprofissionalidade por meio da realização de dois eventos na forma de ciclos de palestras que ocorrem nos meses de março e julho. Esses eventos permitem a troca de saberes e de experiências entre os nossos

estudantes com professores da UFPR e de outras instituições. Sabe-se que a extensão universitária é uma área fortemente caracterizada pela diversidade de conteúdos que envolvem as diferentes áreas do conhecimento, com suporte teórico-acadêmico na perspectiva interdisciplinar. Essa perspectiva é concebida pelos conteúdos envolvidos com a ciência, tecnologia e inovação, cujos estudos e/ou pesquisas têm como eixo norteador o tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão universitária.

A extensão, dentro das universidades, potencialmente constitui um espaço de vivências, de construção da autonomia, de autodesenvolvimento, de autoaprendizagem e de processos individuais mediados pelas inter-relações com a sociedade. A proposta do Projeto Boca Aberta visa ampliar o conhecimento dos nossos estudantes em relação à odontologia hospitalar. Com base no que foi exposto, podemos concluir que a extensão universitária, amparada pelos projetos e programas de extensão, contribui enormemente para a formação dos recursos humanos e para o benefício da sociedade como um todo. ◀

Referências Bibliográficas

- ARANEGA, A. M.; BASSI, A. P. F.; PONZONI, D.; WAYAMA, M. T.; ESTEVES, J. C.; GARCIA JUNIOR, I. R. Qual a importância da odontologia hospitalar? *Revista Brasileira de Odontologia*, v. 69, n. 1, p. 90-93, 2012.
- KHADKA, S.; KHAN, S.; KING, A.; GOLDBERG, L. R.; CROCOMBE, L.; BETTIOL, S. Poor oral hygiene, oral microorganisms and aspiration pneumonia risk in older people in residential aged care: a systematic review. *Age and Ageing*, v. 50, n. 1, p. 81-87, 2021.
- KISELY, S.; SAWYER, E.; SISKIND, D.; LALLOO, R. The oral health of people with anxiety and depressive disorders: a systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders*, v. 200, p. 119-132, 2016.
- LUDOVICHETTI, F. S.; ZUCCON, A.; POSITELLO, P.; ZERMAN, N.; GRACCO, A.; STELLINI, E.; MAZZOLENI, S. Preventive oral hygiene and ventilator-associated pneumonia in paediatric intensive care unit. *European Journal of Paediatric Dentistry*, v. 23, n. 4, p. 298-302, 2022.
- RADOŇ, L.; PAGET-BAILLY, S.; CYR, D.; PAPADOPOULOS, A.; GUIDA, F.; SCHMAUS, A.; CÉNÉE, S.; MENVIELLE, G.; CARTON, M.; LAPÔTRE-LEDOUX, B.; DELAFOSSE, P.; STÜCKER, I.; LUCE, D. Tobacco smoking, alcohol drinking and risk of oral cavity cancer by subsite: results of a French population-based case-control study, the ICARE study. *European Journal of Cancer Prevention*, v. 22, n. 3, p. 268-276, 2013.
- RAPHAEL, C. Oral health and aging. *American Journal of Public Health*, v. 107, S1, p. S44-S45, 2017.
- SHI, Z.; XIE, H.; WANG, P.; ZHANG, Q.; WU, Y.; CHEN, E.; NG, L.; WORTHINGTON, H. V.; NEEDLEMAN, I.; FURNESS, S. Oral hygiene care for critically ill patients to prevent ventilator-associated pneumonia. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 8, p. CD008367, 2013.
- TICIANEL, A. K.; MATOS, B. A. B.; VIEIRA, E. M. M.; RONDON, F. R. C. *Manual de Odontologia Hospitalar*. Cuiabá: Conselho Regional de Odontologia do Mato Grosso, 2000. 32 p.

Construindo um Hospital-Dia: o projeto de extensão Coletivo Núcleo das Psicoses

Bruno Vasconcelos; Alisson Fernando de Almeida Rosa; Aline Martins Disconsi; Marina Gomes Kirst; Luiz Octavio Martins Staudt
Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / CAP - UFRGS
E-mail: vasconcelosbruno451@gmail.com

Resumo

O presente texto visa apresentar o projeto do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica das Psicoses, ou apenas Núcleo das Psicoses (NP), que ocorre na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS (CAP). Sendo assim, buscou-se relatar os dispositivos clínicos utilizados no serviço de saúde, tendo em vista a diversidade de possibilidades de atividades ofertadas pelo NP. Entre elas, oficinas terapêuticas de rádio, música, teatro, escrita e cerâmica, assim como atendimentos individuais, apresentações clínicas de pacientes, eventos e festas. Também se tomou como objetivo elencar algumas das fundamentações teóricas dessa prática. Em especial, considerando a importância da presença de um coletivo que sustenta os espaços ofertados pelo projeto, explorou-se a função da existência dos outros no campo da clínica das psicoses.

Palavras-chave: oficinas terapêuticas; psicanálise; psicoterapia institucional.

Resumen

El presente texto tiene como objetivo presentar el proyecto del núcleo de enseñanza, investigación y extensión en clínica de las psicosis, o simplemente núcleo de las psicosis (NP), que se desarrolla en la

clínica de atención psicológica de la UFRGS (CAP). Así, se busca relatar los dispositivos clínicos utilizados en el servicio de salud, considerando la diversidad de posibilidades de actividades ofrecidas por el NP. Entre ellas se encuentran: talleres terapéuticos de radio, música, teatro, escritura y cerámica, así como atenciones individuales, presentaciones clínicas de pacientes, eventos y celebraciones. También se ha tomado como objetivo enumerar algunas de las fundamentaciones teóricas de esta práctica. En especial, considerando la importancia de la presencia de un colectivo que sostiene los espacios ofrecidos por el proyecto, se exploró la función de la existencia de los otros en el ámbito de la clínica de las psicosis.

Palabras clave: Talleres terapéuticos, Psicoanálisis, Psicoterapia institucional.

Introdução

Sigmund Freud, em seu escrito *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia* (o “caso Schreber”), já pontuava sobre a dificuldade presente para psicoterapeutas não ligados a instituições públicas em acolher casos de pacientes psicóticos, uma vez que, em geral, revela-se necessário um aparato institucional para sustentar o tratamento (FREUD, 2010). Tal dificuldade ocorre principalmente na medida em que se presentifica a experiência de uma transferência massiva na prática clínica diante das psicoses. Isso faz ser difícil falar sobre transferência na psicose sem evocar um *quantum* transferencial considerado individualmente insuportável aos terapeutas, convocando, assim, a incluir outros no tratamento (STAUDT, 2018).

Sendo assim, desenvolve-se a noção de que o cuidado do paciente psicótico deve ser realizado por meio de um referencial múltiplo (OURY, 1996, p. 713). Pois:

O despedaçamento, a “dissociação” das psicoses esquizofrênicas, implica uma referência múltipla, correlacionada com multi investimentos parciais. Dessas observações já podemos deduzir uma certa tendência muito específica do programa de organização dos locais de tratamento. De fato, o respeito a uma multirreferencialidade exige uma heterogeneidade das pessoas responsáveis pelos “atendimentos”, bem como uma grande diversidade dos “locais de vida”.

OURY, 1996, p. 713.

Seguindo essa linha, o psicanalista Jean Oury, ao discorrer sobre a história da psicoterapia no campo institucional, adverte “não se tratar de uma ‘situação’ constituída, mas de um ‘movimento’ que põe em questão práticas e concepções do campo psiquiátrico” (OURY, 1996, p. 709). Isso acontece, pois a psicoterapia institucional não é uma abordagem teórica e técnica propriamente dita e pronta para ser aplicada; pelo contrário, trata-se de um movimento que busca abarcar justamente o “real” da doença mental (OURY, 1996).

[...] a chamada psicoterapia institucional não é uma “técnica” passível de se aplicar, enquanto tal, a diferentes configurações de estabelecimentos psiquiátricos, mas, pelo contrário, está diretamente às voltas com o “real” da doença mental [...].
OURY, 1996, p. 710.

A grosso modo, para a psicanálise, o real difere do que comumente entendemos como realidade, sendo o primeiro referente a tudo aquilo que escapa de ser capturado pelas palavras. Dessa forma, “o real da doença mental” com o qual as intuições se deparam condiz justamente com a singularidade dos sujeitos e dos seus territórios, singularidades essas que constantemente conflitam com universalizações teóricas de cunho pragmático presentes na área da saúde.

Atualmente, na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, o grupo de trabalho nomeado Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Clínica das Psicoses, ou apenas Núcleo das

Psicoses (NP), destina-se, em especial, ao atendimento de pacientes psicóticos e neuróticos graves, como também à formação clínica de estudantes de Psicologia, de profissionais vinculados a atividades de pós-graduação e de extensão e ao desenvolvimento de pesquisas. O Núcleo das Psicoses surgiu como efeito das políticas públicas de desmanicomialização, nas quais se estabelece a criação de serviços substitutivos à internação psiquiátrica. É, deste modo, que a clínica-escola passou a receber pacientes em uma modalidade chamada de hospital-dia, o qual tem como premissa a produção criativa de um cotidiano e uma forte aposta no valor do laço social para a saúde mental dos usuários e seus familiares. Sendo assim, a construção de um hospital-dia em uma clínica-escola aparece:

[...] idealmente como estabelecimento cuja não adesão a uma certa fixidez dos estabelecimentos hospitalares em geral possa vir a concorrer para a produção das condições de escuta, de acolhimento do testemunho dos pacientes psicóticos de algo que ocorre no lugar do Outro. Do ponto de vista da clínica psicanalítica, trata-se da permeabilidade do dispositivo em relação ao instituído, o setting psicanalítico.

STAUDT; D’AGORD, 2020, p. 23.

Partindo disso, o grupo de trabalho se dispôs a começar a estudar e construir alguns dispositivos terapêuticos voltados para os sujeitos estruturados pela via da psicose ou neuroses graves. No momento, entre as atividades do núcleo constam: as oficinas terapêuticas (oficina terapêutica de cerâmica, de escrita, de música, de rádio e de teatro), reuniões de equipe com a totalidade de nosso coletivo, debates teóricos, atendimentos individuais em psicanálise, apresentação clínica psicanalítica de pacientes (em parceria com a Escola de Estudos Psicanalíticos), acompanhamentos terapêuticos, atendimento psiquiátrico, de assistência social, além de espaços de confraternização e festas.



Entrada do Auditório Martha Brizio, onde ocorrem as reuniões e oficinas do Núcleo das Psicoses na sede da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Créditos: Bruno Vasconcelos.

Fundamentação teórico-metodológica

O termo hospital-dia teve seu nascimento na década de 1960 na Argentina, tendo como proposta construir tratamentos coletivos em liberdade e, em paralelo, liberar leitos em hospitais psiquiátricos (ATZORI, 2013). Sua principal finalidade dizia respeito à criação de espaços de convivência. No entanto, após o fechamento desses centros durante o período de ditadura militar na história da Argentina, o Centro de Saúde Mental Ameghino, por meio do reconhecimento de uma demanda presente a partir dos pacientes psicóticos, deu início à prática de um hospital-dia, tendo como referência o viés psicanalítico. Este hospital-dia utiliza-se de oficinas de terapia ocupacional, de expressão corporal, de jornal, literária, de fantoches, de cozinha e de debate de cinema (ATZORI, 2013), propostas um tanto diferentes das desenvolvidas aqui em Porto Alegre hoje.

Tendo como base essa construção de um hospital-dia, destacamos que, para possibilitar que seja, de fato, um dispositivo terapêutico, é necessário estar atento à ética da psicanálise enquanto norteadora dessa prática. Isto é, uma terapêutica institucional na qual a equipe precisa estar com a escuta atenta àquilo que surge enquanto desejo de seus usuários, posto que:

Se a ética da psicanálise é a ética do desejo, é essa posição que o hospital-dia propõe como um dispositivo para o tratamento da psicose. Como um instrumento para que a partir da singularidade de cada paciente se teorize, se delinee a direção de uma cura, e se implementem as possíveis estratégias, não para fazê-lo social, no sentido do amigável, mas para a criação de um possível laço social. O nome hospital-dia pode levar a um mal entendido se o relacionarem com um lugar de ressocialização, de readaptação social, lugar de tempo livre ocupado, ortopedia do eu etc.

ATZORI, 2013. p. 106.

Sendo assim, percebe-se o alinhamento do projeto com o movimento das psicoterapias institucionais, que demonstram uma preocupação em fornecer um atendimento diferente do que se tem em hospitais psiquiátricos com regimes de segregação ambiental, de cunho carcerário, assim como o desejo de “humanizar” as relações, visando permitir um convívio terapêutico de fato (OURY, 1996, p. 710).

Um outro traço importante do nosso trabalho é justamente consolidar a aposta feita na importância do laço social. O núcleo, com todos os seus dispositivos terapêuticos e equipe, atua como oferta de possíveis “locais de vida” (ATZORI, 2013) — locais esses que são construídos singularmente de acordo com o desejo dos usuários, em conjunto com o interesse da equipe de sustentar essa ou aquela atividade. Portanto, sua função terapêutica para aqueles sujeitos em específico se sobressai a qualquer tipo de proposição pedagógica.

Além disso, Contardo Calligaris, nos seminários de Introdução a uma clínica diferencial das psicoses, afirma que costumamos utilizar uma definição negativa do que seria a psicose (CALLIGARIS, 2013). Essa definição é negativa, uma vez que se sustenta na forclusão do nome-do-pai enquanto característica central da estrutura psicótica. Assim:

De fato, haveria então um universal da psicose, a forclusão do nome-do-pai, mas por que poderia haver um universal da psicose? Porque justamente é um universal negativo. O que permite esse universal é a neurose, não é a psicose enquanto tal. O que funda este universal é o que há de universal na neurose (a referência paterna), enquanto faltando.

CALLIGARIS, 2013. p. 24.

Chama atenção que no livro *História da loucura* do filósofo Michel Foucault, o autor também fala sobre uma definição negativa, neste caso, daquilo que usualmente chamamos de loucura. Para ele:

Existe uma certa evidência do louco, uma determinação imediata de seus traços que parece correlativa, justamente, à não-determinação da loucura. Quanto menos precisa é, mais facilmente é reconhecida. Na própria medida em que não sabemos onde começa a loucura, sabemos, através de um saber quase incontestável, o que é o louco.

FOUCAULT, 2017. p. 181.

Todavia, vale a pena destacar a diferença entre os conceitos de psicose e loucura. A psicose caracteriza uma forma de estruturação de defesa do sujeito (estando a forclusão do nome-do-pai atuando para a psicose de forma equivalente ao recalque para a neurose) (CALLIGARIS, 2013). Já o conceito de loucura está intimamente ligado a um saber-poder que atua de forma mais ampla e com uma forte relação às referências de normalidade. Dessa forma, personagens como presos políticos ou suicidas não escapam da lógica manicomial correccional, e muitas vezes aparecem no cenário dos manicômios e internações (FOUCAULT, 2017).

Ademais, Calligaris também fala sobre uma relativa invisibilidade da estrutura psicótica fora de crise, isto é, quando figura fora desse cenário, uma vez que, tendo em vista a lógica descritiva das ciências médicas:

[...] para clínica clássica, se não há fenômenos elementares da crise, quer sejam do lado de manifestações alucinatórias ou do lado da constituição do delírio, não há uma categoria nosográfica de psicose.

CALLIGARIS, 2013. p. 13.

Portanto, pode-se notar que o sujeito estruturado pela via da psicose, em geral, acaba por acessar o campo da saúde mental justamente nos momentos em que extrapola o âmbito da normalidade, isto é, quando é acometido por um episódio de crise. Sendo assim, essa pessoa provavelmente será encaminhada para uma internação psiquiátrica. Essa configuração parece ser problemática, uma vez que, como podemos ver no dia a dia dos trabalhos do núcleo, as oficinas terapêuticas, o atendimento individual e os outros dispositivos possibilitam o acolhimento das demandas dos usuários de forma constante e perene. O dispositivo da apresentação clínica psicanalítica de pacientes, por sua vez, também mostra sua função, dado que, nessa prática, busca-se acolher um testemunho dos pacientes psicóticos. Da forma como é feito no núcleo, tendo como referencial a teoria psicanalítica, observamos algo bem diferente das apresentações de pacientes da psiquiatria clássica, que tomavam esses sujeitos enquanto objeto de estudo. Na apresentação psicanalítica é conferido um lugar de visibilidade e importância diante do outro, buscando dar valor para suas palavras, delírios, alucinações e seu saber (STAUDT; D'AGORD, 2020).

Resultados

Aqui, acho importante ressaltar que o interesse pela proposta do núcleo enquanto extensionista deve-se ao contato com diversos usuários com trajetórias marcadas por internações psiquiátricas e episódios

de crise que, todavia, após terem encontrado o espaço do hospital-dia, permanecem longos anos sem nenhuma nova recorrência. A possibilidade de dar lugar ao desejo parece conduzir a uma promoção de saúde. Ademais, sendo as oficinas primordialmente pautadas pela produção de objetos específicos relacionados ao tema da respectiva oficina, esses servem como mediação fundamental para o incremento do laço social desses sujeitos, que, via de regra, se encontram em situação de vulnerabilidade social em decorrência de suas dificuldades com o discurso vigente.

Freud destaca que “tanto para a neurose como para a psicose há a considerar não apenas a questão da perda da realidade, mas também de uma substituição da realidade” (FREUD, 2011, p. 22). Penso que esse tem sido um grande erro ao pensar a psicose, pois o grande enfoque na perda da realidade, no que está “disfuncional”, muitas vezes fica à frente daquilo que se constitui enquanto metáfora e delírio, onde pode surgir algo novo.

Tania Rivera (2023) repensa o conceito de delírio, partindo de suas origens freudianas e psicopatológicas de reconstrução do tecido da realidade no contexto da psicose, para pensá-lo como mecanismo central de qualquer fazer artístico que revire os eixos imaginários vigentes. Nessa esteira, cultivar um espaço de socialização do delírio na arte e da arte que delira é uma forma de possibilitar o advento de sujeitos autores de suas produções artísticas.

O laço social, nesse momento, auxilia justamente nesse sentido que se dá para esses locais de vida, visto que também gera um compromisso com ser ator, radialista, ceramista, entre outras coisas, pois, em contraponto ao que seria um “fazer de conta”, se constrói de fato uma rádio, uma exposição, um livro, um conjunto de músicas ou uma revista que circulam pelas mãos do Outro e de outros (em especial com a UFRGS, instituição com a qual muitos oficinas possuem uma transferência).

Exemplos disso são as participações do núcleo no

salão de extensão dos últimos anos e os eventos feitos na própria clínica. No ano de 2023, foi montada uma exposição das produções das oficinas no centro cultural da UFRGS. A exposição contou com conjuntos de esculturas de cerâmica, varal com textos da oficina de escrita, livros publicados por usuários, assim como apresentação em grupo das composições originais da oficina de música e, ainda, prática de oficina de rádio ao vivo, temática dos projetos presentes no salão de extensão.

Já no ano de 2023, foi iniciado um projeto de criação do acervo de cerâmicas do Núcleo. Inicialmente, ocorreu uma reunião de esforços para a organização do espaço físico onde eram guardadas as cerâmicas e a separação destas de acordo com

a autoria. A partir desse momento, as produções de cada afinando passaram a ser catalogadas e arquivadas com título e data. Tal acontecimento gerou efeitos inesperados na oficina, como a criação de pseudônimos por alguns afinandos e modificações no próprio estilo de modelagem das cerâmicas. O resultado desse trabalho é a criação do site do Acervo Digital de Cerâmicas do Núcleo, contando com as produções em cerâmica fotografadas e catalogadas.

Sobre os eventos feitos na clínica, duas vezes por ano é realizada uma festa de confraternização do coletivo, sendo estas abertas ao público. É um momento que envolve a equipe da clínica, os usuários dos serviços, seus familiares e amigos,



Parede de cerâmicas na sede da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS.

Créditos: Bruno Vasconcelos.



Entrada do acervo de cerâmicas da oficina.
Créditos: Bruno Vasconcelos.



Raiz. Monstrinho (2024). Disponível em: <https://acervoceramicascap.blogspot.com/>
Créditos: Marina Gomes Kirst.

assim como antigos usuários que retornam para a ocasião. No meio do ano, a festa é de temática julina. Nesses eventos, monta-se um lanche coletivo, a exposição das produções de oficinas, o público assiste a curtas da oficina de teatro e ainda pode participar do lançamento de revistas, livros ou músicas. Por fim, todo ano é confeccionada a revista *Relatividade*, com produções da oficina de escrita, assim como a rádio, que se chama *Café da Tarde*, disponibiliza episódios semanalmente no YouTube.

Considerações finais

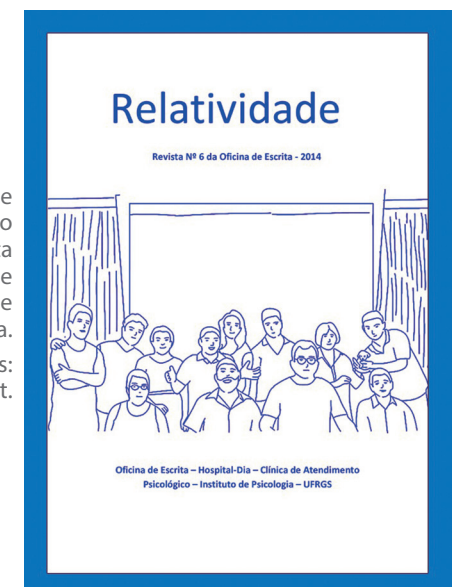
O trabalho de elaboração singular das oficinas terapêuticas pode ser pensado em contraponto a uma demanda normativa de adequação, assim como a produção de laços sociais proporcionada pelo convívio e atuação do coletivo surge como uma boa forma de produção de autonomia. Assim, o coletivo do Núcleo das Psicoses e seus dispositivos, como o coletivo da clínica La Borde, criada pelo psiquiatra e psicanalista Jean Oury, mostra sua importância na medida em que:

Esse “coletivo” produz a possibilidade de salvar um certo grau de liberdade e iniciativa, e portanto de contatos, mas, ao mesmo tempo, de

“eventos”. Produzimos eventos. Até as menores coisas que sucedem na vida podem tornar-se um “evento” para alguém que está em derrelição, podendo então esse evento, pela tradução que se fornece dele, ser utilizado pelo sujeito para adquirir uma singularidade eficaz. “Eficaz” no sentido de poder criar, dentro e através da rede institucional, trocas, encontros etc. Isso permite a cada um, havendo todos esses sistemas de redes transferenciais, aceder momentaneamente a uma reemergência de si.

OURY, 1996. p. 719.

Capa de uma edição da revista *Relatividade* da oficina de Escrita.
Créditos: Luiz Staudt.



Referências Bibliográficas

- ATZORI, S. Hospital-dia. In: BRIZIO, M. (org.). *Psicose e emergência do sujeito: leituras psicanalíticas em uma clínica escola*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.
- CALLIGARIS, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- FREUD, S. A perda da realidade na neurose e psicose. In: _____. *Obras completas*, v. 16: *O eu e o id, "Autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- OURY, J. Psicanálise & psiquiatria e psicoterapia institucionais. In: KAUFMANN, P. (org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- RIVERA, T. *Lugares do delírio: arte e expressão, loucura e política*. São Paulo: Edições SESC São Paulo; n-1 edições, 2023.
- STAUDT, L. O. M.; D'AGORD, M. R. L. Para além da fantasia: contribuições psicanalíticas para o tratamento possível das psicoses no hospital-dia. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 1, p. 6-37, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382020000100001. Acesso em: 30 out. 2023.
- STAUDT, L. O. M. *Transferência e psicose: a psicanálise no hospital-dia*. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicanálise: Clínica e Cultura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/181424>. Acesso em: 30 out. 2023.



Fotografia e Cuidado: relato de experiência do projeto de extensão “Fotofalante” na formação em saúde

Fabiane Machado Pavani¹; Vitória Gandolphi de Souza¹; Rogério Dias Gonçalves²; Letícia Vaz da Silva²

¹ Escola de Enfermagem e de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - EENFSC/UFRGS

² Hospital Nossa Senhora da Conceição (HNSC - GHC) e Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil - CAPSij
E-mail: vgandolphi2003@gmail.com

Resumo

Aborda a experiência do projeto de extensão “Fotofalante”, uma oficina de fotografia realizada em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij), e destaca o seu papel na formação profissional em saúde. A experiência ocorreu entre junho de 2024 e fevereiro de 2025. Trata-se de um relato de experiência, estudo do tipo descritivo, sobre uma extensão vinculada ao curso de Enfermagem da UFRGS. Verificou-se que a oficina de fotografia é uma ferramenta inovadora no cuidado em saúde mental, proporcionando um espaço de expressão singular, flexível e significativo aos adolescentes. O Método Photovoice permite uma escuta sensível e favorece a compreensão das necessidades individuais, além de apresentar formas de conduzir o trabalho em equipe e interdisciplinar em saúde. O projeto estabelece um espaço de cuidado e exemplifica caminhos para a efetivação dos princípios de equidade, universalidade e integralidade no cuidado em saúde mental na prática do cuidado na perspectiva da atenção psicossocial infantojuvenil.

Palavras-chave: Saúde Mental; Saúde do Adolescente; Desenvolvimento do Adolescente; Serviços de Saúde Mental; Autonomia Pessoal.

Resumen

Aborda la experiencia del proyecto de extensión “Fotofalante” un taller de fotografía realizado en un Centro de Atención Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij) y destaca su papel en la formación profesional en salud. Se trata de un relato de experiencia, estudio de tipo descriptivo, sobre una extensión vinculada al curso de Enfermería de la UFRGS. La experiencia que tuvo lugar entre junio de 2024 y febrero de 2025. Se verificó que el taller de fotografía es una herramienta innovadora en el cuidado en salud mental, proporcionando un espacio de expresión singular, flexible y significativo para los adolescentes. El Método Photovoice permite una escucha sensible y favorece la comprensión de las necesidades individuales, además de presentar formas de conducir el trabajo en equipo e interdisciplinario en salud. El proyecto establece un espacio de cuidado y ejemplifica caminos para la efectividad de los principios de equidad, universalidad e integralidad en el cuidado en salud mental en la práctica del cuidado desde la perspectiva de la atención psicossocial infantojuvenil.

Palabras clave: Salud Mental; Salud del Adolescente; Desarrollo del Adolescente; Servicios de salud mental; Autonomía Personal.

Introdução

O projeto de extensão abordado neste relato, intitulado Fotofalante: *Oficina de Fotografia no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil*, está vinculado ao curso de Enfermagem de uma universidade pública brasileira, em parceria com dois CAPSij. Também chamado de Oficina *Photovoice*, o projeto envolve a realização de encontros semanais com adolescentes acompanhados pelos CAPSij, nos quais são abordados diferentes tipos de câmeras fotográficas, seus modos de manuseio, a prática de captura de imagens, além da identificação e discussão de percepções individuais e coletivas. Também são exploradas estratégias para o compartilhamento da produção dos participantes.

Os CAPSij são serviços que oferecem acolhimento, tratamento e cuidado em saúde mental a crianças e adolescentes de zero a 18 anos, com sofrimento psíquico grave ou moderado, de forma humanizada, por meio da atuação de uma equipe interdisciplinar (Brasil, 2014). Esses centros são dispositivos fundamentais na implementação da política de cuidado em saúde mental antimanicomial, promovendo práticas substitutivas às abordagens biomédicas e medicalizantes, que frequentemente reduzem os usuários ao seu sofrimento psíquico ou transtorno mental (Silva *et al.*, 2023).

Na esteira de transformações nos serviços e práticas em saúde mental, a partir da Reforma Psiquiátrica Brasileira (RPB), tornou-se evidente a necessidade de promover um cuidado especializado voltado à população infantojuvenil. Esse cuidado deve considerar as particularidades dos adolescentes e pré-adolescentes atendidos pelos CAPSij, reconhecendo suas demandas específicas em relação às das crianças também assistidas por esse serviço. Para isso, um dos aspectos fundamentais do CAPSij é sua capacidade de adaptação e flexibilidade na criação de espaços acolhedores e potentes para o cuidado em saúde mental. Trata-se do conceito de plasticidade nos serviços de saúde mental, que se refere à capacidade de adaptar as ofertas de cuidado às necessidades e demandas específicas que os usuários apresentam (Pavani *et al.*, 2022).

A construção e o desenvolvimento de grupos, oficinas e intervenções conforme as necessidades dos adolescentes são práticas fundamentais nas equipes que atuam nos CAPSij. Essa abordagem reflete, a um só tempo, os princípios da RPB e do Sistema Único de Saúde (SUS), que buscam oferecer um cuidado em rede, territorializado, intersetorial, respeitando as singularidades de cada sujeito (Tavares, 2020).

Assim, a flexibilização e a plasticidade nas práticas e na criação de espaços de acolhimento e escuta são estratégias essenciais para fortalecer

o protagonismo dos adolescentes no processo de cuidado em saúde mental (Mello, 2021).

Dessa forma, este relato de experiência tem como objetivo compartilhar a vivência da oficina de fotografia em um CAPSij, *Fotofalante*, destacando-a como um processo de formação profissional na área da saúde. No contexto da Enfermagem, essa experiência pode contribuir para o aprimoramento da profissão, oferecendo subsídios para embasar as práticas de cuidado em saúde mental na perspectiva da atenção psicossocial infantojuvenil, promovendo uma atuação integrada e centrada nos adolescentes.

Método

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência. O projeto *Fotofalante* configura-se como um projeto de extensão vinculado ao curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A extensão universitária é um processo educativo, cultural e científico que integra ensino, pesquisa e extensão, promovendo o intercâmbio entre universidade e sociedade. Por sua vez, tem caráter educativo, cultural, científico ou tecnológico e visa à aplicação do conhecimento acadêmico com impacto social, em benefício da comunidade, ao mesmo tempo em que enriquece a formação dos universitários participantes, incentivando uma atuação profissional crítica e comprometida com a realidade (Pavani, 2025).

Em sua terceira edição, o projeto tem origem em uma pesquisa realizada em 2022 sobre a coprodução de autonomia no cuidado em saúde mental, que teve como referencial teórico-metodológico o Método *Photovoice*, um percurso de pesquisa qualitativa participativa que, ao usar a ação de fotografar e discutir as imagens, promove a reflexão sobre preocupações e problemas identificados por um grupo de pessoas ou comunidade. O estudo evidenciou que esse método, além de ser uma estratégia de investigação, também pode atuar como uma ferramenta de cuidado em saúde mental para

adolescentes (Pavani *et al.*, 2024).

Destaca-se que as ações do projeto têm fortalecido a tríade da universidade pública — ensino, pesquisa e extensão — ao se originar de uma investigação acadêmica e se sustentar como projeto de extensão. Além disso, tornou-se uma ferramenta no ensino-aprendizagem, ao ser uma atividade realizada nas aulas práticas da disciplina Cuidado de Enfermagem em Saúde Mental II do curso de Enfermagem da UFRGS.

O projeto *Fotofalante* tem sido desenvolvido nos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, que conta com 15 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) de diferentes modalidades, dos quais três são para crianças e adolescentes. Nesse contexto, a Oficina *Photovoice* é realizada em dois CAPSij no município: Pandorga e Casa Harmonia.

O CAPSij Casa Harmonia, em funcionamento desde 2002, atende crianças e adolescentes das regiões Centro, Sul, Centro-Sul e Restinga/Extremo-Sul da capital, com uma equipe multiprofissional de 12 profissionais. Desde março de 2023, a Oficina *Photovoice* é conduzida por acadêmicos de Enfermagem da UFRGS, sob supervisão docente e de uma enfermeira do serviço. Já o CAPSij Pandorga, ativo desde 2010, atende as regiões Norte, Noroeste e Nordeste da capital, com uma equipe de 20 profissionais.

A oficina foi iniciada em agosto de 2022 e, atualmente, é conduzida por dois profissionais da equipe, contando também com uma bolsista do curso de Saúde Coletiva. Com base nisso, este relato se dedica a compartilhar a experiência da bolsista no projeto *Fotofalante* no ano de 2024, atuando principalmente na Oficina *Photovoice* realizada no CAPSij Pandorga.

Foram utilizadas as técnicas de observação participante e notas de campo. A observação participante permite uma maior aproximação e compartilhamento de experiências entre os envolvidos.

Compreendem-se como notas de campo os registros e artefatos, como as fotografias, realizados durante as atividades no CAPSij, como visitas a parques, shoppings, museus etc. (Cardano, 2017).

Por se tratar de um relato que compartilha a experiência do projeto de extensão sob a ótica da acadêmica e bolsista do projeto, sobretudo no que se refere às reflexões durante sua vivência e à relevância em seu processo formativo, não são incluídos dados e informações que possam identificar o público-alvo, dispensando-se a necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Descrição da experiência

As vivências no projeto de extensão iniciaram em junho de 2024, após a realização do processo de seleção da bolsista. Normalmente, tanto a seleção quanto o início das atividades com bolsista ocorrem no mês de maio de cada ano. No entanto, devido às enchentes que atingiram o estado, incluindo a cidade de Porto Alegre, ambos precisaram ser adiados, em conformidade com o calendário acadêmico. Ademais, trata-se da primeira vez que o projeto foi contemplado com uma bolsista via edital de fomento à extensão universitária.

Ao ingressar no projeto, a oficina estava configurada da seguinte forma: iniciava-se como um espaço de encontro e diálogo, no qual os adolescentes eram protagonistas no compartilhamento de como havia sido a semana; questões e preocupações eram frequentemente trazidas de forma espontânea. Após, eram convidados a comentar sobre a captura de imagens, se haviam conseguido realizar ou não, principais dificuldades e/ou como agiram para solucionar/superar, sem tema proposto previamente.

Ressalta-se que as imagens eram fotografadas em câmeras digitais, adquiridas por doações ou compradas pela coordenadora do projeto, e compartilhadas com a equipe do CAPSij, que se tornava responsável por organizar e realizar a manutenção dos equipamentos. Além disso, o processo de conhecimento, aprendizado e manuseio

das câmeras foi realizado nas primeiras semanas em que o grupo de adolescentes foi formado, por indicação dos profissionais de acordo com desejo e indicação no tratamento.

Em um primeiro momento, os adolescentes exercitavam a captura das imagens no próprio ambiente do CAPSij, com auxílio dos profissionais e da acadêmica bolsista, para eventuais dúvidas como funções, flash, enquadramento, foco, zoom e carregar a bateria. Após adquirirem habilidades básicas, era negociado o empréstimo das câmeras aos adolescentes para que pudessem levar para casa e fotografar o que tivessem vontade e fizesse sentido para eles. Essa combinação era realizada de forma a favorecer a autonomia, confiança e aproximação entre os condutores (equipe do CAPSij e bolsista) e a realidade dos adolescentes. Cada adolescente escolhia uma câmera para ser utilizada durante sua permanência na oficina; às vezes, eles trocavam entre si para que todos pudessem manusear câmeras diferentes, assim como revezar o uso por todos.

Sendo assim, ao sinal positivo dos adolescentes de desejo em compartilhar as imagens fotografadas por eles durante a semana, selecionavam quais e quantas gostariam de compartilhar e as expunham por meio da televisão, notebook ou tablet disponível no CAPSij.

A partir das imagens, comentava-se sobre o cenário e o contexto nos quais foram fotografadas. A família, a escola, a casa e os amigos eram comumente mencionados nesse momento, uma vez que eram enfatizados nas imagens, a exemplo da sequência de imagens fotografadas durante o período de enchente e compartilhadas por uma adolescente logo após, as quais retratavam o percurso feito por ela ao sair e retornar para casa. Trata-se da realidade e do lugar social em que o profissional muitas vezes não tem acesso a um atendimento tradicional biomédico.

Para aqueles que não se sentiam à vontade de compartilhar, a estratégia era outra. À medida

que os encontros aconteciam, eram incentivados a compartilhar coisas que lembrassem o grupo e construídas outras estratégias, descritas a seguir, como forma de contribuir com o objetivo da oficina de expressar sentimentos, pensamentos e reflexões a partir das fotos e, portanto, de cuidado em saúde mental.

Somado a isso, destaca-se que, entre os meses de julho e outubro de 2024, foram realizadas atividades externas ao espaço do CAPSij, nas quais os adolescentes praticaram esportes ao ar livre, como futebol e vôlei, caminharam nos parques da região e visitaram três shoppings próximos, incluindo as livrarias presentes nesses locais. Inicialmente, essas saídas do CAPSij eram realizadas para que os adolescentes fotografassem ambientes diferentes, mas durante a oficina e acompanhados pelos profissionais e bolsista. No entanto, percebeu-se que, além de estimularem a atividade física, essas ações também eram muito desejadas pelos participantes, uma vez que facilitavam a visita a lugares aos quais tinham dificuldade em frequentar por questões familiares, econômicas e sociais.

Em setembro, o projeto de extensão foi apresentado no 25º Salão de Extensão UFRGS 2024, evento promovido pela Pró-Reitoria de Extensão que visou à divulgação e integração das atividades que são

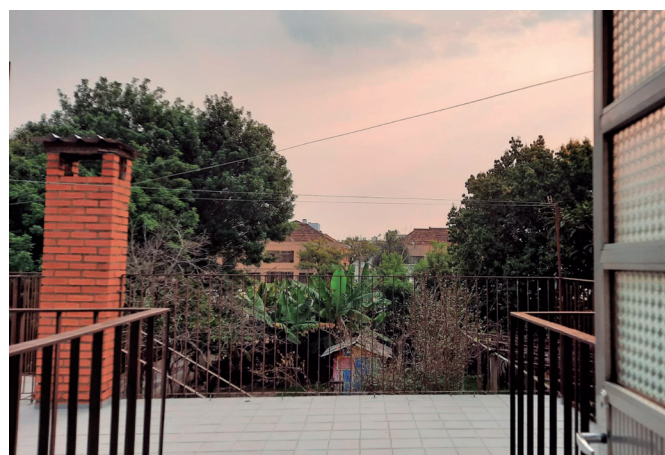


Figura 1 - Terraço do CAPSij.
Fonte: Acervo da bolsista.

Figura 2 - Espaço do Centro Cultural da UFRGS, visitado durante o projeto.
Fonte: Acervo da bolsista.

desenvolvidas pela Universidade, possibilitando momentos de reflexão e discussão sobre o fazer extensionista em um ambiente de troca e debates entre a comunidade acadêmica e a sociedade. A bolsista apresentou o seu trabalho na Oficina Photovoice na modalidade Tertúlia, na qual foram reunidas pessoas interessadas em um mesmo tema para debate e compartilhamento de informações, após breve apresentação do trabalho desenvolvido, privilegiando a aprendizagem e contribuições a partir da troca de ideias e experiências. No mesmo contexto acadêmico, em outubro o projeto também foi apresentado no Grupo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental da UFRGS.

Ainda em setembro, a equipe do CAPSij foi convidada a elaborar alguma exposição, relato ou apresentação de uma prática de cuidado que ocorria no serviço para compartilhar no evento da instituição, a qual é responsável pela gestão do CAPSij. O evento se tratava do Setembro Amarelo,



com isso toda a equipe se reuniu e indicou a Oficina Photovoice como experiência a ser exposta. Para isso, no dia 6 de setembro, os adolescentes auxiliaram na construção de um banner com imagens fotografadas por participantes de edições anteriores, enquanto escutavam músicas escolhidas por eles.



Figura 3 - Praça visitada durante o projeto de extensão.
Fonte: Acervo da bolsista.

Em outubro, conforme o método Photovoice, propõe-se um momento em que os participantes possam conversar sobre o destino das imagens. Os profissionais e a bolsista instigaram os adolescentes a conversarem sobre o que gostariam de realizar com as imagens produzidas, podendo resultar em diferentes opções: compartilhar ou não. Essa proposta também sinalizaria como esta edição da oficina e do projeto seria finalizada. Os adolescentes decidiram que cada um gostaria de desenvolver

um fotolivro ou *scrapbook*, no qual colocariam as imagens fotografadas por eles e produziram desenhos e outros tipos de artes.

Os adolescentes tiveram acesso a todas as imagens fotografadas por eles no formato físico, isto é, impressas, assim como às ferramentas para construção da atividade, como itens de papelaria (canetas, adesivos, papéis coloridos, carimbo, cortador de papel). A atividade de montagem do *scrapbook* iniciou-se em 18 de outubro e terminou em 6 de dezembro de 2024.

Em novembro, os dois membros da equipe do serviço, a bolsista e a professora foram convidados a visitar um CAPSij da região metropolitana de Porto Alegre. O convite surgiu do interesse da equipe desse serviço em conhecer mais sobre a experiência da Oficina Photovoice, com vistas a implementá-la. Durante a visita, foram compartilhados aprendizados, desafios e adaptações, bem como as possibilidades de colaboração entre as equipes dos CAPSij.

No mesmo mês, uma atividade bem diferente das que o grupo estava acostumado a realizar ocorreu: uma visita à exposição denominada “Transparência e Opacidade: Fotografia na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo”, no Centro Cultural da UFRGS, um ambiente ainda desconhecido pelos adolescentes, e que gerou a experiência de deslocar-se do CAPSij à Universidade de maneira coletiva no transporte público municipal.

Em dezembro foi o mês de finalização das atividades da oficina em 2024 e dessa edição do projeto Fotofalante, em que ocorreu uma confraternização com os participantes. Na ocasião, reforçou-se a oficina como um espaço protegido de diálogo e compartilhamento entre os adolescentes e a construção do cuidado em saúde mental.

Principais resultados alcançados

Os principais resultados e reflexões alcançados, por meio da participação no projeto, destacam as diferentes formas de garantir a construção

do cuidado em saúde mental de forma singular, flexível e que faça sentido aos adolescentes. O método Photovoice também favoreceu esse olhar personalizado, assim como fortaleceu a compreensão das necessidades específicas de cada adolescente.

A experiência demonstrou que as escolhas envolvidas no processo, desde a seleção da câmera até a definição do cenário ou do momento ideal para a fotografia, podem repercutir no desenvolvimento da tomada de decisão e do senso de responsabilidade do adolescente. Assim, esse processo possibilita a coprodução de autonomia deles, sobretudo por auxiliar para que expressem suas perspectivas e exercitem sua capacidade de fazer escolhas dentro e fora das oficinas. O contato com a tecnologia, por meio do uso de câmeras digitais, proporcionou aos adolescentes não apenas o aprendizado técnico-profissional – com potencial aplicação no mercado de trabalho –, mas também o fortalecimento do protagonismo juvenil, ao estimulá-los a dialogar sobre suas fotografias.

Nesse contexto, entende-se que o projeto de extensão desempenhou um papel fundamental na inserção digital de alguns adolescentes, ao mesmo tempo em que ampliou seu acesso aos diversos espaços do meio urbano. A possibilidade de transitar pela cidade e explorar ambientes como praças, parques, shoppings, museus e a Universidade contribuiu para a vivência e uma maior inclusão social, garantindo o direito ao acesso a esses espaços.

Essas características reforçam os princípios do SUS – equidade, universalidade e integralidade – que, inicialmente discutidos em aulas teóricas, foram vivenciados e praticados no contexto do cuidado em saúde durante as oficinas. Logo, as reflexões surgidas ao longo da vivência da bolsista no CAPSij e da experiência com o projeto Fotofalante demonstraram um alinhamento essencial com os valores do SUS, contribuindo para a formação profissional dos envolvidos e para sua atuação qualificada no âmbito da saúde pública.

Em sua primeira edição, em 2022, quatro adolescentes participaram do projeto em um único CAPSij, enquanto a edição seguinte, em 2023, contou com 12 participantes nos dois CAPSij. Na edição relatada, de 2024, a quantidade de público-alvo participante foi de aproximadamente 15 pessoas. Atualmente, 21 adolescentes vivenciam o Fotofalante.

Limitações da experiência

Desafios logísticos do serviço, como a baixa adesão dos participantes em determinados momentos e dificuldades na aquisição de câmeras e outros equipamentos, dificultaram o pleno desenvolvimento das oficinas. Para minimizar isso, foram realizadas adaptações e estratégias alternativas para a continuidade das atividades, como o revezamento das câmeras para uso. Ressalta-se que essas questões logísticas sobre os equipamentos remetem ao desafio para a Universidade no que tange à equidade e prioridade, em comparação ao pilar da pesquisa científica, no apoio e financiamento da extensão universitária, bem como na sua falta de valorização tanto na formação dos novos profissionais quanto na carreira de professores e técnicos administrativos extensionistas.

Contribuições para a prática

Diante das vivências relatadas, o projeto Fotofalante, por meio da oficina de fotografia, tem ampliado as formas de acessar os adolescentes e suas linguagens no contexto do cuidado em saúde mental. Essa abordagem permitiu identificar diversas situações em que os adolescentes apresentavam dificuldades de comunicação durante os atendimentos, sem que os motivos fossem inicialmente compreendidos. Tem possibilitado um maior conhecimento sobre seus contextos socioeconômicos, evidenciando a necessidade de encaminhamentos que ultrapassam o CAPSij e o setor da saúde, muitas vezes demandando uma rede intersetorial.

Além disso, entende-se que o projeto tem inspirado

outros CAPSij a se aproximarem dessa experiência e contribuído para a implementação da Oficina Photovoice. Ao mesmo tempo, promoveu uma maior integração entre as equipes de diferentes CAPSij da região, tão importante para fortalecer a atenção psicossocial infantojuvenil.

Em relação às experiências extensionistas, o projeto tem oportunizado aos diferentes acadêmicos de Enfermagem, mas não somente, a prática dos conhecimentos adquiridos na Universidade e um entendimento mais aprofundado sobre o funcionamento do CAPSij. Essa vivência tem contribuído significativamente para a formação de futuros profissionais de saúde, fortalecendo sua preparação para atuar no SUS, a partir das experiências vivenciadas nos próprios serviços deste.

Considerações finais

O projeto de extensão Fotofalante demonstrou-se uma experiência significativa tanto para os adolescentes atendidos pelo CAPSij quanto para

a formação da acadêmica envolvida. A utilização do método Photovoice, por sua vez, possibilitou o conhecimento de uma ferramenta de pesquisa que pode ser utilizada na construção de um espaço de cuidado em saúde mental que favorece a autonomia e o protagonismo juvenil. Além disso, a iniciativa permitiu ampliar a acessibilidade dos adolescentes a diferentes espaços urbanos, promovendo sua inclusão sociocultural.

O relato dessa experiência também exemplifica caminhos para assegurar, na prática do cotidiano, os princípios de equidade, universalidade e integralidade no cuidado. Por fim, apesar dos desafios logísticos enfrentados, o projeto tem se consolidado como um importante recurso de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para a formação em saúde na perspectiva da atenção psicossocial infantojuvenil.

Agradecimentos: Agradecemos às equipes dos CAPSij envolvidos no projeto por auxiliarem na construção e na continuidade do projeto. ◀

Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Saúde; CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. *Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos*. Brasília: Conselho Nacional do Ministério Público; Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_psicossocial_crianças_adolescentes_sus.pdf. Acesso em: 10 set. 2025.
- SILVA, T.; CAVALCANTE, A.; MACHADO, L.; LIMA, I. A colaboração interprofissional como estratégia de cuidado antimanicomial. *Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. 1733–1740, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.16891/2317-434X.v11.e1.a2023.pp1733-1740>. Acesso em: 10 set. 2025.
- PAVANI, F. M.; WETZEL, C.; OLSCHOWSKY, A.; SILVA, A.; NUNES, C. Especificidades no cuidado em saúde mental de adolescentes no Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil. *Saúde e Desenvolvimento Humano*, v. 10, n. 3, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.18316/sdh.v10i3.8784>. Acesso em: 10 set. 2025.
- TAVARES, J. N. O cuidado psicossocial no campo da saúde mental infantojuvenil: desconstruindo saberes e reinventando saúde. *Saúde em Debate*, v. 44, n. 127, p. 1176–1188, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202012717>. Acesso em: 10 set. 2025.
- MELLO, R.; SCHNEIDER, J.; NASI, C. The significance of the nursing actions in psychiatric hospitalization of female adolescent users of psychoactive substances. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 42, e20200011, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200011>. Acesso em: 10 set. 2025.
- PAVANI, D. B. *Edital do Programa de Bolsas de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. Porto Alegre: UFRGS, 2025. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/proext/apoio-a-extensao/bolsas/>. Acesso em: 10 set. 2025.
- PAVANI, F. M.; WETZEL, C.; OLSCHOWSKY, A.; FERREIRA, K. G. Coproduzindo autonomia dos adolescentes no cuidado em saúde mental a partir da Oficina Photovoice. *Ciência & Saúde Coletiva*, ago. 2024. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/coproduzindo-autonomia-dos-adolescentes-no-cuidado-em-saude-mental-a-partir-da-oficina-photovoice/19354?id=19354&id=19354>. Acesso em: 10 set. 2025.
- CARDANO, M. Métodos qualitativos para pesquisa em saúde. *Journal of Nursing and Health*, v. 7, n. 3, 2017. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/bdenf/2017/bde-33406/bde-33406-637.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.



Quase 30 anos impactando vidas: o legado de um projeto de extensão em primeiros socorros

Daniel Francisco Ferreira de Oliveira; Rafaela Figueiredo Rodrigues; Verônica Ferreira Magalhães; Tiago Marques dos Reis; Sônia Aparecida Figueiredo.
Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL/MG
E-mail: daniel.francisco@sou.unifal-mg.edu.br

Resumo

O Projeto de Extensão “Primeiros Socorros” da UNIFAL-MG celebra quase 30 anos de existência, sendo seu principal objetivo a disseminação dos primeiros socorros por meio de capacitações baseadas em protocolos atualizados para o atendimento de emergências. As metodologias ativas, como simulações realísticas e estudos de caso, foram empregadas para promover um aprendizado dinâmico e interativo. Nesse período, o projeto capacitou cerca de 19.231 pessoas, entre acadêmicos, profissionais da saúde, educadores, instrutores, empresas e população em geral. Em sua trajetória, o projeto foi agraciado com três premiações, publicou um capítulo de livro e participou de 19 eventos científicos. Seus resultados contribuíram para salvar vidas, reduzir complicações e formar multiplicadores. O projeto também contribui para a formação acadêmica e cidadã de seus membros e para a promoção da saúde, alinhando-se aos Objetivos

de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU: ODS 3 (Saúde e Bem-Estar) e ODS 4 (Educação de Qualidade).

Palavras-chave: primeiros socorros, educação em saúde, interação social, emergências.

Resumen

El Proyecto de Extensión “Primeros Auxilios” de UNIFAL-MG celebra casi 30 años de existencia, y su principal objetivo es difundir los primeros auxilios mediante una formación basada en protocolos actualizados para la atención de emergencias. Se han utilizado metodologías activas, como simulaciones realistas y estudios de casos, para promover un aprendizaje dinámico e interactivo. Durante este periodo, el proyecto ha formado a unas 19.231 personas, entre académicos, profesionales sanitarios, educadores, formadores, empresas y público en general. El proyecto ha ganado tres premios, ha publicado un capítulo de libro y ha participado en 19 eventos científicos. Sus resultados han ayudado a salvar vidas, reducir complicaciones y formar multiplicadores. El proyecto también contribuye a la formación académica y ciudadana de sus miembros y a la promoción de la salud, en línea con los Objetivos de Desarrollo Sostenible de la Agenda 2030 de la ONU: ODS 3 (Salud y Bienestar) y ODS 4 (Educación de Calidad).

Palabras clave: primeros auxilios, cursos de capacitación, interacción social, urgencias médicas.

Introdução

Os primeiros socorros compreendem um conjunto de procedimentos essenciais para a prestação de atendimento inicial em situações de emergência, visando prevenir complicações e aumentar as chances de sobrevivência das vítimas. Apesar da simplicidade de muitas dessas ações, o acesso da população brasileira a esse tipo de conhecimento ainda é limitado. Um estudo realizado por Machado *et al.* (2024) com adolescentes do ensino médio indicou que, embora uma parte dos estudantes tivesse algum conhecimento sobre primeiros socorros, a maioria apresentou informações incompletas ou incorretas, evidenciando a necessidade de ações educativas. Adicionalmente, Rodrigues *et al.* (2023) analisaram o conhecimento de professores sobre primeiros socorros no ambiente escolar, concluindo que muitos profissionais de ensino possuem conhecimentos limitados, mas que capacitações específicas podem melhorar significativamente esse cenário. Esses

dados apontam para a persistente lacuna na formação da população em temas tão cruciais para a saúde pública.

Essa carência de capacitação é agravada pela insuficiência da abordagem do tema na formação de profissionais da área da saúde, restringindo-se, em geral, a alguns cursos e iniciativas isoladas, como projetos de extensão universitária (Bomfim *et al.*, 2022; Rocha *et al.*, 2023). Nesse contexto, iniciativas de extensão universitária têm um papel fundamental na promoção da educação em saúde, contribuindo para a democratização do conhecimento e fortalecendo o vínculo entre universidade e sociedade. Ademais, ressalta-se que, no Brasil, a Lei nº 13.722/2018, conhecida como Lei Lucas, tornou obrigatória a capacitação de profissionais da educação básica em primeiros socorros, evidenciando a importância desse conhecimento no ambiente escolar.

Em 1996, a Professora Dra. Verônica Ferreira Magalhães criou na Universidade Federal de

Alfenas (à época ainda denominada Escola de Farmácia e Odontologia de Alfenas - EFOA) o Projeto de Extensão “Primeiros Socorros”, com o objetivo de disseminar informações e capacitar diversos públicos para o atendimento inicial em emergências. O projeto se consolidou como uma estratégia educativa fundamentada em uma abordagem teórico-prática, utilizando linguagem acessível e metodologias adaptadas às necessidades específicas de diferentes grupos sociais (Vázquez, 2019).

As capacitações promovidas abordaram conteúdos fundamentais, como parada cardiorrespiratória, atendimento a vítimas politraumatizadas, técnicas de desobstrução de vias aéreas, manejo de fraturas, queimaduras, hemorragias, intoxicações, acidentes com animais peçonhentos e afogamentos, em consonância com as diretrizes da American Heart Association (AHA, 2024). As atividades buscaram, assim, fomentar a autonomia dos participantes e contribuir para a construção de comunidades mais resilientes frente a emergências.

O presente artigo tem como objetivo apresentar as principais atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto de Extensão “Primeiros Socorros” ao longo de quase três décadas de atuação, discutindo seus impactos sociais e educacionais a partir da perspectiva da extensão universitária.

Desenvolvimento

Este estudo caracteriza-se como um estudo descritivo de intervenção educacional, realizado ao longo de quase três décadas de atividades do Projeto de Extensão “Primeiros Socorros” da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Embora o projeto tenha sido criado em 1996, os registros sistemáticos das atividades iniciaram-se a partir de 2005.

A metodologia adotada pelo projeto consistiu em atividades de ensino e treinamento, incluindo cursos, minicursos, palestras, oficinas, treinamentos práticos e eventos comunitários. As atividades foram conduzidas por acadêmicos extensionistas da área da saúde previamente capacitados, sob orientação e supervisão de docentes da UNIFAL-MG. Esse modelo garantiu a qualidade e a aplicabilidade dos conhecimentos transmitidos, além de promover uma aproximação entre a universidade e a comunidade.

A seleção das comunidades e instituições atendidas pelo projeto foi realizada com base em demandas espontâneas recebidas por meio de contatos diretos com a universidade, parcerias institucionais estabelecidas e diagnósticos locais realizados por membros da equipe extensionista. As características socioculturais e epidemiológicas das populações envolvidas foram consideradas para a adaptação dos conteúdos, metodologias e linguagem das capacitações. Esse alinhamento garantiu maior efetividade na transmissão do conhecimento e permitiu intervenções mais adequadas às realidades de cada público.

Os cursos e treinamentos abordaram temas essenciais, como suporte básico de vida (SBV), incluindo reanimação cardiopulmonar (RCP), uso do desfibrilador externo automático (DEA) e as técnicas de desobstrução de vias aéreas. Além disso, foram abordadas emergências clínicas (como pré-desmaio, desmaio, crise convulsiva, infarto agudo do miocárdio, acidente vascular cerebral, crises hipo e hiperglicêmicas e choque), emergências traumáticas (como atendimento a vítima politraumatizada, contenção de hemorragias; traumas viscerais; imobilização em casos de fraturas, entorses e luxações; queimaduras; amputação traumática; avulsão dentária; traumatismo crânioencefálico),

emergências ambientais (afogamento, hipotermia, congelamento, desidratação) e intoxicações, alergias e envenenamentos por animais peçonhentos. A escolha dos temas abordados nos cursos e treinamentos foi fundamentada na necessidade de capacitar a população para lidar com as emergências mais prevalentes e frequentemente observadas em ambientes comunitários, familiares e profissionais. O foco foi garantir que os participantes estivessem preparados para agir com efetividade em situações críticas, promovendo a preservação da vida e minimizando as complicações das vítimas. Essa abordagem ampla e diversificada visou garantir que os participantes adquirissem um conhecimento integral e prático sobre os principais tipos de emergências, aumentando a capacidade de resposta de indivíduos e comunidades diante de situações de urgência e emergência.

Dentre as diversas atividades promovidas pelo projeto, destacam-se cursos intensivos de primeiros socorros voltados para acadêmicos dos cursos de Farmácia, Enfermagem, Medicina, Odontologia, Biomedicina, Nutrição e Fisioterapia, além de treinamentos para instrutores e atiradores do Tiro de Guerra 04-004 de Alfenas-MG, cuidadores de idosos, professores das redes pública e privada de ensino, motoristas, profissionais da área esportiva, funcionários da Associação Dias Melhores - Jovens Aprendizes, Fazenda Ipanema e Grão de Ouro. As atividades foram cuidadosamente adaptadas para atender às necessidades e características de cada público-alvo. Para isso, os treinamentos foram organizados em módulos teóricos e práticos, adequando-se o vocabulário e a didática, assim, proporcionando um aprendizado dinâmico e interativo. Foram utilizadas metodologias ativas de ensino, como simulações realísticas, dramatizações e estudos de caso, permitindo aos participantes a vivência prática das situações de emergência

e a aplicação do raciocínio clínico em contextos reais.

A avaliação do impacto das atividades foi realizada por meio de formulários aplicados ao término das atividades, permitindo mensurar a evolução do conhecimento dos participantes e sua percepção sobre a importância dos primeiros socorros. Essas avaliações contribuíram para a compreensão do impacto social do projeto e permitiram a identificação de pontos de melhoria. Em casos específicos, como nos treinamentos para o Tiro de Guerra 04-004, também foram aplicadas provas estruturadas para medir o conhecimento adquirido.

Ademais, durante a execução das atividades extensionistas, buscou-se não apenas transmitir conhecimento técnico, mas também valorizar os saberes populares trazidos pelos participantes das comunidades atendidas. Em muitas situações, os relatos de experiências prévias dos participantes foram incorporados às discussões práticas, permitindo uma construção coletiva do conhecimento. Essa troca dialógica favoreceu o enriquecimento das abordagens pedagógicas adotadas, reforçando o compromisso da universidade com a escuta ativa e o respeito às realidades locais.

Atividades desenvolvidas

O Projeto de Extensão “Primeiros Socorros” tem atuado fortemente na disseminação de conhecimentos básicos sobre atendimento de emergências, alcançando diferentes públicos ao longo de sua existência. Na Figura 1, observa-se a sua evolução por meio de uma linha do tempo que perpassa toda a existência do projeto, de sua criação aos dias atuais.

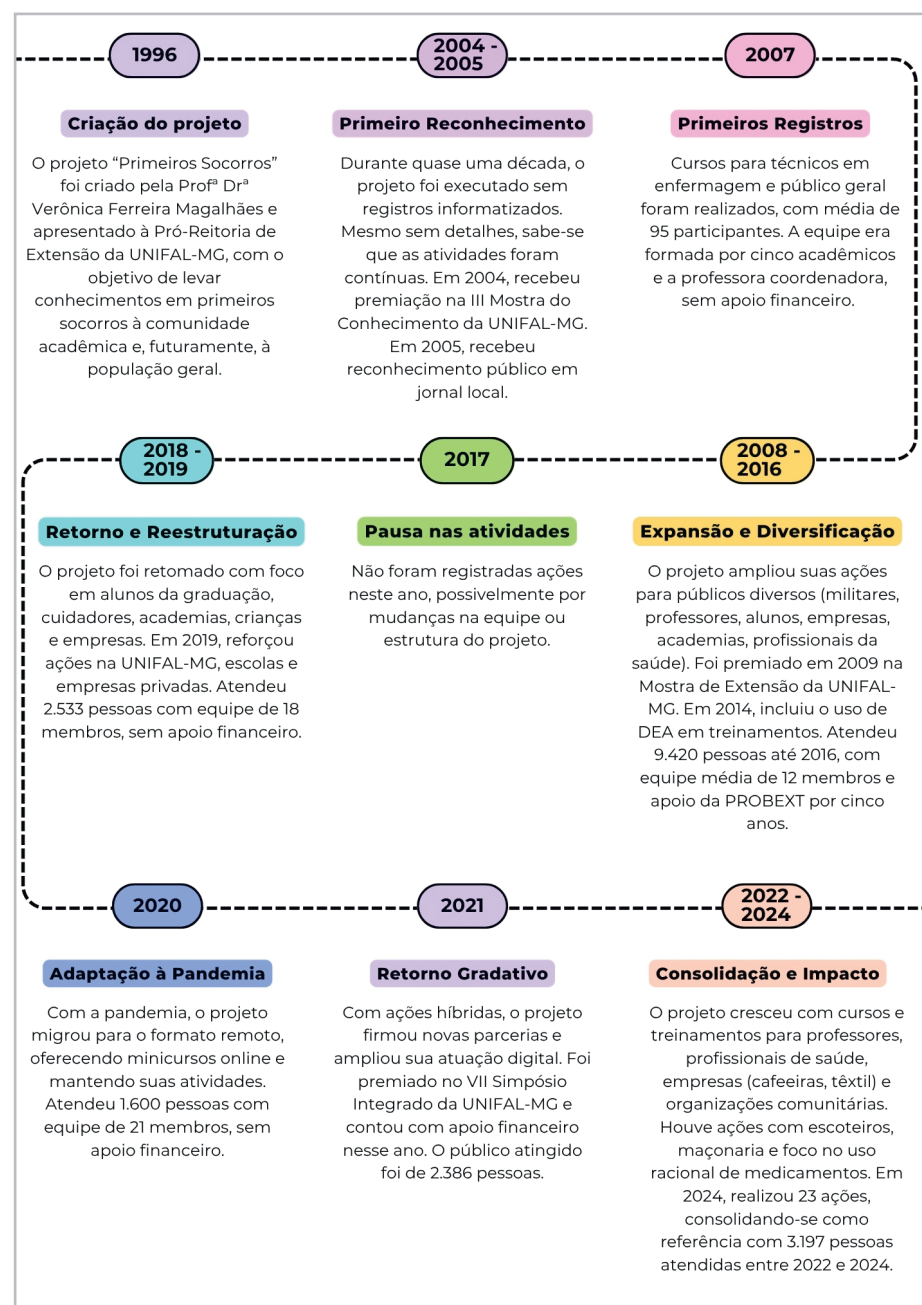


Figura 1: Linha do tempo do Projeto de Extensão "Primeiros Socorros", de sua criação aos dias atuais. Desfibrilador Externo Automático (DEA); Programa de Bolsas de Extensão (PROBEXT); Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).
Fonte: Autores, 2025.

Contribuições e impactos

O primeiro registro de reconhecimento do projeto ocorreu com a publicação de um artigo jornalístico de agradecimento e parabenização à equipe envolvida nessa ação de extensão. A publicação ocorreu na 22ª edição do Jornal Alfenas, em 25 de dezembro de 2005.

Entre 2007 e 2024, o projeto contou com a

participação média de 14 extensionistas por ano (variando entre 5 e 24 integrantes). Durante 11 desses anos, o projeto recebeu financiamento da PROBEXT-UNIFAL-MG, iniciando em 2009, com a concessão de 1 bolsista por ano, exceto em 2022, quando foram contemplados 3 bolsistas, totalizando 13 bolsistas ao longo do período. A coordenação do projeto foi exercida por duas professoras: professora Dra. Verônica Ferreira Magalhães, que atuou como coordenadora por 26 anos, desde a fundação, sendo sucedida pela professora Dra. Sônia Aparecida Figueiredo, atual coordenadora. Contou também com o apoio de dois coordenadores adjuntos: a professora Dra. Rosângela Vieira Siqueira (de 2009 até 2016)

e o professor Dr. Tiago Marques dos Reis (de 2018 até o presente).

O impacto do projeto foi significativo, promovendo maior conscientização sobre primeiros socorros, agregando o conhecimento teórico-prático sobre as condutas de suporte básico de vida e contribuindo para a formação de indivíduos mais preparados para lidar com emergências. O reconhecimento do projeto em premiações como na III Mostra do Conhecimento: Graduação, Pesquisa e Extensão da UNIFAL-MG no ano de 2004, na XI Mostra de Extensão da UNIFAL-MG no ano de 2009 e no VII Simpósio Integrado da UNIFAL-MG no ano de 2021; a apresentação de trabalhos em 19 eventos científicos locais e nacionais; bem como a publicação do capítulo de livro intitulado "Os impactos e métodos dos projetos extensionistas no ensino de Primeiros Socorros no Brasil" (Bomfim *et al.*, 2021) reforçam sua relevância e sucesso.

A partir de 2007, expandiram-se a oferta dos cursos de primeiros socorros pelo projeto voltados a públicos diversos, como técnicos em enfermagem, instrutores e atiradores do TG 04-004 de Alfenas-MG, estudantes do ensino fundamental, médio, técnico e superior (Farmácia, Enfermagem, Odontologia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Biomedicina), professores, cuidadores de idosos, profissionais de saúde e trabalhadores de empresas privadas e instituições públicas. Essas ações foram realizadas em escolas, centros de formação de condutores, PETs (Programas de Educação Tutorial) acadêmicos, cursos de especialização e residência médica, empresas como Copasa, Sarai, Ipanema Coffees, Grupo Grão de Ouro, Multielos Banhos Químicos, Unimed e Paraguaçu Têxtil. Houve treinamentos especializados em ambientes como academias, hospitais, centro terapêutico de dependentes químicos, eventos comunitários (Feira de Saúde de Carvalhópolis - MG, "UNIFAL-MG pra você", "Campanha 5 de Maio") e instituições como o Corpo de Bombeiros, a Casa dos Meninos, ONG Dias Melhores – Jovens

Aprendizes e a Maçonaria.

A pandemia da COVID-19 (2020 e 2021) foi um marco importante para a trajetória do projeto; foi o período em que o projeto se adaptou para o formato remoto e garantiu a continuidade das atividades formativas mesmo diante dos desafios do distanciamento social. Nesse período, as ações realizadas incluíram minicursos online, lives educativas e treinamentos virtuais voltados para escolas, cursinhos pré-vestibulares, empresas e instituições de saúde. Além disso, o projeto foi reconhecido no evento acadêmico-científico VII Simpósio Integrado da UNIFAL-MG (SIU) de 2021, no qual o trabalho sobre a disseminação de conhecimentos em primeiros socorros recebeu premiação.

Ainda durante a pandemia, o projeto ampliou sua atuação por meio de parcerias com outras instituições de ensino superior, como a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e a Universidade Federal do ABC (UFABC), criando e fortalecendo uma relação interinstitucional, bem como a diversificação dos públicos atendidos.

Nos anos subsequentes, o retorno presencial foi marcado por uma intensificação das capacitações práticas, como os cursos teórico-práticos para profissionais e estagiários da coleta de sangue, condutas em emergências mentais (crise de ansiedade, depressão, ideação suicida), protocolos para emergências clínicas, traumáticas, ambientais e intoxicação e envenenamento por animais peçonhentos, além da formação específica para extensionistas e professores da rede pública municipal.

Em 2024, o projeto atingiu um patamar de abrangência ainda mais robusto, com a realização de 22 atividades distintas em diversos formatos (minicursos, palestras, capacitações, aulas e seminários), fortalecendo a articulação ensino-extensão e reafirmando seu papel fundamental na qualificação de diferentes segmentos da comunidade acadêmica e externa.

Pelo que se tem registro, foram desenvolvidas 158 atividades ao longo da existência do projeto, compreendidas entre cursos, minicursos, aulas, palestras, treinamentos e eventos, sendo mais de 66% classificadas como cursos, cujos protocolos ensinados estão citados acima e demonstrados em fotos na Figura 2.



Figura 2: Registros dos minicursos com simulações realísticas realizados pelo projeto de extensão “Primeiros Socorros”.
Fonte: Autores, 2024.

Outrossim, no período analisado, o projeto contemplou a capacitação de 19.231 participantes, sendo a maioria (47,6%) adultos, com idade entre 25 e 59 anos (gráficos 1 e 2).

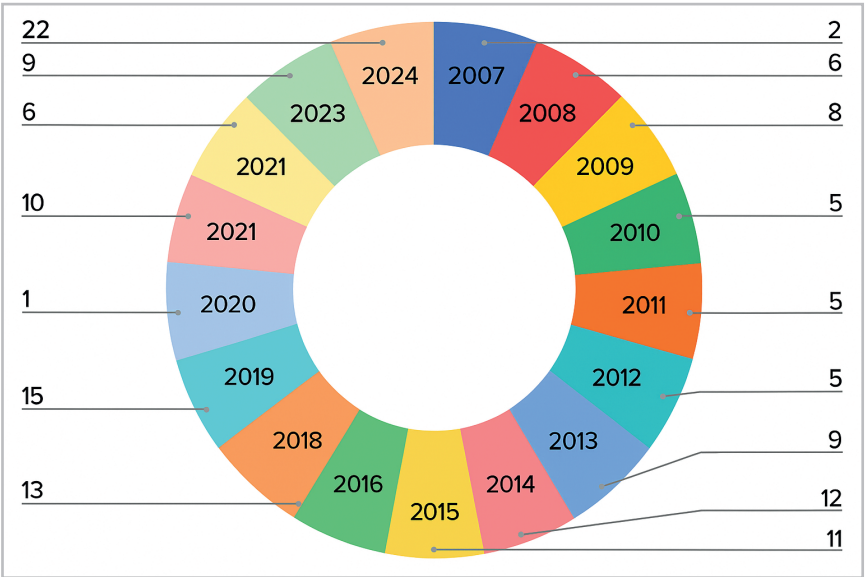
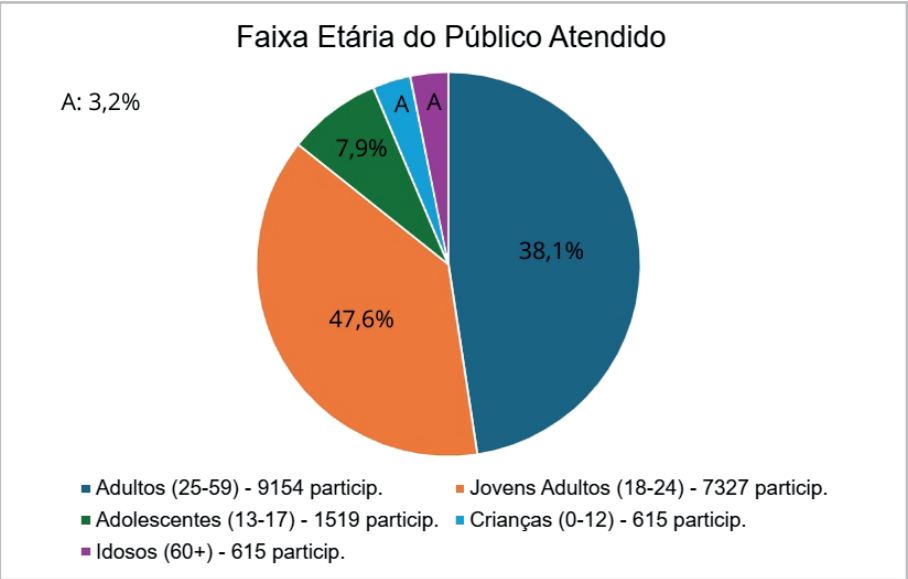


Gráfico 1: Número de atividades desenvolvidas pelo Projeto de Extensão “Primeiros Socorros” entre 2007 e 2024.
Fonte: Autores, 2025.
Nota: Não há registros do projeto durante o ano de 2017.

Gráfico 2: Faixa etária do público atendido pelo projeto de extensão “Primeiros Socorros” entre 2007 e 2024.
Fonte: Autores, 2025.



Como supracitado no texto, ao longo dos anos, o trabalho do projeto foi direcionado a uma grande diversidade de públicos, fato que permitiu uma abordagem mais abrangente, com impactos sociais significativos na promoção do cuidado imediato e na prevenção de agravantes nas situações emergenciais.

No aspecto pedagógico, o projeto também se destaca pelos métodos de ensino-aprendizagem utilizados. O uso de simulações realísticas, discussão de casos clínicos, atividades práticas supervisionadas e oficinas temáticas permitem aos participantes vivenciarem situações que simulam a realidade, promovendo a fixação do conhecimento por meio da experiência real.

Ainda que nem sempre sistematizados e registrados formalmente, os feedbacks recebidos de ex-participantes e da comunidade em geral evidenciam sua necessidade e aplicabilidade prática. Muitas pessoas relataram ter utilizado os conhecimentos adquiridos em situações reais de emergência. Esses relatos espontâneos são o reflexo da efetividade das ações desenvolvidas e do compromisso do projeto com a transformação social por meio da difusão do conhecimento.

É importante destacar que o projeto também teve grande relevância tanto para a formação profissional quanto pessoal dos alunos extensionistas integrantes da equipe. Eles puderam ampliar seus conhecimentos teóricos e práticos sobre atendimento emergencial, fortalecendo competências essenciais como tomada de decisão, trabalho em equipe e empatia. Além disso, o contato direto com a comunidade permitiu o desenvolvimento do senso de responsabilidade social e do compromisso com o cuidado à vida, aspectos fundamentais na atuação de futuros profissionais da área da saúde. Dessa forma, o projeto contribuiu significativamente para a formação de indivíduos mais preparados, humanos e engajados com as necessidades reais da sociedade.

Perspectivas Futuras

Ao longo de quase três décadas, o projeto de extensão “Primeiros Socorros” cumpriu seu papel impactando muitos participantes de forma direta e o público geral de forma indireta, influenciando milhares de pessoas, formando profissionais e leigos capacitados para lidar com situações de emergências e auxiliar as vítimas de agravos de maneira segura e eficiente. Todavia, com o aumento da procura e a demanda por capacitações por diversas áreas, empresas e instituições, veem-se como desafios futuros a limitação do número de membros integrantes efetivamente ativos, a manutenção da qualidade das capacitações, a ampliação

da atuação em plataformas digitais como o Campus Virtual da UNIFAL-MG, a modernização dos manequins e materiais usados nas simulações realísticas, a busca por apoios financeiros e a consolidação de parcerias estratégicas que permitam a continuidade e expansão das atividades. O fortalecimento do projeto e a adaptação às novas demandas garantirão sua qualidade, durabilidade e impacto positivo na sociedade.

Considerações finais

O projeto de extensão “Primeiros Socorros” demonstrou, ao longo dos anos, um impacto significativo na formação acadêmica, na capacitação de profissionais e de leigos, na disseminação dos conhecimentos e na conscientização da população sobre a importância do atendimento emergencial. Desde sua implantação em 1996, o projeto evoluiu continuamente, ampliando suas ações, diversificando os públicos-alvo e adaptando-se às necessidades da sociedade.

Ao longo dos anos, o projeto expandiu-se de cursos voltados a profissionais da saúde para treinamentos direcionados a diversos segmentos da sociedade, incluindo atiradores, professores, estudantes de diferentes cursos e funcionários de empresas públicas e privadas. A inclusão de novos temas, como suporte básico de vida com uso de desfibrilador externo automático (DEA) e emergências mentais, demonstra a capacidade de inovação do projeto e seu compromisso com a melhoria contínua.

Os impactos do projeto são evidentes na formação acadêmica, permitindo que estudantes de diferentes cursos desenvolvam habilidades práticas fundamentais para a atuação profissional. Além disso, a interação entre discentes, docentes e profissionais da saúde favorece a integração do conhecimento teórico com a prática, proporcionando um ensino mais dinâmico e eficaz. O reconhecimento em

eventos acadêmicos e as premiações recebidas evidenciam a relevância do projeto no meio acadêmico e científico.

A adaptação do projeto ao longo do tempo é um de seus pontos fortes. Durante a pandemia da COVID-19, por exemplo, o projeto inovou ao oferecer minicursos e treinamentos remotos, garantindo a continuidade das atividades mesmo diante das restrições impostas pelo distanciamento social. Essa flexibilidade permitiu que o projeto continuasse cumprindo seu papel educacional e social, capacitando profissionais e comunidade em um momento de extrema necessidade.

A atuação do projeto também foi fundamental para a formação de parcerias estratégicas com empresas, instituições de ensino e órgãos públicos, fortalecendo sua abrangência e impacto. A inserção de cursos específicos para diferentes públicos, como motoristas, cuidadores de idosos, instrutores de tiro de guerra, professores e crianças, demonstra o

compromisso do projeto com a democratização do conhecimento em primeiros socorros.

Diante dos resultados obtidos, fica evidente que o projeto de extensão “Primeiros Socorros” é um instrumento essencial para a promoção da segurança e prevenção de acidentes em diferentes contextos. Seu impacto positivo transcende o meio acadêmico, contribuindo diretamente para a formação de uma sociedade mais preparada para lidar com emergências e salvar vidas.

Portanto, recomenda-se a continuidade e ampliação do projeto, visando atender a um público ainda maior e incorporar novas temáticas que estejam alinhadas às necessidades emergentes da sociedade. A busca por parcerias e o investimento em tecnologias educacionais são estratégias que podem potencializar ainda mais os resultados alcançados, garantindo que o conhecimento sobre primeiros socorros continue sendo disseminado de forma acessível, eficiente e inovadora. ◀

Referências Bibliográficas

- AMERICAN HEART ASSOCIATION. *Diretrizes para Suporte Básico de Vida*. Dallas: AHA, 2024. Disponível em: https://cpr.heart.org/-/media/CPR-Files/CPR-Guidelines-Files/Highlights/2024-First-Aid/JN_1457_PTBR_Highlights_2024FA_Accessible.pdf?sc_lang=en. Acesso em: 21 abr. 2025.
- BOMFIM, M. B.; PEREIRA, L. T. R.; MAGALHÃES, V. F.; REIS, T. M. Os impactos e métodos dos projetos extensionistas no ensino de primeiros socorros no Brasil. *Medicina: Progresso científico, tecnológico, econômico e social do país*, v. 4, p. 171-178, 2021. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/ebook/medicina-progresso-cientifico-tecnologico-economico-e-social-do-pais-4>. Acesso em: 23 abr. 2025.
- BOMFIM, M. B.; PEREIRA, L. T. R.; MAGALHÃES, V. F.; REIS, T. M.; FIGUEIREDO, S. A. Os impactos e métodos usados pelos projetos extensionistas no ensino de primeiros socorros no Brasil. *Research Society and Development*, v. 11, n. 7, e34711730041, 2022.
- MACHADO, D. P. da S. et al. Conhecimento sobre primeiros socorros entre adolescentes no ensino médio em escolas públicas: estudo transversal. *Revista Docent Discut*, v. 5, n. 1, p. e01588, 2024. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/rdd/article/view/1588>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- ROCHA, A. B.; BRASILEIRO, A. L.; SILVA, A. P. C. da; BEZERRA, J. C. F.; ROCHA, M. F. *A importância do suporte básico de vida para a população de leigos*. Seven Editora, 2023. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/editora/article/view/1234>. Acesso em: 21 abr. 2025.
- RODRIGUES, P. H. A.; SILVA, L. F. P.; ORNELLAS, B. C. O conhecimento dos profissionais de ensino acerca de primeiros socorros no ambiente escolar: uma revisão integrativa. *Revista F&T*, v. 27, n. 123, 2023. Disponível em: <https://revistaft.com.br/o-conhecimento-dos-profissionais-de-ensino-acerca-de-primeiros-socorros-no-ambiente-escolar-uma-revisao-integrativa/>. Acesso em: 28 abr. 2025.
- VÁZQUEZ, L. L. *Capacitação de leigos em suporte básico de vida*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Comunitária) – Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Bragança, 2019. Disponível em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/19587>. Acesso em: 21 abr. 2025.



Projeto Prevenção para Equipes Esportivas: fisioterapia no cuidado com o atleta

Cláudia Silveira Lima; Eduarda da Cruz de Souza; Gabriel Gonçalves da Rosa; Guilherme Einloft Dias; Kalwin Rucker Tempel e Lorenzo Mesquita Torres
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ESEFID/UFRGS
E-mail: claudia.lima@ufrgs.br

Resumo

O projeto Prevenção para Equipes Esportivas tem por objetivo a prevenção e a redução do risco de lesões em atletas de equipes esportivas. Ativo desde 2016, atualmente, o projeto contempla as equipes masculinas e femininas de handebol, vôlei, futsal e basquete da UFRGS, além de atuar juntamente à equipe de basquete masculina do Grêmio Náutico União. O projeto compreende avaliações pré e pós-temporada dos atletas, aplicação de um protocolo de exercícios de prevenção de lesões, reuniões semanais da equipe de trabalho, acompanhamento dos atletas nos treinos e competições. Além do objetivo principal, que é analisar as necessidades de cada modalidade a fim de propor um protocolo de exercícios preventivos com circuitos elaborados especificamente para cada equipe, levando em consideração os testes funcionais realizados com os atletas na pré-temporada e a epidemiologia das lesões de cada esporte. Dessa maneira, o projeto almeja reduzir o número de lesões desses atletas, promovendo melhor performance individual e coletiva.

Palavras-chave: Esporte Universitário, Lesões e Prevenção.

Resumen

El proyecto Prevención para Equipos Deportivos se propone a prevenir y reducir el riesgo de lesiones de los deportistas universitarios. Activo desde 2016, el proyecto actualmente incluye las selecciones masculina y femenina de handball, voleibol, futsal y básquetbol de la UFRGS, además del equipo de básquetbol de Grêmio Náutico União. El proyecto incluye evaluaciones de los atletas en pre y postemporada, aplicación de un protocolo de ejercicios de prevención de lesiones, reuniones semanales del equipo de trabajo y seguimiento de los deportistas en entrenamientos y competiciones. El objetivo principal del proyecto es analizar las necesidades de cada modalidad para proponer un protocolo de ejercicio preventivo con circuitos diseñados específicamente para cada equipo, teniendo en cuenta las pruebas funcionales realizadas con los deportistas en la pretemporada y la epidemiología de lesiones en cada deporte. En conclusión, el proyecto pretende reducir el número de lesiones de estos deportistas, promoviendo un mejor rendimiento.

Palabras clave: Deporte Universitario, Lesión y Prevención.

Introdução

O esporte, pelo seu caráter competitivo, predispõe os atletas a altos índices de lesões, por estarem sempre trabalhando no seu limite físico e mental. Reconhecendo a natureza multifatorial e complexa das lesões desportivas, é recomendada uma abordagem abrangente que envolva uma série de estratégias para mitigar o risco de lesões dos jogadores (Vianna *et al.*, 2024). Assim, para diminuir a taxa de lesões é necessário não apenas entender os fatores de risco da lesão de cada modalidade, bem como a correlação entre eles (Coles, 2018). Cada vez mais, nos ambientes esportivos, a preocupação em evitar que os atletas sejam acometidos por lesões cresce, e programas preventivos têm sido incorporados nos clubes esportivos, na perspectiva de diminuir esse índice. A inclusão de programas preventivos contribui para a diminuição do número de lesões ou mesmo da gravidade das mesmas, que, além de colaborar diretamente com a saúde do atleta, evita o afastamento dos treinos e competições, que comprometeria o desempenho da equipe (Vianna *et al.*, 2024).

Ao analisar as condições de treinos dos atletas universitários, depara-se com contextos nos

quais apenas ocorre o treino específico da modalidade que ele representa na universidade, não tendo a oportunidade de complementação deste treino com preparação física, orientação fisioterapêutica ou outro tipo de acompanhamento na área da saúde. Dessa forma, estas equipes esportivas ficam mais suscetíveis à ocorrência de lesões. Ainda, considerando que os atletas participam dos treinos e competições para representar a universidade e que eles não recebem nenhum benefício ou auxílio financeiro para isso, é de extrema relevância que a universidade promova projetos que objetivem primar pela saúde dos seus atletas. Com base nisso, deu-se início ao projeto de Prevenção para Equipes Esportivas – Fisioterapia.

O objetivo principal do projeto é a prevenção e a redução do risco de lesões em atletas de equipes esportivas. Porém, do ponto de vista acadêmico, este projeto visa promover aos alunos de fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) uma experiência teórico-prática na área da fisioterapia desportiva, o que contribui para o enriquecimento do seu processo de formação.

Evolução do projeto

O projeto está ativo desde 2016, quando

inicialmente atendia apenas a equipe de basquetebol masculino da UFRGS. Nos anos seguintes, o projeto foi ampliado por solicitação dos treinadores de outras modalidades para que suas equipes também fossem atendidas pelo projeto. Diante disso, novas equipes esportivas da própria universidade foram incluídas no projeto. Assim, deixou-se de atender somente a equipe de basquetebol e foram adicionadas quatro modalidades esportivas (basquetebol, futsal, handebol e voleibol). Portanto, atualmente foram incorporadas oito equipes esportivas ao projeto, visto que são atendidas as equipes femininas e masculinas de cada modalidade.

Há três anos, além das equipes universitárias, o projeto também passou a ter sua atuação extramuros da universidade, com o acompanhamento e aplicação do programa de prevenção de modalidades esportivas no clube Grêmio Náutico União (Figura 1).

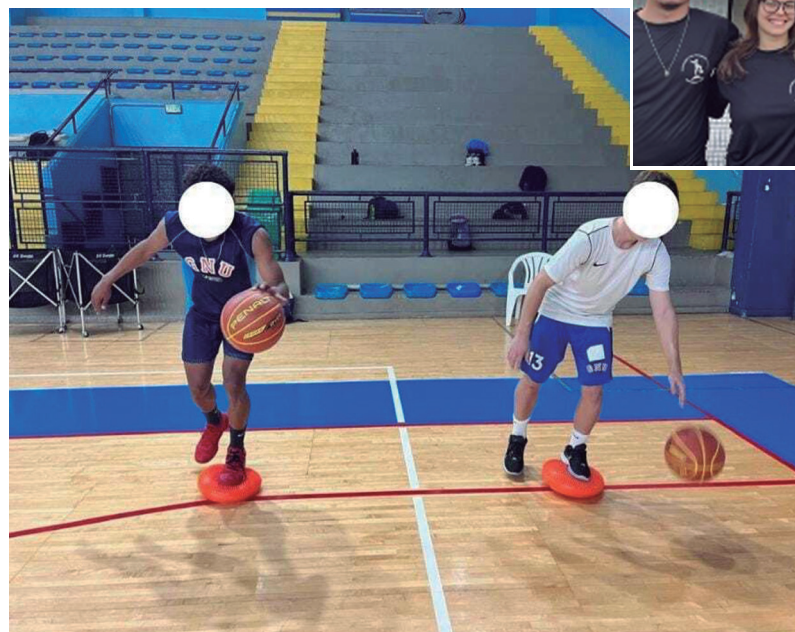


Figura 1 - Atletas do Grêmio Náutico União realizando exercício de propriocepção do Projeto de Prevenção de Lesões.
Fonte: Autores, 2025.

Atividades desenvolvidas

O projeto compreende avaliações pré e pós-temporada dos atletas, aplicação de um programa de exercícios para prevenção de lesões (atividade principal), acompanhamento dos atletas nos treinos e competições para realização de *recovery*, prestação de auxílio em casos de disfunção de estruturas musculoesqueléticas, atendimento fisioterapêutico de quadra e orientações aos atletas, baseadas nas competências de um fisioterapeuta desportivo. Ainda, os bolsistas do projeto participam de reuniões semanais da equipe de trabalho, com o objetivo de organizar as atividades que serão desenvolvidas (Figura 2).



Figura 2 - Professora Cláudia Silveira Lima (coordenadora do projeto) e equipe de bolsistas do Projeto de Prevenção de Lesões Esportivas em frente ao Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX).
Fonte: Autores, 2025.

Avaliações pré e pós-temporada

As avaliações pré-temporada são direcionadas para identificar as necessidades específicas de cada modalidade e de cada atleta. Elas são realizadas em todos os atletas das equipes masculinas e femininas, visando identificar o perfil cinético-funcional da equipe. De acordo com este perfil e com a epidemiologia de lesões das modalidades esportivas, é estruturado um programa de prevenção de potenciais lesões.

No ano de 2024, as avaliações de pré-temporada das equipes esportivas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul contaram com testes funcionais para avaliação de controle postural, instabilidades estáticas e dinâmicas articulares, déficit de amplitude de movimento ou mobilidade articular e força muscular. Os resultados dos testes realizados indicam variações específicas entre as modalidades esportivas avaliadas: basquetebol, voleibol, futsal e handebol.

Como exemplo, temos que, para o teste de controle postural e instabilidade dinâmica (*Star Excursion Balance Test* – SEBT), as maiores médias de distâncias alcançadas foram atingidas pelo futsal (direito: $261,21 \pm 16,32$; esquerdo: $257,44 \pm 17,31$), e as menores foram alcançadas pelo basquetebol (direito: $252,61 \pm 24,72$; esquerdo: $252,55 \pm 23,94$) e handebol (direito: $254,68 \pm 16,26$; esquerdo: $244,11 \pm 17,82$). Já para o teste de estabilidade dinâmica dos membros inferiores (*Single Hop Test*), o basquetebol apresentou as maiores distâncias no salto unipodal, tanto no membro inferior direito ($146,13 \pm 50,06$) quanto no esquerdo ($145,98 \pm 42,16$). As menores distâncias do salto unipodal foram alcançadas pelo handebol (direito: $133,55 \pm 30,02$; esquerdo: $141,49 \pm 33,73$).

No teste funcional que avalia a estabilidade, agilidade e potência dos membros superiores

(*Closed Kinetic Chain Upper Extremity Stability Test* – CKCUEST), o handebol obteve os maiores valores ($26,74 \pm 4,54$), enquanto o basquetebol apresentou a menor média ($21,28 \pm 4,77$). Porém, todas as equipes atingiram o mínimo de toques necessários (21) preconizado para o teste. Pontillo *et al.*, ao realizar o CKCUEST em atletas universitários, afirmam que essa avaliação parece ser uma boa preditora de lesões para essa população. Jogadores que marcaram menos do que o limite de 21 toques tiveram mais probabilidade de se machucar.

Nos testes de amplitude de movimento para rotação externa e interna de ombro em ambos os lados, observou-se que o basquetebol apresentou maiores amplitudes de rotação externa (direita: $73,09 \pm 19,07$; esquerda: $70,95 \pm 18,88$), e o futsal apresentou os menores valores (direito: $66,80 \pm 18,42$; esquerdo: $63,80 \pm 19,05$). Na rotação interna, o basquetebol apresentou os maiores valores no lado direito ($50,71 \pm 11,10$) e o voleibol no lado esquerdo ($56,08 \pm 10,33$). Já o handebol teve os menores valores na rotação interna (direita: $47,69 \pm 10,31$; esquerda: $52,50 \pm 13,28$).

Em relação ao ângulo poplíteo, as médias foram similares entre as modalidades, com valores em torno de 55° para o lado direito e 52° para o lado esquerdo. Além disso, os resultados dos testes de avaliação da dorsiflexão em cadeia cinética fechada (*Lunge Test*) demonstraram que todas as modalidades possuem baixa mobilidade do tornozelo, com valores menores que 9 cm (Xixirry *et al.*, 2019). Por fim, o teste de mobilidade lombar (*Schober*) também ficou abaixo do esperado (15 cm) (Van Adrichem *et al.*, 2009) em todas as modalidades (voleibol: $13,95 \pm 1,01$; basquetebol: $13,88 \pm 0,89$; futsal: $13,66 \pm 0,81$; handebol: $13,53 \pm 0,86$).

Com base nestes dados, a equipe de trabalho do projeto propôs um protocolo de exercícios

preventivos com circuitos elaborados especificamente para cada equipe. O protocolo preventivo compreende uma série de exercícios que visam ao fortalecimento muscular, ao ganho de flexibilidade, de agilidade e ao aprimoramento da resposta proprioceptiva, além da correção de padrões de movimentos possivelmente prejudiciais às principais estruturas osteomioarticulares acometidas por lesões.

A aplicação do programa de prevenção de lesões ocorre ao longo de toda a temporada (ano de treino), nos dias de treino da equipe e previamente ao mesmo. Os exercícios propostos são evoluídos a cada 4 a 6 semanas de execução do programa, conforme a qualidade e facilidade de execução dos exercícios. A evolução acontece por aumento do tempo de execução ou da dificuldade do exercício. Os alunos, bolsistas do projeto, atuam junto aos atletas na aplicação do programa estabelecido, que envolve a organização de todas as estações e coordenação do trabalho

(Figura 3), além de orientação, correção e controle dos exercícios realizados pelos atletas. Ao longo da temporada, são feitos registros das lesões ocorridas para acompanhamento e controle das mesmas.

Nas últimas duas temporadas (2023 e 2024), as lesões que mais ocorreram foram entorse de tornozelo (20,59%) e tendinopatia patelar (17,65%). Na temporada de 2023, ocorreram 23 lesões, sendo o handebol a modalidade com maior número de lesões e o basquetebol a equipe que menos se lesionou (handebol: 12; voleibol: 4; futsal: 4; basquetebol: 3).

Na temporada de 2024, esse número reduziu para 11 lesões, com o voleibol sendo a modalidade com mais lesões, e o handebol e o futsal foram as modalidades que menos se lesionaram (voleibol: 6; basquetebol: 3; handebol: 1; futsal: 1).

Quanto aos tipos de lesões, na temporada de 2023, os atletas de handebol tiveram: entorse de tornozelo (2), entorse no polegar (1), fratura

anelar (1), luxações de ombro (2), ruptura muscular do posterior da coxa (1), estiramento do tendão do calcâneo (1), hiperextensão anelar (1), fratura do hálux (1), fratura do punho (1), contusão e fratura por



Figura 3 - Aplicação do protocolo preventivo antes do treino da equipe de handebol masculino da UFRGS.

Fonte: Autores, 2025.

estresse de calcâneo (1). No voleibol, as lesões que ocorreram foram: entorse de tornozelo (1), estiramento da panturrilha (1), lombalgia crônica (1), luxação na mão (1). No futsal, as lesões foram: entorse de tornozelo (2), estiramento no reto femoral (1), contratura do adutor na coxa (1). Por fim, no basquetebol, ocorreram canelite (1), lesão meniscal no joelho (1) e contratura de bíceps (1).

No ano de 2024, o voleibol, modalidade mais acometida, apresentou as seguintes lesões: tendinite patelar (4), contratura do reto femoral (1) e ruptura parcial da cabeça longa do bíceps (1). Em relação às outras equipes, os atletas de futsal apresentaram apenas tendinite patelar (1) e o handebol teve um entorse de tornozelo (1). Já no basquetebol, os atletas tiveram luxação do dedo anelar (1), entorse ligamentar de tornozelo (1) e tendinopatia patelar por sobrecarga/estresse (1).

O conhecimento das lesões mais frequentes na temporada também ajuda a reorganizar o protocolo de prevenção para atuar de forma mais direta nas lesões mais prevalentes, que, nesse ano, foi a tendinite patelar. Ao final da temporada, uma nova avaliação é realizada, com o intuito de comparar os resultados pré e pós-temporada e avaliar os efeitos do treino e da prevenção no desempenho dos testes.

Todas essas informações levam os bolsistas do projeto a terem elementos suficientes para propor uma intervenção embasada cientificamente, de forma crítica e efetiva. A importância dessas etapas para os bolsistas do projeto é destacada pela ex-bolsista Isadora Pizzato:

“Avaliar valências, analisar os dados, raciocinar em cima dos resultados, propor intervenções baseadas nas conclusões obtidas e reavaliar as condutas aplicadas é parte do cotidiano da fisioterapeuta esportiva a cada sessão”. (Isadora Pizzato)

Desenvolvimento de Competências em Quadra

De forma a ampliar aos bolsistas a experiência como fisioterapeuta esportivo, eles acompanham os treinos e as competições das equipes. Nos treinos, eles realizam atendimentos fisioterapêuticos conforme demanda, orientações em casos de lesões tanto agudas quanto crônicas, bem como suporte aos atletas que estão em retorno ao esporte após lesão. No acompanhamento das equipes durante as competições, os atendimentos fisioterapêuticos envolvem orientações em casos de lesões agudas, *recovery*, assim como aplicação de bandagens quando necessário.

O relato do ex-integrante do projeto, Werner Saraiva, ressalta a prática dessas atividades:

“Entre as particularidades do projeto, destacam-se o atendimento à beira da quadra, os cuidados imediatos no pré e pós-jogo das equipes, o trabalho colaborativo entre os integrantes e as interações diárias com a comissão técnica e os atletas”. (Werner Saraiva)

Reuniões da Equipe

As reuniões da equipe são realizadas semanalmente com o objetivo de organizar as atividades, discutir e elaborar os procedimentos a serem utilizados. Um dos procedimentos é a elaboração do protocolo de prevenção de cada equipe. Nas reuniões, são realizadas leituras, apresentações e debates de artigos científicos voltados a embasar e aperfeiçoar a proposta dos protocolos de prevenção. Também são realizadas oficinas e workshops com o objetivo de aprendizado e prática dos testes funcionais que são utilizados para as avaliações pré e pós-temporada, além de técnicas fisioterapêuticas a serem aplicadas com os atletas, como bandagens e terapia manual.

Outra atividade desenvolvida nas reuniões

da equipe é a discussão de como conduzir os casos de lesões relatados pelos atletas, onde são discutidos testes específicos que podem ser realizados para um diagnóstico fisioterapêutico e são organizadas intervenções pré ou pós-treino para controle da lesão.

O impacto dessas reuniões no desenvolvimento dos bolsistas para o seu futuro profissional pode ser avaliado pela fala da ex-bolsista do projeto, que hoje se encontra no mercado de trabalho:

“O aprendizado técnico adquirido nas reuniões semanais do projeto é inestimável. Nessas reuniões, realizamos oficinas para aprimorar habilidades específicas e discutimos os casos atendidos durante a semana, promovendo uma rica troca de experiências entre os colegas. A professora desempenha um papel fundamental nesse processo, contribuindo ativamente para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de toda a equipe.” (Fernanda Pacheco)

Impacto do Projeto

O oferecimento do projeto proporciona ao atleta um autoconhecimento dos seus padrões de movimentos e posturas, além de estratégias de correção das situações inadequadas.

Também reduz a exposição ao risco de lesão, diminuindo, consequentemente, a incidência e a magnitude dessas lesões, além de promover melhor performance tanto individual quanto coletiva. Também permite ao atleta que passou por uma reabilitação de lesão um retorno ao esporte orientado e mais seguro.

Do ponto de vista do estudante de fisioterapia que participa do projeto, ele atua em todas as etapas de uma intervenção fisioterapêutica frente a uma equipe esportiva: avaliar, planejar, propor e intervir, propiciando segurança, pró-atividade e criatividade para desenvolver suas tarefas. Outro ponto a ser destacado no aprendizado dos alunos é a desenvoltura adquirida para conduzir o trabalho com os atletas e a equipe, como mencionado pela ex-bolsista Vithoria Messa:

“A oportunidade de fazer parte do projeto pôde me trazer experiências no olhar e também ter um “gostinho” de me sentir uma fisioterapeuta esportiva. A própria experiência em quadra, viagens com equipes e esportes diferentes fizeram com que hoje, atuando em clube, eu não tenha chegado “crua” para o trabalho que desenvolvo”. (Vithoria Messa)

Referências Bibliográficas

- COLES, Philip Alexander. An injury prevention pyramid for elite sports teams. *British Journal of Sports Medicine*, v. 52, n. 15, p. 1008–1010, 2018.
- PICOT, B. et al. The Star Excursion Balance Test: an update review and practical guidelines. *International Journal of Athletic Therapy and Training*, v. 26, n. 6, p. 285–293, 1 nov. 2021.
- PONTILLO, Marisa; SPINELLI, Bryan A.; SENNETT, Brian J. Prediction of in-season shoulder injury from preseason testing in Division I collegiate football players. *Sports Health*, v. 6, n. 6, p. 497–503, 2014.
- VAN ADRICHEM, J. A.; VAN DER KORST, J. K. Assessment of the flexibility of the lumbar spine: a pilot study in children and adolescents. *Scandinavian Journal of Rheumatology*, v. 2, n. 2, p. 87–91, 1973.
- VIANNA, Karoline Baptista et al. Injury prevention in Brazilian women's football: perceptions of physiotherapists and practices within elite clubs. *Physical Therapy in Sport*, v. 67, p. 68–76, 2024.
- XIXIRRY, Marcela Godoy; RIBERTO, Marcelo; MANOEL, Lucas Sartori. Análise do Y Balance Test e Dorsiflexion Lunge Test em atletas de futebol profissionais e amadores. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 25, n. 6, 2019.

Conversação em Libras: extensão como possibilidade de ampliação dos horizontes da língua de sinais na universidade

Ana Luiza Paganelli Caldas; Julliana de Oliveira Pokorski
Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FAGED/UFRGS
E-mail: juliana.pokorski@gmail.com

Resumo

O presente artigo propõe reflexões acerca das experiências com o projeto de extensão “Conversação em Libras”, que, no ano de 2024, produziu a sua terceira edição. O projeto surge do desejo de dar continuidade ao aprendizado dos/as estudantes na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e se desenvolve a partir de visitas a diversos espaços, dentro e fora da universidade, seguidas de rodas de conversa sinalizadas, que possibilitam o desenvolvimento da fluência linguística a partir do desafio de se comunicar sobre os mais diferentes temas. No presente artigo, para além do objetivo de apresentar o projeto, busca-se promover reflexões sobre a presença surda na universidade, abrindo espaços para a circulação da Libras na instituição e para além dela. Como reflexão central, discutimos a importância de os e das estudantes e servidores e servidoras conhecerem a universidade e seu entorno, e, na mesma medida, que esses espaços tomem conhecimento da existência surda na UFRGS.

Palavras-chave: língua brasileira de sinais (Libras); surdos na universidade; conversação em Libras.

Resumen

El presente artículo propone reflexiones acerca de las experiencias con el proyecto de extensión "Conversación en Libras", que en el año 2024 llevó a cabo su tercera edición. El proyecto surge del deseo de dar continuidad al aprendizaje de los/las estudiantes en la Lengua Brasileña de Señas (Libras) y se desarrolló a partir de visitas a diversos espacios, dentro y fuera de la universidad, seguidas de círculos de conversación en señas que posibilitan el desarrollo de la fluidez lingüística, a partir del desafío de comunicarse sobre los más diversos temas. En este artículo, más allá del objetivo de presentar el proyecto, se busca promover reflexiones sobre la presencia sorda en la universidad, abriendo espacios para la circulación de la Libras en la institución y más allá de ella. Como reflexión central, discutimos la importancia de que los/las estudiantes y servidores/as conozcan la universidad y su entorno, y, en igual medida, que estos espacios reconozcan la existencia sorda en la UFRGS.

Palabras clave: lengua brasileña de señas (Libras); sordos en la universidad; conversación en Libras.

No ano de 2005 foi publicado o Decreto 5626 que regulamentou a Lei 10.436/2002, conhecida como a Lei de Libras. Dentre as ações previstas pelo decreto, estava a inclusão da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos currículos dos cursos de Licenciatura e Fonoaudiologia de todas as instituições de Ensino Superior brasileiras. Na UFRGS, a disciplina de Libras começou a ser ministrada a partir do ano de 2008, vinculada ao Departamento de Estudos Especializados da Faculdade de Educação da UFRGS (DEE FACED). Em 2011 tivemos a primeira docente surda ingressando como docente efetiva da universidade, e com ela entrou na universidade de maneira mais marcante a Libras, língua que constitui o território surdo, seja lá onde esses sujeitos estiverem. Desde então diversos projetos de extensão têm sido desenvolvidos pelos docentes surdos na universidade, e professores ouvintes vinculados à área de Libras e Educação Especial, o que tem produzido uma maior circulação da língua de sinais na universidade, e aproximação entre a comunidade surda e a academia. Alguns exemplos de atividades de extensão¹ desenvolvidas ao longo dos últimos anos são o projeto Brincar Sinalizante, que aproxima escola de surdos e Faculdade de Educação em torno de brincadeiras desenvolvidas em língua de sinais; o evento anual Setembro Surdo, que celebra e discute temáticas relevantes para

a comunidade surda e também a ação Conversação em Libras, sobre o qual produzimos o presente texto.

Na UFRGS, a disciplina de Libras (EDU03071) é oferecida a todos os cursos de graduação da universidade, embora seja obrigatória apenas para os cursos de licenciatura e fonoaudiologia. Todos os semestres são oferecidas cerca de 35 turmas da disciplina a qual possui apenas 2 créditos, o que possibilita o desenvolvimento de uma comunicação básica na língua e o aprendizado de aspectos mais gerais da cultura e educação de surdos, bem como questões panorâmicas a respeito das características das línguas de sinais.

Com carga horária tão restrita é comum que os e as estudantes interessados em seguir ampliando os aprendizados em Libras demandem formas de seguir em contato com a língua, seja através da matrícula na disciplina eletiva de Libras 2 ou na participação de atividades de extensão, como a que apresentamos neste artigo.

Conversação em Libras: reflexões sobre as potencialidades da extensão

A primeira edição do projeto aconteceu em 2022, respondendo a uma demanda acentuada dos e das estudantes que haviam tido diversos semestres da disciplina de Libras sem contato presencial com a língua, por conta da adoção do Ensino Remoto

Emergencial², iniciado no período letivo de 2020/1, como medida protetiva da universidade à pandemia de Coronavírus.

O projeto teve por objetivo "Reconhecer, relembrar e criar um espaço para ampliação e frequente contato com a Língua Brasileira de Sinais, de maneira dinâmica, lúdica e diversa." O início de execução da ação, no entanto, foi complexo, uma vez que a proposta era uma imersão direta na Libras, envolvendo estudantes de diferentes cursos, com distintos interesses e níveis de aprendizado. Diferentemente das aulas, no entanto, nos encontros quinzenais do projeto não havia erros e acertos, mas, sim, momentos abertos de roda de conversa, estimulados por passeios dentro e fora da universidade, o que possibilitou a construção de um espaço mais livre e leve de aprendizado.

Este formato mais isento de obrigações foi destacado como potente pelos participantes da ação, que relataram se sentir menos cobrados, mas não menos engajados no aprendizado, o que possibilitou pensar sobre as práticas docentes no ensino de línguas, que não precisam necessariamente de uma estrutura tão rígida para serem efetivas.

Nas três edições do projeto, o desenvolvimento foi semelhante: encontros alternados de passeios e rodas de conversa e atividades em sala de aula, nas quais se discutia o vivido nos passeios e visitas culturais, ampliando, de maneira não linear, o léxico sinalizado. Os momentos de "passeio" consistiam em visitas a espaços culturais da região central de Porto Alegre e da própria universidade, nos quais os e as participantes eram desafiados a estabelecer comunicação com a professora surda e, por vezes, inclusive, buscar estratégias para tornar acessível as informações presentes nas exposições, construídas sem a preocupação de atender o público surdo.

As visitas apresentaram diversas potencialidades: a diversidade de temáticas, a possibilidade de descrever, perguntar, comentar e explicar a história ou os significados de artefatos expostos em ambientes culturais; a oportunidade de criar uma consciência, tanto nos e nas participantes da extensão, quanto nos ambientes, desafios e direitos das pessoas surdas em acessar a cultura de maneira mais ampla em condições de igualdade.

Em relação à assimilação do conteúdo, tive muita dificuldade. Na hora lembro, mas em casa esqueço. O aprendizado através da conversação, porém, foi muito bom, tranquilo, sem pressão. As saídas foram produtivas, culturais, adquiri conhecimento que não tive acesso pois a vida correndo nem sempre se consegue o tempo para explorar lugares. A professora é ótima, tem uma forma muito suave de transmitir conhecimento. (Avaliação de participante ao finalizar o projeto).



2. O Ensino Remoto Emergencial foi regulamentado na universidade pela Resolução CEPE 025/2020. Informações disponíveis em <https://www.ufrgs.br/prograd/ere-ensino-remoto-emergencial/> acesso em 30 de dezembro de 2024.

Figura 1 - Estudante Ângela interpretando a mediação para a professora Ana Luiza.

Fonte: Autores.

1. <https://www.ufrgs.br/libras/projeto-de-extensao/>

Na figura 1 observa-se o grupo de participantes em visita à Assembleia Legislativa, espaço que possui guia para a visita, mas somente na língua portuguesa. Nesta ocasião, as estudantes buscaram estratégias interpretativas para tornar a visita acessível para a professora, coordenadora da ação de extensão. Esta experiência também foi potente no sentido de apresentar aos participantes a diferença entre a comunicação em Libras e a interpretação simultânea, que exige recursos mais complexos, tanto mentais, quanto linguísticos.



Figura 2 - Museu de Porto Alegre, visita com guia bilíngue.

Fonte: Autores.

Em apenas um dos espaços visitados havia intérprete de Libras do local disponível para interpretação na mediação cultural, o que provocou reflexões das participantes a respeito das possibilidades de acesso da comunidade à cultura de maneira mais ampla. Na mesma medida em que iam se apropriando dos espaços, reconhecendo neles possibilidade de aprendizado sobre culturas, tradições e sobre o passado que embasa o presente e o futuro, as estudantes iam se questionando o quanto esses espaços, e os conhecimentos por eles resguardados, poderiam ser acessados pela comunidade surda.

Como tenho pouca experiência com Libras, achei difícil acompanhar as conversas na sala de aula. Acho que um bom jeito de incluir seria fazer jogos. Gostei dos passeios que fui, mas queria ver mais passeios com uma intérprete trabalhando lá no local, acho que seria legal descobrir quais lugares oferecem esse serviço.

Outro destaque feito por vários participantes da atividade de extensão foi a possibilidade de conhecer Porto Alegre e a universidade, que, embora gratuitos, não fazem parte da cultura de

grande parte da população que não se apropria desses espaços, em sua maioria públicos, como seus. Alguns estudantes relataram que, ainda que morassem em Porto Alegre, nunca encontraram tempo para visitar museus ou centros culturais, o que nos faz refletir sobre o papel da extensão como janela que amplia a universidade, levando as discussões produzidas na sala de aula para além dela, e trazendo

esses espaços para dentro da sala de aula.

Gostei muito da extensão “conversação em Libras”, aprendi muito e tive bons momentos de convivência, aprendendo sobre Porto Alegre, seus lugares não vistos por nós moradores, além de ter mais prática em Libras e novos sinais (vocabulário). Acho que a proposta de ser todas as sextas-feiras, vai ser mais proveitosa e uma boa experiência linguística. Acredito que aprendi muito e minha comunicação melhorou demais. Quero mais vezes, continuar. (Avaliação escrita por uma das participantes do projeto)

Ferrugem (2015) discute em seu trabalho de conclusão que na contemporaneidade diversas iniciativas têm sido produzidas no sentido de

aproximar as comunidades da cultura material, a partir de práticas que estimulam a percepção e o pertencimento. Em uma prática que se aproxima das iniciativas discutidas pela autora, na primeira edição da ação de extensão aqui apresentada foram visitados o Museu de Porto Alegre, o Museu Julio de Castilhos, o Museu da Assembleia Legislativa, a Casa do Solar e a Casa da Cultura do Mário Quintana, todos espaços abertos à visita gratuita e muito pouco conhecidos por todos os participantes do projeto. Um primeiro passo foi o aprendizado dos sinais dos lugares e, a partir disso, se desenvolveram as visitas e posteriores conversas sobre elas. Quando questionados sobre as atividades desenvolvidas nos museus, os participantes da atividade de extensão destacaram o valor desse espaço em guardar memórias, servir de fonte de pesquisa, e resguardar a história, os artefatos culturais e com isso possibilitar a reflexão sobre o presente.

Nesse sentido nos aproximamos do que é discutido por Ferrugem (2015, p. 20) ao pensar os processos educativos com o patrimônio, tal como no caso de instituições culturais e museais, ao evidenciar que “o conceito de educação se concretiza nas relações sociais, sob os mais diferentes espaços, e nos cenários culturais torna-se alicerce de práticas de sociabilização e aprendizagem por compartilhamento de vivências e experiências.”

A riqueza dos encontros de visita, no projeto de Conversação em Libras, qualificou os momentos seguintes de rodas de conversa, nos quais todos eram convidados a relatar as experiências vividas e os aprendizados obtidos. Nesses momentos, muitas vezes os participantes se sentiram provocados a buscar estratégias comunicativas, o que ampliou os seus vocabulários sinalizados, uma vez que a cada encontro novas temáticas foram abordadas.

Para além das simples rodas de conversa, nesses encontros na sala de aula realizam-se jogos para fixação do vocabulário, leituras e discussões de

textos relacionados às visitas realizadas, dramatização de cenas e dinâmicas lúdicas que levavam os participantes a refletir sobre a estrutura linguística, fonológica e sintática da Libras. Em um exercício de retroalimentação, os encontros de sala de aula qualificam as visitas e vice-versa, uma vez que um subsidia o outro ao fornecer temáticas e qualificar a possibilidade de dizer sobre elas em língua de sinais. Neste ponto a ação de extensão possibilitou pensar sobre a prática pedagógica nas disciplinas de Libras e, também, em qualquer curso de ensino de línguas que se potencializa ao desenvolver a conversação a partir de experiências que estimulem o interesse pela comunicação e expressão.

Por fim, os relatos das estudantes indicaram que o objetivo de dar continuidade aos aprendizados da Libras, para além do formalmente estudado na disciplina curricular, foi alcançado. Até mesmo estudantes do curso do Bacharelado em Letras, Tradução e Interpretação de Libras, indicaram ter se sentido mais confiantes nas aulas do curso.

Gostei muito da extensão. Recebi o feedback da professora Carolina, do curso de Letras Libras. Ela disse que eu melhorei muito a minha sinalização o que me deixou muito feliz. Gostei muito também dos passeios nos museus. Realmente abrimos a nossa mente para conhecer outros sinais fora da sala de aula. Infelizmente faltei muitas faltas por causa das atividades do curso Letras Libras, mas senti a minha evolução. Agradeço muito pelo caminho e paciência de nos ensinar.

Conversação em Libras na UFRGS: produzindo espaços surdos na universidade

Na segunda edição da ação de extensão optou-se por restringir as visitas apenas aos espaços culturais da universidade, com o objetivo de dar a conhecer a UFRGS a seus estudantes. Assim como na primeira edição havia se constatado que grande parte das participantes desconheciam os espaços culturais da cidade em que viviam; o mesmo aconteceu com os museus e centros de

visitação da instituição a qual os estudantes se vinculam.

Um primeiro movimento na construção desta segunda edição da ação de extensão foi elencar os espaços conhecidos pela coordenadora do curso e ir em busca de informações sobre demais locais abertos à visitação na universidade. Ao longo desta etapa encontramos o site³ da Rede de Museus e Acervos UFRGS (Remam) que lista museus, acervos, coleções e memoriais organizados pela universidade e disponibilizados ao grande público. A primeira visita nos chamou atenção a variedade de espaços, no entanto nem todos os contatos estavam atualizados ou retornaram aos e-mails, ainda assim, a Remam se mostrou uma interessante iniciativa para centralizar informações a respeito da universidade, o que se faz útil, tanto para servidores e técnicos, como para a sociedade de maneira mais ampla, que se beneficia com aquilo que a UFRGS produz e organiza.

Os primeiros locais da universidade escolhidos para visitação foram o Museu da UFRGS e o Centro Cultural, ambos localizados no campus central. No Centro Cultural nos deparamos com os pratos de porcelana da exposição “Palavrar”⁴ da artista visual Elida Tessler, que ilustram verbos nas paredes do centro. O contato com tantos termos possibilitou desafiar os participantes da visitação a tentarem lembrar sinais ou explicar os termos para os quais não conheciam equivalentes em Libras. A atividade possibilitou a reflexão de que as línguas não se estruturam como um compilado de termos, mas se produzem na construção de sentidos, que nem sempre encontram linearidade termo a termo de uma língua para outra, o que não deve, no entanto, impedir a comunicação. Essa reflexão foi potente aos participantes para que buscassem

outras estratégias comunicacionais, expressões faciais e corporais e se atentassem muito mais aos sentidos que desejavam expressar.

Neste ponto damos destaque à importância da presença surda na universidade. O fato do projeto ser executado por uma docente surda imprime nele algumas características específicas: um destaque é o de que os participantes da ação de extensão se sentiam no compromisso de buscar estratégias de comunicação independentes da língua portuguesa, respeitando a língua primeira da professora e a proposta do projeto, de conversar em Libras. Outro ponto relevante foi o de apresentar para a universidade a existência de docentes surdos, os quais já se fazem presentes na instituição há quase 20 anos, mas nem sempre são reconhecidos por seus pares.

Flaviane Reis, em sua tese intitulada “A docência na Educação Superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos” (Reis, 2015) apresenta um amplo levantamento a respeito da presença surda na docência no Ensino Superior. Segundo a autora, em 1997 tivemos o registro do primeiro professor surdo atuando em uma universidade pública brasileira, na UFRJ, e em 2015, ano em que a pesquisa da autora foi publicada, atingiu-se um total de 174 docentes, número que possivelmente se ampliou bastante até os dias atuais. Segundo a mesma autora esse movimento fortaleceu a comunidade surda, no entanto trouxe desafios a esses profissionais, que nem sempre encontram pares com quem desenvolver suas ações na academia, e precisam frequentemente abrir espaços para fazer valer a sua intelectualidade que se baseia no uso da Língua Brasileira de Sinais, que só se faz presente na universidade a partir de atos de resistência da comunidade surda.

Em nosso projeto de extensão, não foram raras as visitas em que se percebia um olhar de estranhamento de quem nos recepcionava ao se afirmar que aquele era um projeto de extensão

de conversação em Libras, e que a professora que o desenvolvia era surda. Nos parece que ainda hoje há um grande desconhecimento a respeito dos direitos linguísticos das pessoas surdas, da complexidade dos processos de tradução e interpretação que precisam ser desenvolvidos por profissionais capacitados para que se tenha uma maior garantia de qualidade de seus resultados.

Na UFRGS, entre Instituto de Letras, Faculdade de Educação e Campus Litoral temos um total de 11 docentes surdos, o que é um número pequeno diante do total de 5307 servidores⁵ da UFRGS. No entanto, julgamos que mesmo sendo um número ainda reduzido, é importante que a universidade tenha consciência da diversidade nela presente, de maneira a valorizar esta pluralidade e o que ela produz. É relevante que mais projetos sejam desenvolvidos para divulgação da Libras entre os servidores, pois a comunicação com os e as docentes surdos/as não pode se reduzir a um mero “oi” no corredor. É preciso haver nesse sentido, não somente um movimento da área de Libras em produzir projetos e formações, mas, também, de outras áreas e setores compreenderem a importância dessa aproximação. Um ponto que destacamos, também, é a necessidade de ampliação do número de servidores técnicos tradutores e intérpretes de Libras na instituição, pois somente com a sua presença é possível aos docentes surdos uma plena participação no ensino, pesquisa, extensão e atividades administrativas da universidade.

Ainda nesse sentido, destaca-se que até mesmo na Faculdade de Educação, unidade com maior número de servidores e discentes surdos da universidade, não tem-se promovido projetos que integrem surdos e ouvintes para além dos desenvolvidos na área de Libras. Compreende-se que muito poderíamos crescer se articulármos

as diferentes áreas, para pensar a escola, as práticas didáticas ou tantas outras possibilidades. É necessário fortalecer movimentos tanto dos próprios docentes surdos, como de seus colegas ouvintes, em estabelecer parcerias em atividades de pesquisa, extensão e até mesmo ensino, que neste caso precisarão ter a presença mínima de duas línguas: o português e a Libras.

No caso da atividade de extensão sobre a qual o presente artigo discorre, foi possível em um dos encontros contar com a equipe de intérpretes do Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da universidade (Incluir UFRGS). Nesta ocasião foi possível aos estudantes, muitos deles do curso de Bacharelado em Letras Libras, observarem profissionais em prática interpretativa, aprenderem sobre o uso de classificadores, expressões faciais e corporais e observarem a diferença entre uma interpretação profissional e uma interpretação amadora, como a que estavam fazendo até então. Foi interessante que algumas participantes relataram que se interessaram pelo projeto por verem nele uma oportunidade de exercitar a interpretação português-Libras e vice versa, no entanto, ao tentarem desenvolver essa atuação perceberam que não era tão simples assim se fazerem compreender, indicando que esta é uma prática que exige dedicação, estudo e trabalho em conjunto.

Ao ter aproximação com as intérpretes profissionais do Incluir, esse contato qualificado com a língua de sinais viabilizou refletir sobre as possibilidades produtivas desta língua para além da comunicação cotidiana, e compreender a necessidade de formação específica para prática interpretativa, o que valoriza a atuação dos e das profissionais da área.

Além disso, ao se efetuar uma situação adequada de acessibilidade, se produziu uma experiência que serve de modelo a ser reivindicado pelos e pelas estudantes que podem se tornar aliados na luta por direitos da comunidade surda.

3. <https://www.ufrgs.br/remam/> acesso em 31 de janeiro de 2025.

4. Mais informações em <https://www.ufrgs.br/cultura/events/exposicao-palavrar-de-elida-tesler/> disponível em 31 de janeiro de 2025.

5. Dado disponível no Painel de Dados da UFRGS <https://www.ufrgs.br/paineldedados/gestao-de-pessoas/> Acesso em 31 de janeiro de 2025.



Figura 3 - Intérpretes do INCLUIR tornando acessível a visita ao observatório da UFRGS.

Fonte: Autores.



Nesta segunda edição do projeto de conversação em Libras, ao se optar por promover a visitação a espaços dentro da universidade, se ampliou os temas geradores das conversas que envolveram física, matemática, astronomia, economia, etc. Além disso, se promoveu um sentimento de pertencimento e apropriação por parte das estudantes da UFRGS da instituição de maneira mais ampla.

Foram diversos os relatos das estudantes entusiasmadas em conhecer um pouco mais a história da universidade ao visitar o prédio da Faculdade de Engenharia, algumas destacaram, ao observar as fotos dos ex-alunos,

o quanto a instituição era prioritariamente masculina até relativamente pouco tempo.

Um último destaque foi dado ao aparente entusiasmo da guia/monitora que apresentou a Escola de Engenharia às participantes do projeto, e as estratégias necessárias para transmitir esse entusiasmo através da interpretação do português para a Libras. Ademais, para além do orgulho pela própria universidade, ficou evidenciado o quanto a UFRGS foi se constituindo e até hoje se desenvolve atendendo às demandas da sociedade mais ampla, o que também se exemplifica por projetos de extensão como o aqui apresentado.

Conclusão: extensão como processo coletivo, continuamente em produção

Encerramos o presente texto com diversas reflexões. Compreendemos inicialmente que a extensão se configura como um importante espaço de potencialização da presença da Libras na universidade e na sociedade de maneira mais ampla. Por meio da extensão é possível qualificar o ensino, refletir sobre a sociedade e possibilitar que as UFRGS se amplie para além dos muros institucionais.

Ao longo da execução das edições da ação de extensão foram feitas diversas adequações a partir da demanda dos e das participantes. Inicialmente os encontros duravam três horas e eram quinzenais, passaram, então, a serem semanais e terem duração de cerca de uma hora e meia, de maneira a possibilitar o contato mais frequente com a Libras, sem que se precisasse dedicar atenção a esta língua visual por um período muito longo do encontro. Percebeu-se que os encontros foram sendo moldados a cada etapa do projeto, em uma relação dialógica e horizontal entre estudantes e professora, o que foi visto como mais uma qualidade da atividade de extensão que deveria ser replicada em um contexto de sala de aula.

A liberdade exercida na prática deste formato de ambiente de aprendizagem, embora potente, também foi desafiante, uma vez que não havia um grupo fixo de participantes todas as semanas, o que implicava em adaptar o

planejamento a cada encontro.

Na edição de 2024 da ação de extensão, sobretudo após o período das enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul, houve uma redução acentuada do número de participantes, neste momento cogitou-se pensar em trocar o dia agendado para os encontros, mas enfim se percebeu que independente do número de participantes, sementes haviam sido plantadas, de respeito à Libras, e também das possibilidades de estreitamento de vínculos entre docentes e discentes e da possibilidade de termos a presença da língua de sinais em diferentes espaços e contextos.

Como reflexão final destacamos a necessidade dos e das estudantes e servidores conhecerem a UFRGS e também os diferentes espaços culturais da cidade de Porto Alegre, e na mesma medida que esses espaços tomem conhecimento da existência surda na UFRGS, bem como da Libras, língua que constitui o território surdo, seja lá onde esses sujeitos estiverem. Além disso, destacamos a potencialidade das parcerias entre diferentes campos de conhecimento e também entre surdos e ouvintes, tal como o estabelecido na escrita deste artigo, que se produziu a partir de discussões sinalizadas registradas em português. ◀

Referências Bibliográficas

- REIS, Flaviane. *A docência na educação superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.
- FERRUGEM, Isabel Cristina F. *Educação, patrimônio e ludicidade: a experiência educativa do Setor de Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SPH/UFRGS)*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.



(R)existe - a arte do povo da luta por moradia

Leonardo de Oliveira¹; Fernando Cardoso²; João Kowacs Castro³; Lilian Rodrigues da Cruz¹

¹Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IPSSCH / UFRGS

²Projeto de Extensão (R)existe Ocupação Cultural - UFRGS

³Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IA/UFRGS

E-mail: pocupacaoculturalrs@gmail.com

Resumo

O artigo descreve a produção da exposição "(R)EXISTE!" realizada em Porto Alegre na galeria Ecarta no ano de 2023, com foco na arte como resistência de comunidades vulnerabilizadas. A exposição foi uma iniciativa do projeto de extensão (R)existe, e incluiu diversas expressões artísticas e culturais produzidas em oficinas realizadas em espaços como a Ocupação Centro Cultural Ksa Rosa, o Assentamento 20 de Novembro e a ONG Peregrinos Sem Fronteiras, além de outros artistas ligados à luta por moradia. A proposta buscou fortalecer coletivos de arte e cultura, dar visibilidade à luta por moradia no município e subverter o papel tradicional de galerias de arte. Com uma abordagem de arte-educação, o evento também desafiou as estruturas necropolíticas, promovendo a reflexão sobre a luta por direitos e a valorização cultural, além da interação dialógica da extensão e da universidade com a comunidade periférica.

Palavras-chave: Arte e resistência, luta por moradia, comunidades vulnerabilizadas, arte-educação, coletivos culturais.

Resumen

El artículo describe la producción de la exposición "(R)EXISTE!" realizada en Porto Alegre en la galería Ecarta en 2023, centrándose en el arte como resistencia de comunidades vulnerabilizadas. La exposición fue una iniciativa del proyecto de extensión (R)existe e incluyó expresiones artísticas y culturales diversas producidas en talleres realizados en espacios como la Ocupación Centro Cultural Ksa Rosa, el Asentamiento 20 de Noviembre y la ONG Peregrinos sin Fronteras, además de otros artistas vinculados a la lucha por la vivienda. La propuesta buscó fortalecer colectivos de arte y cultura, dar visibilidad a la lucha por la vivienda en el municipio y subvertir el papel tradicional de las galerías de arte. Con un enfoque de arte-educación, el evento también desafió las estructuras necropolíticas, promoviendo la reflexión sobre la lucha por los derechos y la valorización cultural, además de la interacción dialógica de la extensión y la universidad con la comunidad periférica.

Palabras clave: Arte y resistencia, lucha por la vivienda, comunidades vulnerabilizadas, arte-educación, colectivos culturales.

(R)existe - a arte do povo da luta por moradia

Um livro de poesia na gaveta não adianta nada

Lugar de poesia é na calçada

Lugar de quadro é na exposição

Lugar de música é no rádio

(Sérgio Sampaio)

Ao retomar as heranças e o momento histórico em que vivemos, é de suma importância salientar a infiltração da ideia neoliberal de privatização dos espaços públicos, inclusive os de cultura e arte, a elitização e usos hegemônicos destes, além da regulação imobiliária e fundiária. Se também o Estado, amigado desta lógica, falha tanto em garantir a dignidade, tanto pelo direito à moradia, quanto pelo acesso e proteção do direito à cultura, quais resistências são possíveis? É possível pensar uma arte política e não panfletária, que possibilite a agência de indivíduos e coletividades marginalizadas? Qual o efeito dessas ações e da valorização das expressões artísticas dessas comunidades na produção de saúde mental e na construção da autoestima dessas comunidades? Quando a lei não é cumprida pelos meios burocráticos, a existência de um coletivo de educadores que atue no sentido de ampliar, qualificar e valorizar a experimentação

artística e o acesso à produção artística pode se fazer necessária.

Neste sentido, este artigo relata a produção da exposição "(R)EXISTE", ocorrida em janeiro de 2023, em uma tradicional galeria de arte de Porto Alegre, a Galeria ECARTA, abordando a intersecção entre arte e realidade social de comunidades vulnerabilizadas. A referida exposição foi uma ação do projeto de extensão "(R)EXISTE: ocupação cultural", cujo objetivo geral é promover a inclusão social e o fortalecimento comunitário em contextos de vulnerabilidade e luta por moradia por meio da integração de práticas culturais, artísticas, educativas e psicossociais. Nesse contexto, uma das ações mais importantes é desenvolver oficinas e eventos culturais em comunidades de ocupação utilizando a arte e a cultura como meios de expressão e desenvolvimento pessoal e comunitário. A referida mostra incluiu uma variedade de expressões

artísticas, como pinturas, mosaicos, artesanato com materiais recicláveis, fotografias, vídeos e desenhos, enfatizando a resistência e a expressão da cultura popular de comunidades em situação de vulnerabilidade.

O objetivo deste artigo é contar a experiência de arte de educadores, psicólogos, educadores sociais e redutores de danos inseridos de forma dialógica na extensão acadêmica e em movimentos de luta por moradia, desde a montagem, a produção e a organização da exposição citada.

Os trabalhos exibidos são resultados de oficinas criativas realizadas na Ocupação Centro Cultural Ksa Rosa, no Assentamento 20 de Novembro e na ONG Peregrinos Sem Fronteiras, além de outros espaços com artistas de forma independente, em oficinas ministradas por artistas e artesãos, que tinham como objetivo fomentar a expressão artística em contextos de exclusão social. A importância dos encontros realizados em ambientes comunitários não é apenas promover a produção cultural, mas também fortalecer redes de solidariedade.

A iniciativa serviu como um convite à reflexão sobre as narrativas presentes em territórios em disputa, evidenciando a vitalidade da arte como um meio de resistência contra estruturas sociais opressivas. Ao gerar imagens, produzir objetos artísticos, a partir de seu contexto sócio-cultural, as comunidades vulnerabilizadas têm sua subjetividade representada no imaginário social. No caso dos participantes da exposição, sua produção artística e sua subjetividade lhes é negada ou negligenciada pela sociedade que vê na arte um meio elitizado e refinado onde expressões populares são invisibilizadas.

Assim, a proposta expositiva desafia a necropolítica, ao inserir vozes e corpos historicamente marginalizados e apagados no espaço da galeria, transformando-o em um espaço de encontro e diálogo, validando as expressões e bagagens artísticas e culturais dessas pessoas e de suas comunidades.

Diante desse contexto necropolítico, a urgência de uma cultura que fomenta alegria e resistência é ressaltada como um elemento crucial para a construção de uma sociedade plural, justa e criativa. A luta por direitos e moradia, representada na exposição, reforça a necessidade do entendimento do Direito ser entendido de forma indivisível, não existindo meio direito, e sim, os direitos humanos enquanto totalidade de valores necessários para o bem estar dos sujeitos e da comunidade.



Figura 1 - Cartaz da exposição (R)existe.
Fonte: Autores.

Neste sentido, a exposição "(R)EXISTE!" celebrou a produção artística, mas também atuou como uma plataforma para fortalecer as lutas sociais, evidenciando o papel transformador da arte na vida das comunidades vulneráveis. Note-se que as oficinas foram idealizadas de forma a incentivar a produção criativa autônoma dos sujeitos, entendendo que assim, a integração coletiva e a autonomia individual se fortalecem mutuamente.

O coletivo chamado Projeto Ocupação Cultural, proponente, organizador e curador da exposição surgiu no fim de 2010, nas ocupações do movimento sem-teto no centro da cidade de São Paulo, do encontro de educadores que moravam nas ocupações com educadores e artistas que visitavam as ocupações para propor ações sócio-culturais junto às comunidades. Já na época, São Paulo passava por um processo crescente de gentrificação do centro da cidade e o coletivo passa a desenvolver ações que denominamos como 'pracificação', no sentido de pensar espaços de convivência, cultura, arte e lazer dentro das ocupações de sem teto, em contraponto à precificação e à política segregacionista que transformava o centro da cidade em um espaço de exclusão para as famílias de baixa renda. Percebendo o espaço urbano como primordialmente local do encontro, ao estabelecer espaços de contato entre as pessoas, reforça-se com afeto a malha social.

Em 2020, o coletivo forma seu núcleo em Porto Alegre, e segue nesta ideia de articulação de espaços e artistas periféricos e de luta por moradia com locais e instituições de arte e cultura no município. Em 2023, através de uma proposta do Projeto Ocupação Cultural, e do projeto de extensão (R)existe, surge a oportunidade de organizar a exposição em um espaço cultural tradicional de Porto Alegre, a galeria Ecarta. Surge, assim, a exposição (R)existe, que esteve em cartaz de janeiro a março de 2023, tendo recebido cobertura da mídia e

atraído um público periférico e diverso. Assim, o espaço de uma cidade feita para as pessoas, a luta por moradia e o conceito/práxis de pracificação se fizeram presentes no espaço de uma galeria tradicional.

Além disso, a proposta da exposição foi pautar mudanças necessárias no mundo das artes, no que diz respeito às heranças coloniais - também, pelos efeitos políticos, raciais e de classe, que decorrem da crise climática do mundo atual (Vergés, 2023). A arte, neste sentido, carrega a possibilidade da valorização da vida, da cidadania, da diferença, da produção de uma coletividade e da dignidade humana. Como veremos a seguir, também nos colocamos todos em obra e em movimentos a partir do processo e da composição da exposição.

Rexistindo

"E estes movimentos, com os quais temos nos encontrado e que ora partilhamos, dizem de modos de se ocupar daquilo que interessa para que prossigam produzindo acolhimento, cuidado e vida poética." (Mendes *et al.*, 2019, p. 351).

Nosso envolvimento enquanto coletivo e, posteriormente, como extensão acadêmica com os movimentos de moradia foi tecido ao longo de anos de parceria, com promoção e organização de eventos artísticos, culturais, de redução de danos e promoção de saúde. Sempre foi de comum entendimento a demanda de organizar espaços de produção e exposição de arte e cultura, valorizando a ampliação de repertório, mas, também, a valorização dos artistas, fazeres locais e suas obras. Com o passar do tempo, esta proposta se cristalizou na realização de uma série de oficinas; as obras produzidas foram destinadas à montagem da exposição. As modalidades artísticas seriam diversas: literatura, mosaico, pintura, música e artesanato, e as obras geradas nessas oficinas foram então organizadas para

compor a exposição.

As montagens foram realizadas coletivamente, com o envolvimento dos próprios participantes, e as obras foram dispostas de maneira que refletissem tanto a multiplicidade de técnicas utilizadas, quanto as narrativas presentes no processo. Para isso, o coletivo contou também com a participação direta de estudantes extensionistas, que atuaram como mediadores nas oficinas, auxiliando na produção artística e na articulação entre a universidade e os movimentos sociais. Essa experiência permitiu que os estudantes vivenciassem na prática os desafios da extensão popular, integrando a formação acadêmica e o compromisso social.

A curadoria, embora inicial e desafiada pela ausência de recursos, foi uma afirmação da autenticidade e da resistência das produções periféricas e do coletivo. As obras foram apresentadas sem a preocupação estética colonial que muitas vezes desqualifica a arte popular e periférica. Em vez disso, as produções artísticas foram vistas como instrumentos de transformação e resistência social, onde a arte foi posicionada como uma forma legítima e potente de expressão cultural e política. Essa construção foi feita desde as oficinas em diálogo com os participantes delas, que definiram coletivamente a disposição das obras para refletir suas narrativas. A resistência à estética colonial partiu dos próprios artistas, como Dona Lúcia, LP Pereira, Maristoni Moura e Cosme Rodrigues, que apostaram na exibição de peças não convencionais como ato político e de testemunho.

Entre as oficinas realizadas, destacam-se as realizadas na Ksa Rosa, uma associação localizada próximo à rodoviária de Porto Alegre, reconhecida por sua fachada colorida e um grande mosaico. O espaço acolhe pessoas em



Figura 2 - Artistas e participantes da exposição (R)existe durante oficina na Ksa Rosa.
Fonte: Autores.

situação de vulnerabilidade social, incluindo catadores de recicláveis, moradores de rua e imigrantes, promovendo a integração social por meio de diversas atividades culturais.

As oficinas de mosaico, facilitadas por Maristoni Moura e pelo coletivo Projeto Ocupação Cultural, foram fundamentais, pois permitiram aos participantes explorar a arte com materiais recicláveis, de forma autêntica, promovendo tanto a integração social quanto a expressão criativa, escapando da ideia produtivista e do fetiche pela reprodução de objetos,

em consonância com Benjamin (1994), o qual retoma que "a arte, em sua autenticidade, preserva sua aura. Nos espaços coletivos, como as oficinas, essa aura é reconstituída, pois ela não é apenas a reprodução de um objeto, mas a experiência direta e comunitária com ele" (p. 23).

A proposta da oficina envolveu a união em coletividade dos participantes, enquanto o artista LP Pereira compunha uma música sobre o processo, que depois foi incluída e tocada na exposição. Luiz Paulo Pereira Freitas de Oliveira, conhecido como LP Pereira da Vila, é um compositor e produtor musical, ativo na cena cultural do Rio Grande do Sul em um estilo que combina samba, jazz e outros elementos. A música composta brinca com a ideia de que o artista é um comerciante de substâncias ilícitas, em uma ideia de arte de si:

4:20

Minha leva vai crescendo tem pedido a longo prazo
é tipo exposições não tô imaginando prêmio
qualidade eu ando traficando pelos cantos
não precisa intimidade então vai levar quanto?

(Sumaki, LP Pereira Da Vila)

Já o MNLM (Movimento Nacional de Luta pela Moradia) no Rio Grande do Sul é uma organização que luta pelo direito à moradia digna e acessível. Formado por pessoas em situação de vulnerabilidade habitacional, o movimento busca a mobilização social e a reivindicação de políticas públicas que garantam o acesso à habitação, se envolvendo em ações de educação popular, conscientização sobre direitos e a resistência contra a especulação imobiliária. O Assentamento 20 de Novembro, no centro de Porto Alegre, é um espaço ocupado pelo movimento e suas famílias em busca de moradia digna, refletindo a luta por direitos habitacionais e a diversidade cultural da população.

Uma de suas moradoras e importante representante da cultura popular e da luta por moradia que participou das oficinas e da exposição é Lúcia das Graças, conhecida como Dona Lúcia, uma artista que atua como educadora, costureira e cozinheira, além de ser Mestra Griô de tradição oral.

Para a exposição, Dona Lúcia criou bonecas abayomis e peças de sisal, compartilhando, por meio da sua arte, saberes ancestrais e populares. Por meio de oficinas, ela transmite suas habilidades e conhecimentos, fortalecendo a conexão entre a cultura viva e as novas gerações. Neste sentido, Jota Mombaça (2020) propõe que a arte seja uma estratégia de afirmação dos corpos, um espaço para a criação de novas possibilidades, onde os indivíduos se tornam agentes de sua própria resistência e reinvenção, contribuindo para a construção de um outro mundo possível.

Para isso, Lúcia traz um relato oral enquanto a oficina acontece. Ela narra que as abayomis, em especial, carregam um significado profundo e ancestral. Originárias da resistência negra, essas bonecas têm raízes na época da escravidão, quando as mulheres africanas, confinadas nos porões dos navios negreiros, confeccionavam pequenos bonecos para seus filhos, rasgando pedaços de suas próprias saias. As abayomis eram mais do que brinquedos: eram um ato de amor e proteção, uma forma de criar laços e transmitir segurança e esperança em um contexto de profunda dor e violência. O nome "abayomi" vem do iorubá e significa "encontro precioso", uma expressão que reflete a natureza da relação entre mãe e filho, do afeto que une em meio ao sofrimento.

Dona Lúcia, ao criar e ensinar a fazer abayomis, como as que estiveram expostas, juntamente com as carrancas, transmite não apenas uma técnica, mas também a memória da resistência, da ancestralidade africana, partilha e aprendizado. Para ela, cada abayomi



Figura 3 - Dona Lúcia observa obras da exposição (R)existe, com as carrancas que a artista expôs ao fundo e vídeo sobre montagem da exposição à direita.

Fonte: Autores.

é um símbolo de resistência e um lembrete da força dos que vieram antes, um tributo aos que sofreram, mas também aos que lutaram para sobreviver e manter viva sua identidade cultural.

Novamente aqui a arte torna-se mais que um mero objeto de apreciação, mas um dispositivo de resistência e memória. bell hooks (1995) defende que a arte pode ser um instrumento de transformação e resistência ao permitir que as narrativas dos marginalizados sejam ouvidas. No caso de Dona Lúcia, suas oficinas e a criação das abayomis não são apenas atos de produção artística, mas sim uma reapropriação do espaço cultural, em que as tradições afro-brasileiras são celebradas como forma de resistência à opressão racial e social.

As oficinas de artes plásticas no Assentamento 20 de Novembro foram também fundamentais



Figura 4 - A Obra - da artista Dandara da Silva de Moraes, presente na exposição - retrata ocupações urbanas.

Fonte: Autores.

para a promoção da expressão cultural e artística dentro da comunidade, além de fortalecerem a conexão entre arte e resistência. As atividades não se limitavam à aprendizagem de técnicas artísticas, mas também envolviam um profundo engajamento social e político, pois as produções feitas pelos participantes eram uma forma de resistência à invisibilização das periferias urbanas, tornando-se um espaço de afirmação da identidade e da cultura popular, permitindo aos participantes se expressarem e se reconhecerem enquanto agentes de transformação dentro da própria comunidade e além dela.

Cosme Ferreira Rodrigues é um compositor e musicista carioca, natural de São João do Meriti, com 60 anos de idade e mais de quatro décadas dedicadas à música. Sua trajetória musical teve início na Ala de Compositores da escola de samba Leão de Nova Iguaçu, entre 1993 e 1995. Cosme é conhecido por sua potente voz lírica e pelo acompanhamento de seu pandeiro, que traz consigo influências das rodas de Capoeira com o Mestre Vieira e das sessões de Umbanda, onde atuou como Ogã no terreiro de Mãe Isabel. Com a banda Sociedade Cósmica, ele explora uma sonoridade eclética, e como artista de rua, já se apresentou em diversos estados, incluindo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Em suas performances, Cosme leva o Samba de roda, melodias e cantigas ancestrais, promovendo uma conexão entre a tradição e a cultura popular.

O choro das ruas

O choro das ruas

é difícil de se perceber

a culpa não é sua

veja bem o que se pode fazer

p'ra amenizar, fazer cessar

e entender

que a criança descalça

e nua pode estudar pode crescer

e o povo do subterrâneo

quem é que vai socorrer?

(Cosme Rodrigues)

A participação de Cosme na exposição se deu de três formas, uma permanente, um cortejo e na vernissage de abertura. A permanência de Cosme se deu na obra "Big Cosme" - banner impresso em tecido. A foto é um retrato de Cosme na Avenida Osvaldo Aranha, foto por Tuane Eggers. O retrato, em tamanho quase real, ficava pendurado à entrada da exposição, recebendo os visitantes. A ação de Cosme também se deu no lançamento da obra em um cortejo pela tradicional feira da Redenção, à caminho da galeria. Por fim, durante a vernissage, Cosme, além de se apresentar com seu pandeiro e sua voz, trouxe quitutes por ele feitos com a assistência do coletivo: salgadinhos de festa e bolos de aipim com côco. Cosme, cozinheiro e representante da cultura popular, contribuiu, assim, com a alimentação dos visitantes, revelando, mais uma vez, a procura por um trabalho envolvido em diferentes categorias de forma crítica.

Esses são alguns dos artistas que colaboraram com a exposição por meio de suas vivências e produções, contribuindo não apenas para a cena cultural, mas também atuando como agentes de transformação social, promovendo a resistência e a valorização das identidades periféricas. A arte pode não subverter estruturalmente o Estado, por si só, mas se estiver vinculada a uma rede econômica, associações e movimentos sociais, pode acender reações (Vergés, 2023). Pode inspirar lutas, e neste processo encontra-se a semente de descolonizar o museu, e a forma de viver a arte.

Ecos

Ver a galeria ocupada artisticamente, e depois também tomada pela multidão de pessoas destas instituições e movimentos nos coloca a torcer o lugar da arte e dos locais de exposição, como galerias e museus universais europeus, locais de gentrificação, de encenação ideológica, de saqueamento, exploração e invisibilização da exploração (Vergés, 2023).

Existe nesse viés universalista europeu da arte e dos espaços culturais um apagamento de um certo tipo de memória, de uma língua. Assim, ainda que o coletivo e os movimentos estivessem ocupando a galeria, com a legitimidade que aquelas obras têm dentro de nossa percepção crítica e social, era impossível não perceber o tratamento que os trabalhos recebiam por organizadores da instituição durante a montagem da exposição, em discursos que o qualificar como “toscos”, kitsch, ou que as telas não eram de boa qualidade, ou emolduradas, pois não havia recurso financeiro para tal. Houve resistência e tensionamento para que fossem mantidas as obras em sua integralidade.

Mesmo o transporte das obras não foi o ideal, tendo as pinturas sido transportadas protegidas por bandeiras do MNLM, e nada mais simbólico que isso. Lutamos até o fim contra a perspectiva estética colonial de arte para que todas as obras, mesmo as mais simples e as feitas por crianças fossem expostas, ainda que houvesse a tentativa de deslegitimá-las, sob o olhar sanguinário do vigia (como diriam os Racionais Mc’s), representado pela perspectiva tradicional de curadoria hegemônica.

Ainda sobre isso Vergés (2023) considera que é necessário um pós museu, que exige mais que pequenas modificações, mas a coragem de ser antirracista, antipatriarcal, anticapitalista e anti-imperialista, libertando-se da presunção de respeitabilidade estética colonial. Para que haja construção de territórios afirmativos da vida, segundo Rolnik (2021, p. 72) “a criação transfigurativa se faz necessária, em detrimento de uma reprodução reativa do hegemônico”.

A exposição evidenciou o importante papel da extensão universitária ao envolver estudantes em processos de curadoria e criação compartilhada de arte e cultura popular. Essa vivência direta com os artistas e militantes das ocupações amplia a compreensão sobre arte política

e direito à cidade, consolidando uma formação profissional com compromisso social. Neste contexto, a colaboração entre artistas, extensão e membros das comunidades e movimentos sociais se revela crucial. As oficinas criativas não apenas estimulam a produção artística, mas também fomentam um espaço de diálogo e troca de saberes. Essa interação entre artistas, moradores, extensionistas e galeria de arte fortaleceu laços comunitários, permitindo que a produção artística se tornasse um reflexo autêntico das vivências e desafios enfrentados por essas populações.

Nossas andanças reafirmam o sentido de produzirmos no campo da saúde e no processo de produção de políticas públicas outros modos de olhar e de construir a relação com o outro, sobretudo considerando que as pessoas fabricam e cultivam diferentes modos de existir independentemente de supostas regras, imposições e atravessamentos desenvolvidos pelo modelo dominante de gestar a vida (Mendes *et al.*, 2019, p. 356).

A exposição também propôs uma reflexão crítica sobre o papel das instituições artísticas na promoção da inclusão e da diversidade. Ao ocupar um espaço tradicional, “(R)EXISTE!” convidou o público a reconsiderar o que é arte e quem tem o direito de produzi-la. Esse movimento não só amplia as vozes dentro do mundo das artes, mas também instiga um questionamento sobre a função da arte na sociedade contemporânea.

Ao ocupar uma galeria de arte, a exposição desafia as normas estabelecidas que frequentemente excluem as narrativas das comunidades periféricas. Esse ato de ocupação é, em si, uma forma de resistência à necropolítica, que marginaliza e silencia as vozes dos que lutam por direitos fundamentais, como a moradia digna.

Inserir essas vozes em um espaço considerado

“legítimo”, a exposição transforma a galeria em um lugar de encontro e diálogo, onde se propõem novas narrativas que desafiam as representações tradicionais. Um dos ecos da exposição foi essa legitimação dos artistas que expuseram seus trabalhos, fato visível no orgulho e na alegria que os transbordava e enchia a galeria. O público, comunidade acadêmica da UFRGS, estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes áreas do conhecimento, pessoas do movimento, familiares, artistas de Porto Alegre, participantes do Fórum Social, também deixaram nítido seu interesse e satisfação com a exposição e o significado que carregava. A exposição também foi amplamente noticiada em meios de comunicação com rádio e jornais, atingindo os objetivos propostos de público e notoriedade.

Estas experiências vividas na organização da exposição evidenciam a urgência de se construir espaços de resistência cultural. A arte pode ser um catalisador poderoso para a mudança social, e iniciativas como “(R)EXISTE!” são fundamentais para reafirmar a dignidade, a cidadania e os direitos de populações vulnerabilizadas e dos movimentos sociais.

No clima de guerra permanente em que vivemos, é urgente imaginar instituições decoloniais, antirracistas, anticapitalistas e anti-imperialistas que não sejam baseadas no extrativismo, mas incentivem a curiosidade, o desejo de compreender e agir contra as injustiças, as desigualdades e o sexismo. Que nossas derrotas sejam o terreno onde construiremos novos sonhos. Que nossas práticas alimentem nossa imaginação (Vergés, 2023, p. 243).

Mesmo em um ambiente social e político de dificuldades, o atravessamento entre arte e resistência, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, revela o poder da produção cultural como um instrumento

de transformação, tanto individual quanto coletiva. A exposição (R)EXISTE! em Porto Alegre, assim como o processo de articulação e resistência que a precedeu, reflete essa dinâmica, articulando a arte como um meio de reconfigurar os espaços urbanos, questionando as lógicas coloniais e neoliberais que predominam nas cidades, em galerias e museus. O conceito de “pracificação” proposto pelo Projeto Ocupação Cultural, ao transformar espaços de uso comum da cidade em locais de encontro, lazer, diálogo e produção cultural, se alinha diretamente com a crítica sobre a financeirização da moradia, que transformou o espaço urbano em mercadoria, criando ambientes de exclusão social e cultural.

A exposição (R)EXISTE!, nesse sentido, não foi apenas uma mostra de obras, mas uma prática de resistência. Ao trazer artistas de comunidades periféricas e ocupações de moradia, o evento confrontou o elitismo das instituições de arte tradicionais, criando um espaço de produção estética e de pertencimento. Spivak (2008) endossa isto ao argumentar que, quando o subalterno se expressa, sua voz carrega a violência, e somente ao ouvir esse discurso é que se torna possível transformar essa violência em uma forma de resistência. A escolha de materiais recicláveis, como os mosaicos produzidos na oficina da Ksa Rosa, e a exposição de fanzines, artes manuais e literatura independente são expressões de uma arte que é uma espécie de anti cultura na medida em que se opõe à cultura hegemônica, elitista e colonizadora.

Assim, a exposição (R)EXISTE! se torna um exercício de interação dialógica com a sociedade, onde a universidade — através do projeto de mesmo nome — cumpre seu papel como espaço de articulação e construção comunitária ao integrar moradores de ocupações, artistas periféricos e pesquisadores da

UFRGS, reforçando também o compromisso público da academia com comunidades vulnerabilizadas, transformando saberes populares e acadêmicos em ferramentas de resistência cultural e emancipação. Mais do que um evento, a exposição simboliza a potência da extensão como eixo transformador: ao conectar galerias, universidade e ocupações, ela mostra que a arte é um ato político — e que a universidade, em diálogo com os movimentos sociais, pode ser terreno fértil para novos mundos, onde ensino, pesquisa e vida comunitária se alimentam mutuamente.



Figura 5 - Coletivo Projeto Ocupação Cultural (MNLN), membros do Projeto de Extensão (R)existe, artistas e parceiros ao final do primeiro dia de exposição. Fonte: Autores.

Não se trata apenas de expor obras, mas de criar um campo simbólico e material de resistência, onde as narrativas das ocupações, como as do Assentamento 20 de Novembro, Peregrinos Sem Fronteiras e Ksa Rosa, possam ser expressas de forma legítima e sem concessões às imposições estéticas da arte elitista. Assim, a arte se afirma como uma forma de resistência coletiva, capaz de contestar e reimaginar as estruturas de poder e controle que dominam o

espaço urbano e mesmo as próprias instituições culturais. O envolvimento com arte, cultura, universidade e política nessas comunidades é mais do que um exercício de curadoria — é uma prática de produção de vida, cidadania e resistência. ◀

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES, F. Ocupação na ocupação: arte contemporânea no Movimento dos Sem Teto do Centro. *Revista Art&*, São Paulo, v. 2, 2004. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-02/trabalhos/03.htm>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- HOOKS, bell. *Feminismo é para todo mundo: políticas vitais*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.
- MENDES, Valéria Monteiro; SILVA, Ana Lúcia Santos da; RODRIGUES, André; FEUERWERKER, Laura Camargo Macruz. Ocupações poéticas de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida. *Psicologia Política*, São Paulo, v. 19, n. 45, p. 351-369, maio/ago. 2019.
- MOMBAÇA, Jota. O corpo como um território de resistência e reinvenção: a arte como afirmação de nossas existências. In: MOMBAÇA, Jota (org.). *Corpos queer: performances, políticas e poéticas*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Cosac Naify, 2008.
- VERGÈS, Françoise. *Descolonizar o museu: programa da desordem absoluta*. São Paulo: Ubu, 2023.

Perspectivas da educação popular no combate à evasão no Curso Pré-Vestibular Popular Liberato diante da tragédia climática no RS

Rhian Vilar da Silva Vieira¹; Ivan Pereira Quintana²; Anderson Menezes Pereira³

¹Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - IBIO/UFRGS

²Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FAGED/UFRGS

³Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PRAE/UFRGS

E-mail: ivanquintana274@gmail.com

Resumo

O presente estudo analisa as ações do Curso Pré-Vestibular Popular Liberato (CPVPL) para prevenir a evasão durante as enchentes históricas de 2024 no Rio Grande do Sul, com foco nos impactos sociais, emocionais e materiais sofridos por alunos e educadores. Alinhado aos princípios da educação popular, o CPVPL adotou estratégias solidárias e integradas, como apoio emocional, disponibilização de materiais pedagógicos e incentivo ao trabalho coletivo com enfoque na abordagem cidadã. A pesquisa revelou que uma parte significativa da comunidade do curso foi afetada pela crise, enfrentando desde

perdas materiais até o agravamento de condições de saúde, com ênfase na saúde mental. As atividades realizadas não apenas garantiram a continuidade do aprendizado, mas também promoveram resiliência e fortaleceram os laços comunitários, evidenciando o papel da educação popular como ferramenta de transformação social em tempos de adversidade.

Palavras-chave: evasão escolar; educação popular; enchentes no RS.

Resumen

El presente estudio analiza las acciones del Curso Preparatorio Popular Liberato (CPVPL) para prevenir la deserción durante las inundaciones históricas de 2024 en Río Grande del Sur, con un enfoque en los impactos sociales, emocionales y materiales sufridos por estudiantes y educadores. Alineado con los principios de la educación popular, el CPVPL adoptó estrategias solidarias e integradas, como apoyo emocional, disponibilidad de materiales pedagógicos e incentivo al trabajo colectivo con enfoque en la participación ciudadana. La investigación reveló que una parte significativa de la comunidad del curso se vio afectada por la crisis, enfrentando desde pérdidas materiales hasta el agravamiento de condiciones de salud, con énfasis en la salud mental. Las actividades realizadas no solo garantizaron la continuidad del aprendizaje, sino que también promovieron la resiliencia y fortalecieron los lazos comunitarios, destacando el papel de la educación popular como herramienta de transformación social en tiempos de adversidad.

Palabras clave: deserción escolar; educación popular; inundaciones en RS.

Introdução

Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul enfrentou uma das mais devastadoras catástrofes climáticas de sua história recente. Chuvas intensas e inundações generalizadas elevaram o nível do lago Guaíba a 5,33 metros, superando o recorde histórico de 4,76 metros registrado na enchente de 1941. O impacto foi dramático: 478 municípios – cerca de 90% do estado – foram atingidos, resultando em 176 mortes e mais de 2 milhões de pessoas diretamente afetadas, conforme relatórios estaduais e federais (Brasil, 2024; Vieira, 2024).

Nesse cenário, o funcionamento do Curso Pré-Vestibular Popular Liberato (CPVPL) foi profundamente impactado, ameaçando a continuidade de suas atividades em um momento crucial do calendário acadêmico, marcado pela proximidade do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e de outros vestibulares. No entanto, os princípios da educação popular, baseados no diálogo, na

participação ativa e no compromisso com a justiça social presentes na estrutura do curso, foram centrais para orientar a resposta do CPVPL diante da crise.

Fundado em 2017, o CPVPL tem como missão democratizar o acesso ao ensino superior, com foco em pessoas em situação de vulnerabilidade social (Vieira, 2023a). Embasado nos ideais da educação popular, o curso busca aliar a formação acadêmica ao compromisso com a transformação social, promovendo a consciência crítica de classe (Lopes, 2023). Ao longo dos anos, o curso consolidou-se como um espaço de inclusão e empoderamento, atendendo públicos historicamente marginalizados, como jovens de baixa renda, autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, LGBTQIAP+, mães solo e pessoas em situação de refúgio (Vieira, 2023a,b; Lopes, 2023).

No enfrentamento da evasão durante as enchentes, o CPVPL mobilizou sua comunidade de docentes e discentes em uma rede de apoio solidária, transformando o curso

em um espaço de assistência e acolhimento mútuo. Estratégias foram articuladas para oferecer suporte emocional, orientação prática e alternativas que garantissem a continuidade das atividades acadêmicas. Essa mobilização coletiva não apenas fortaleceu os laços comunitários, mas também ampliou o alcance das ações do curso, reafirmando seu papel como um agente transformador em tempos de crise.

Central à educação popular, a prática do diálogo permitiu que os participantes compartilhassem experiências, construíssem soluções conjuntas e reafirmassem o compromisso coletivo com a continuidade do curso. Mais do que uma abordagem pedagógica, a educação popular no CPVPL tornou-se um instrumento de transformação social, capacitando estudantes e voluntários a compreenderem e enfrentarem as estruturas sistêmicas que perpetuam a vulnerabilidade, ao mesmo tempo em que promoviam protagonismo em suas trajetórias e na luta por um futuro mais justo.

Este artigo busca explorar os impactos das enchentes de 2024 sobre o CPVPL e as respostas desenvolvidas pelo curso para enfrentar as adversidades, com especial foco na prevenção da evasão. A análise será conduzida com base em uma perspectiva crítica, que valoriza as experiências vividas pelos estudantes e docentes voluntários, destacando os desafios e as conquistas do trabalho coletivo, como resposta a um contexto marcado pela precariedade e pela urgência.

O objetivo é, assim, compreender como os princípios da educação popular fixados na estrutura do curso podem ser aplicados por meio da dialogicidade de forma efetiva em cenários de crise, contribuindo para a promoção de inclusão social, justiça e equidade. Ao abordar a interseção entre desastres climáticos, desigualdades sociais e práticas educacionais transformadoras, este trabalho

também pretende evidenciar a relevância do CPVPL como um modelo de resistência e vanguarda da formação cidadã. Por meio de suas ações, o curso reafirma a importância de iniciativas que não apenas preparem para exames e vestibulares, mas também formem cidadãos conscientes e engajados na construção de um futuro mais justo e sustentável.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem quali-quantitativa (Amado, 2017), utilizando um questionário semi-estruturado online, elaborado por meio da plataforma “Google Formulários” (Rocha & Deusdará, 2005). O questionário foi dividido em duas seções para facilitar a coleta e análise dos dados, permitindo uma visão detalhada dos impactos das enchentes na vida dos participantes. A primeira seção, intitulada “Dados Pessoais”, reuniu informações gerais dos participantes, como nome, e-mail, telefone, cidade e bairro. Já a segunda seção, denominada “Dados Sociodemográficos e Econômicos”, apresentou 12 perguntas focadas no impacto das enchentes, explorando como o desastre influenciou aspectos pessoais e profissionais dos respondentes, bem como suas dinâmicas familiares.

A análise dos questionários foi conduzida por meio de uma abordagem quali-quantitativa descritiva (Amado, 2017), combinada com a análise do discurso (Rocha & Deusdará, 2005), com o objetivo de explorar e interpretar as respostas de forma abrangente. O processo de análise seguiu os objetivos estabelecidos pela pesquisa, a saber: a) compreender a realidade material atual dos discentes, considerando suas condições socioeconômicas e contextuais; b) Caracterizar o impacto das enchentes sobre o grupo familiar dos docentes e discentes, e consequentemente sobre sua continuidade no curso, destacando as repercussões individuais e coletivas geradas pela crise climática.

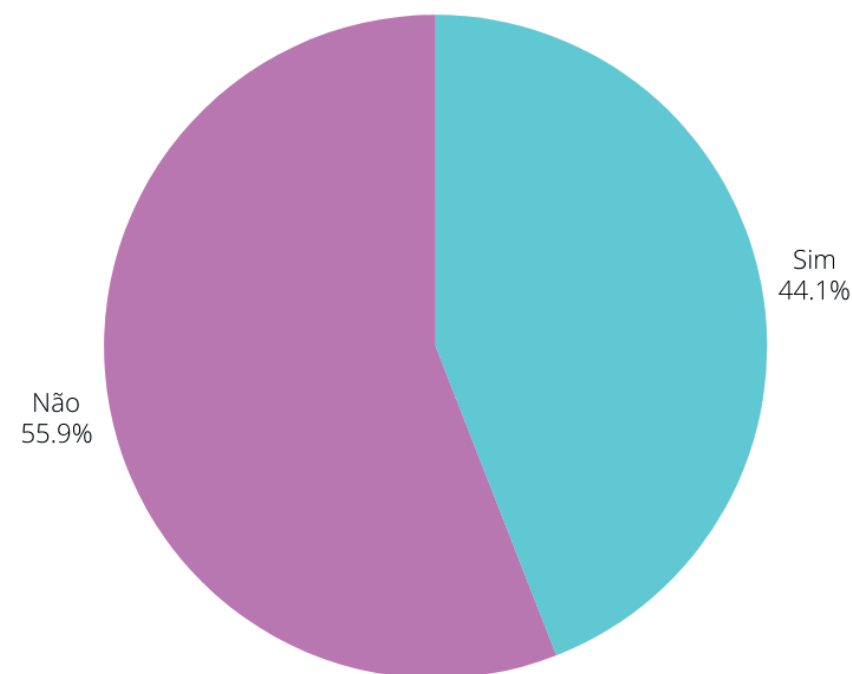


Figura 1 - Proporção de discentes do CPVPL diretamente afetados pelas enchentes de 2024 e seus respectivos grupos familiares.
Fonte: Autores, 2024.

Resultados: Impacto nas vidas dos alunos e seus grupos familiares

Entre os alunos do CPVPL, 44,1% relataram ter sido diretamente afetados pelas enchentes, assim como seus grupos familiares, enquanto 55,9% não indicaram nenhum impacto (fig. 1). A maioria dos discentes está distribuída entre Porto Alegre (40,7%), cidades metropolitanas (47,5%) e, em menor proporção, o interior do estado (11,9%). Bairros como Sarandi e Ipanema, em Porto Alegre, além da cidade metropolitana de Canoas, concentraram o maior número de estudantes afetados, enquanto os estudantes residentes no interior do estado relataram impactos menos expressivos das enchentes.

A grande maioria dos alunos afetados mencionou a falta de água (46 citações), falta de energia elétrica (18 citações) e a perda de internet (21 citações), o que comprometeu não apenas suas condições de vida, mas também suas possibilidades de estudo. Além disso, 12 alunos relataram adoecimento ou agravamento de doenças

devido às enchentes, com destaque para problemas de saúde mental (Fig. 2). Nesse contexto, a saúde mental dos alunos do CPVPL foi profundamente impactada, com muitos enfrentando níveis alarmantes de ansiedade, estresse e transtornos relacionados aos traumas causados pelas enchentes. A experiência direta ou indireta com a devastação, perdas materiais e insegurança gerou um ambiente de vulnerabilidade emocional, dificultando não apenas a concentração nos estudos mas também a capacidade de lidar com desafios cotidianos. Dentre o universo amostral dos alunos, apenas 4 mencionaram que não estavam sofrendo nenhum dos impactos listados, o que indica que, de maneira geral, a comunidade acadêmica foi severamente impactada pelo desastre.

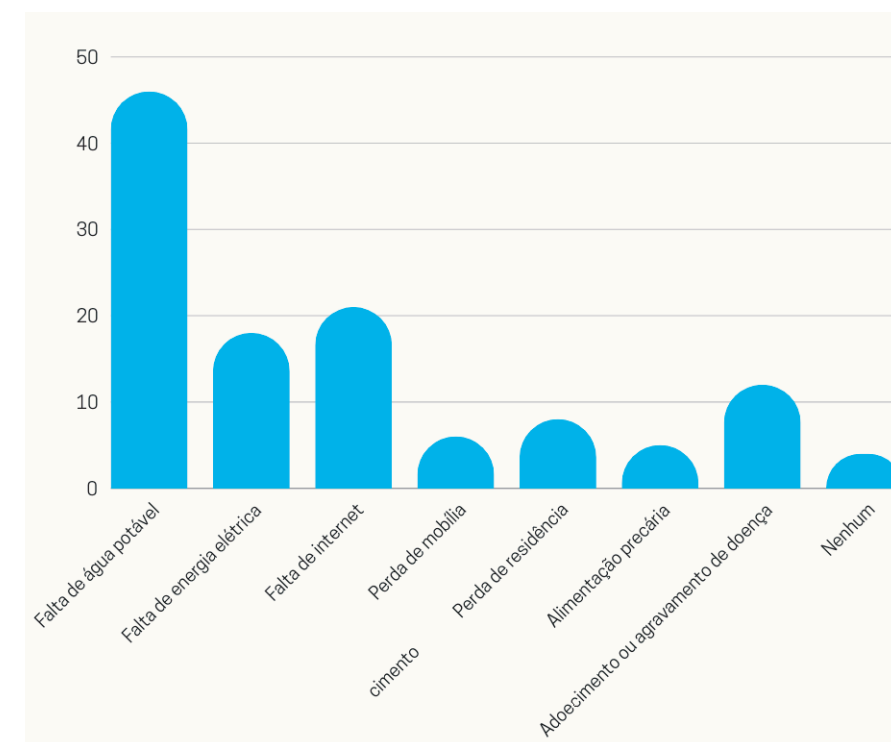


Figura 2 - Impactos materiais das enchentes de 2024 entre discentes do CPVPL.
Fonte: Autores, 2024.

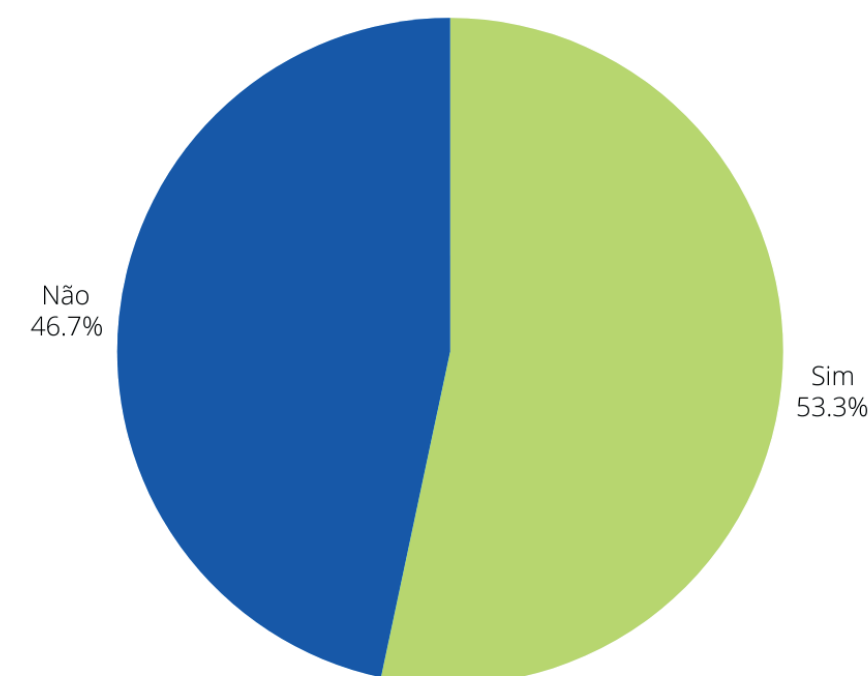


Figura 3 - Impacto das enchentes sobre os educadores do CPVPL e seus familiares.
Fonte: Autores, 2024.

Resultados: Impacto nos educadores e suas redes familiares

As enchentes impactaram diretamente 53,3% dos educadores do CPVPL e seus familiares, enquanto 46,7% relataram não terem sido

afetados (fig. 3). A análise da distribuição geográfica dos educadores revela uma concentração significativa em Porto Alegre, onde 70% residem, com destaque para os bairros Centro e Sarandi, que enfrentaram graves consequências das chuvas intensas. Além disso, 26,7% dos

educadores estavam distribuídos em cidades da região metropolitana, como Alvorada, Viamão, Canoas, Esteio e Gravataí, enquanto apenas 3,3% vivem no interior do estado.

As dificuldades materiais enfrentadas por esses profissionais foram semelhantes às vividas pelos alunos: a falta de água (27 citações), a falta de energia elétrica (12 citações) e a perda de internet (14 citações) figuraram como as principais adversidades (fig. 4). Além disso, 5 educadores relataram a perda de suas residências e 3 enfrentaram problemas de alimentação precária, além de 1 relato de óbito de familiar associado a tragédia climática. A saúde mental também foi uma preocupação significativa entre os educadores, com 9 relatos de adoecimento ou agravamento da saúde mental.

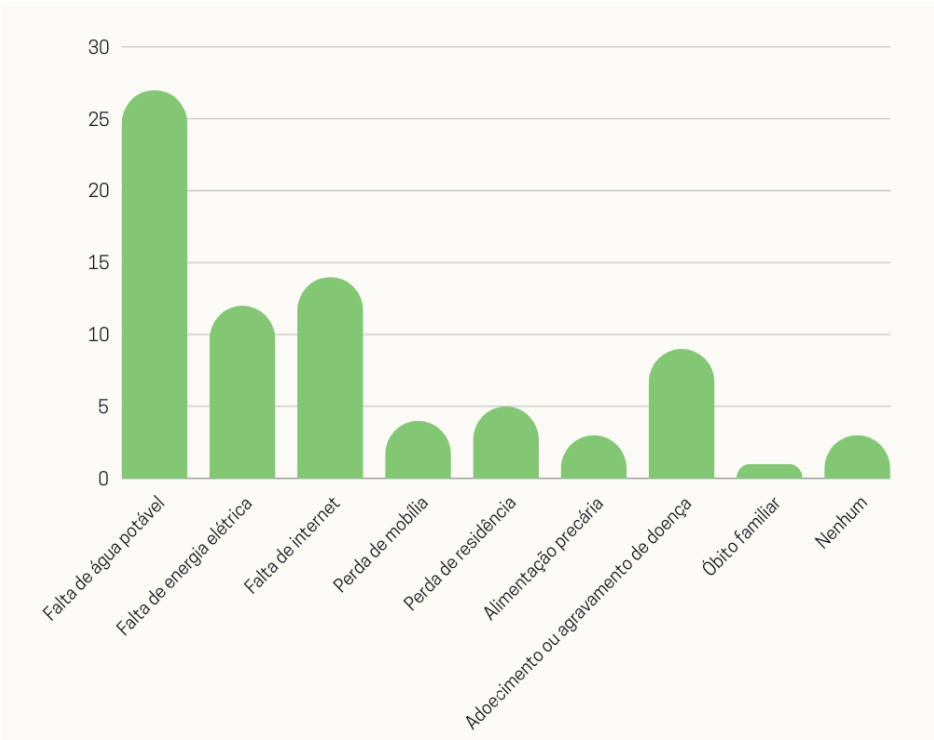


Figura 4 - Impactos materiais das enchentes de 2024 entre educadores do CPVPL.
Fonte: Autores, 2024.

Ainda nesse contexto, 63,4% dos educadores do CPVPL trabalham e estudam, dentre estes, cerca de 43,4% dos educadores seguiram

mantendo rotinas laborais, apesar da crise derivada das enchentes. Em termos gerais, apenas 3 educadores mencionaram não estar sofrendo nenhum dos impactos listados. Para os educadores, que residem nessas áreas, a crise foi ainda mais desafiadora, pois além de sofrerem com as dificuldades pessoais e familiares, também tiveram que lidar com o impacto psicológico e emocional de seus alunos, criando um cenário de sobrecarga.

Organização e atividades desempenhadas pelo CPVPL no combate a evasão

As enchentes que afetaram a comunidade do CPVPL representaram desafios profundos, mas, mesmo diante desse cenário adverso, apenas 4 dos 59 alunos matriculados no curso interromperam suas atividades. A evasão, segundo os alunos que deixaram o CPVPL, estava ligada à necessidade de priorizar questões de sobrevivência, diante da falta de recursos financeiros, assim como, da incapacidade de conciliar os estudos com atividades laborais, que se intensificaram devido às necessidades causadas pelas enchentes. No caso dos docentes, não houve nenhum caso de evasão.

Ainda assim, a baixa taxa de evasão, mesmo diante da gravidade da crise, reflete não apenas a resiliência dos estudantes, mas também a eficácia das estratégias institucionais de organização e ação coletiva, implementadas

por meio de estruturas especializadas do curso. Destacam-se três comissões cuja atuação foi determinante: a Comissão Pedagógica (COPED), a Comissão de Comunicação (CCOM) e a Comissão de Acompanhamento Discente (CAD) (Vieira, 2023 a, b).

A COPED desempenhou um papel crucial ao apoiar os educadores na reorganização das grades de horários, na adequação dos cronogramas e na estruturação de formações pedagógicas em resposta às necessidades emergenciais. Os educadores tiveram a possibilidade de gravar conteúdos e ministrar aulas de forma flexível mediante disponibilidade, adaptando-se à situação de cada um, e assim assegurando que os alunos tivessem acesso ao material necessário para seu aprendizado. Além disso, a coordenação do CPVPL realizou rodízio entre docentes disponíveis, utilizando desde materiais previamente preparados por educadores, como produzindo conteúdo adaptado e resumido. Essa abordagem facilitou o processo de ensino durante a crise, mas também respeitou as necessidades individuais dos educadores, mantendo o compromisso com a qualidade educacional e a solidariedade que caracteriza a instituição.

A CCOM assumiu a responsabilidade de elaborar e disseminar informações estratégicas do curso e de segurança dos discentes, com base em informações oficiais, garantindo uma comunicação eficiente e contínua entre todos os membros da comunidade do CPVPL. Com a criação interna do Grupo de Orientação de Saúde e Cuidados com o Contato com as Águas, a CCOM repassava informações com orientações de saúde aos alunos, especialmente

no que diz respeito aos cuidados com as águas das enchentes, envolvendo a participação ativa da comunidade do curso para promoção da conscientização coletiva. Outro aspecto importante da atuação da CCOM foi o reforço de alertas sobre locais de risco, combate a desinformação e a disseminação de informações sobre segurança. Ademais, a CCOM também compartilhou espaços de voluntariado em escolas municipais e estaduais, essa ação reforçou o princípio do curso de educação popular ao colocar os participantes em um papel ativo na reconstrução de suas próprias comunidades, tanto no aspecto educacional quanto no social.



Figura 5 - Folder encaminhado aos discentes e docentes para rodas de conversa virtuais.
Fonte: Autores, 2024.

No caso da CAD, suas atividades focaram no acompanhamento individualizado dos estudantes, monitorando suas trajetórias acadêmicas ao longo do momento de crise e oferecendo suporte personalizado para a resolução de problemas que pudessem comprometer seu desempenho acadêmico, com ênfase especial na saúde mental. Entre suas iniciativas, destaca-se a implementação de ações de acolhimento integradas ao currículo, como o Corredor Virtual, Grupos de Apoio, projetados para oferecer suporte psicológico e fortalecer o vínculo institucional durante a crise, identificando demandas específicas dos estudantes e oferecer acompanhamento contínuo. Os Corredores Virtuais não apenas garantiam a recuperação de conteúdos pedagógicos, mas também ofertavam um espaço de ajuda mútua, onde os alunos podiam apoiar uns aos outros para superar os obstáculos causados pelas enchentes. O grupo trabalhou de forma democrática, com participação ativa dos alunos que, além de serem beneficiados, também contribuíram para a organização das atividades e para o apoio a colegas que enfrentavam dificuldades ainda maiores.

Os Grupos de Apoio e Acolhimento desempenharam um papel crucial ao viabilizar atendimentos personalizados e ações coletivas voltadas à saúde mental, criando um ambiente mais acolhedor e propício à superação dos desafios enfrentados pela comunidade acadêmica. Ou seja, mesmo com a interrupção das aulas durante as enchentes de 2024 foi acompanhada pela manutenção de uma rede de apoio ativa do CPVPL, que continuou oferecendo suporte emocional, psicológico e logístico aos alunos e educadores afetados.

Essas ações, fundamentadas em uma gestão democrática e inclusiva, foram fortalecidas por Assembleias Gerais amplamente participativas, que contaram com a presença de membros de todos os segmentos do curso, incluindo estudantes, educadores e gestores. Essas instâncias

coletivas de decisão possibilitaram o diálogo aberto sobre a continuidade e o retorno das atividades durante a pausa letiva do curso nos momentos críticos da enchente, por outro lado, construção conjunta de soluções e o alinhamento das estratégias às necessidades reais da comunidade acadêmica não foi interrompido, reafirmando os princípios da educação popular como eixo norteador das práticas institucionais.

O retorno das atividades acadêmicas ocorreu exclusivamente por meio de uma votação popular, garantindo que a decisão fosse tomada de forma democrática e respeitando as necessidades de todos os envolvidos. Para aqueles que não se sentiam à vontade com o retorno imediato às aulas presenciais, foi assegurado o direito de optar por aulas suplementares e monitorias em contraturnos em período oportuno para o mesmos, garantindo a continuidade do aprendizado de forma flexível e inclusiva, dentro dos princípios de solidariedade e respeito à individualidade de cada estudante.

A educação popular neste caso, com sua ênfase na participação ativa, no empoderamento dos sujeitos e na construção de relações horizontais, orientou as iniciativas do CPVPL durante a crise. Esse enfoque permitiu que as ações fossem articuladas de forma colaborativa, respeitando a diversidade de perspectivas e promovendo uma gestão compartilhada, essencial para enfrentar os desafios impostos pelas enchentes. Assim, o contexto evidencia a importância de consolidar estratégias de apoio institucional que dialoguem com os princípios da educação popular, reforçando o compromisso com a permanência, o bem-estar e a construção coletiva do espaço educacional, especialmente em momentos de crise.

Considerações finais

Em síntese, as atividades desenvolvidas pelo CPVPL durante o período das enchentes de 2024 demonstram como a educação popular

pode ser uma poderosa ferramenta para enfrentar adversidades. Ao adotar uma abordagem centrada na participação ativa dos alunos, no trabalho coletivo e na solidariedade, o CPVPL não só garantiu a continuidade do aprendizado, mas também fortaleceu os laços da comunidade acadêmica, prevenindo a evasão escolar.

A atuação do CPVPL ilustra a importância de práticas pedagógicas democráticas, flexíveis e coletivas, que respeitam as realidades materiais e sociais dos estudantes e promovem a transformação social em tempos de crise. Ao adotar estratégias diversificadas - que incluíam apoio emocional, disponibilização de materiais pedagógicos adaptados, grupos de apoio e o incentivo ao voluntariado - o CPVPL demonstrou um compromisso firme com sua missão de apoiar a população de baixa renda, especialmente em tempos de crise.

Dessa forma, a participação ativa de alunos e educadores não se restringiu ao ambiente de aprendizagem, estendendo-se ao fortalecimento dos laços sociais e comunitários, especialmente em momentos de vulnerabilidade. Durante a crise gerada pelas enchentes de 2024, a educação popular se revelou uma estratégia eficaz, não apenas para superar as dificuldades pedagógicas,

mas também para promover a reconstrução emocional e material da comunidade escolar.

Esse processo de reconstrução foi possível graças à articulação de ações das comissões, que colaboraram de maneira integrada, proporcionando suporte psicológico contínuo e promovendo o bem-estar coletivo. Assim, todos — alunos e educadores — se tornaram protagonistas na reconstrução de suas vidas, reafirmando a importância da coletividade e do compromisso com a superação conjunta dos desafios. O fortalecimento dessa rede de apoio e a utilização de princípios da educação popular mostram-se essenciais para a criação de um ambiente educacional resiliente e capaz de enfrentar, de maneira colaborativa, os impactos de crises futuras.

Agradecimentos

Agradecemos imensamente a todos os voluntários e discentes que compõem o CPVPL, cuja dedicação e empenho tornam este projeto possível. Também estendemos nossa gratidão ao Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, pelo apoio e colaboração. Juntos, seguimos transformando vidas e construindo futuros melhores. ◀

Referências Bibliográficas

- AMADO, J. *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.
- BRASIL. PDL nº 236, de 7 de maio de 2024. Dispõe sobre o reconhecimento do estado de calamidade pública no Rio Grande do Sul até 31 de dezembro deste ano. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br>
- LOPES, N. G. M. et al. Curso Pré-Vestibular Popular Liberato e Por Dentro da UFRGS: a demanda da comunidade para a transformação social através da educação popular. *Revista da Extensão*, Porto Alegre, n. 26, p. 56–58, 2023.
- ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. *Alea*, v. 7, n. 2, p. 305–322, 2005.
- VIEIRA, R. V. S. Propiciando o acesso à universidade através da extensão: uma experiência do projeto “Por Dentro da UFRGS”. *Pesquisa & Educação a Distância*, n. 29, p. 1–7, jan./jun. 2023a.
- VIEIRA, R. V. S. A construção do Curso Pré-Vestibular Popular Liberato por meio do projeto de extensão “Por Dentro da UFRGS” / *The construction of the Pré-Vestibular Popular Liberato course through the extension project “Por Dentro da UFRGS”*. Em *Extensão*, v. 22, n. 1, p. 133–148, jan./jun. 2023b.
- VIEIRA, R. V. S. Não é negacionismo, é projeto deliberado. *Jornal da Universidade*, Porto Alegre: UFRGS, 5 set. 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal>

Publique seu artigo!

Revista da Extensão

Desenvolva um artigo da sua prática extensionista universitária e envie para a Revista da Extensão da UFRGS. Gostaríamos de publicá-lo.

Se você é aluno, converse com o coordenador da sua atividade.

↪ A chamada de artigos é aberta, com fluxo contínuo



Consulte as normas para submissão de artigos



E podemos fazer um artigo da nossa prática extensionista para publicar na Revista da Extensão da UFRGS!

A Revista da Extensão é uma publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que tem como propósito veicular e difundir atividades de extensão, não apenas desta universidade mas também de outras instituições do Brasil e do exterior. Ao constituir-se como espaço de trocas, contribui para o fortalecimento e a valorização dos diferentes saberes, ampliando o diálogo sobre a extensão universitária e enfatizando o seu papel fundamental na formação discente e docente. Acompanhando a tendência das principais publicações brasileiras sobre extensão universitária, a Revista da Extensão da UFRGS é publicada em versão impressa e eletrônica, de livre acesso ao seu conteúdo, seguindo o princípio de democratização do conhecimento.

A seleção dos artigos para publicação tem como parâmetro a sua contribuição à extensão universitária, segundo as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira (Resolução 07/2018 da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do MEC), observando o processo educativo, cultural e científico que articula, amplia, desenvolve e realimenta o ensino e a pesquisa, propiciando a interdisciplinaridade e viabilizando a relação transformadora entre Universidade e sociedade. Este contato, que visa ao desenvolvimento mútuo e estabelece a troca de saberes, tem como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com as realidades nacional e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva de comunidades na atuação da Universidade. Constituem pontos fundamentais do artigo também a originalidade do tema ou o tratamento dado ao assunto, a consistência teórica e a qualidade do texto.

Normas para Submissão de Artigo

A Revista da Extensão aceita para publicação artigos que apresentem textos inéditos frutos de atividades ou reflexões relativas à extensão universitária, caracterizando-se como contribuição ao conhecimento sobre o tema.

Há dois formatos de artigo segundo seu tamanho: (1) artigo completo (corpo do texto com 15.000 a 25.000 caracteres) e (2) artigo curto - resumo estendido (corpo do texto com 2.500 a 5.000 caracteres). Os artigos devem contemplar aspectos formais que indiquem introdução, fundamentação teórico-metodológica, resultados, considerações finais e referências bibliográficas (artigo completo - máximo 8, e resumo estendido - máximo 3).

Formato do manuscrito (para ambos, artigo completo e resumo estendido):

1. Manuscrito: deve ser submetido em formato PDF.
2. Autores: todos os autores e suas filiações devem ser cuidadosamente inseridos no momento da submissão pois são informações utilizadas automaticamente pelo sistema de publicação eletrônica.
3. Figuras, tabelas e quadros serão tratados como imagem, devendo estar legendadas, com fonte/créditos do autor, e indicadas no corpo do texto.
4. Os artigos aceitos serão, posteriormente, solicitados em formato de texto editável (.doc, .docx, .rtf, .txt,...). Imagens (fotos, figuras, tabelas, quadros, ...) deverão ser enviadas em formato JPG com resolução mínima de 300 DPI, e intituladas de forma a facilitar a sua identificação (ex., Figura 1, Tabela 2, ...).

Complemento do formato do manuscrito (artigo completo):

1. Resumo: deve conter entre 750 e 1.050 caracteres em Português, e estar também em uma das línguas estrangeiras Espanhol ou Inglês.
2. Corpo do texto: deve conter entre 15.000 e 25.000 caracteres (com espaços), em Português.
3. Imagens: o artigo deve conter de 3 a 5 imagens.

Complemento do formato do manuscrito (artigo curto - resumo estendido):

1. Resumo: não há.
2. Corpo do texto: deve conter entre 2.500 e 5.000 caracteres (com espaços), em Português.
3. Imagens: o artigo deve conter de 1 a 3 imagens.



Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.



Acesse a versão digital da Revista da Extensão em www.revistadaextensao.ufrgs.br

Acesso também disponível no portal de periódicos SEER UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora

Marcia Barbosa

Vice-Reitor

Pedro Costa

Pró-Reitora de Extensão

Daniela Borges Pavani

Vice-Pró-Reitora de Extensão

Patrícia Helena Xavier dos Santos

Revista da Extensão n. 32

Porto Alegre, setembro de 2025

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Editor

Renato Perez Ribas

Entrevista

Vicente Fernandes Dutra Fonseca

Fotos da entrevista

Marcelo Pires

Divulgação

Walberto José Andrade Chuvas

Projeto gráfico e diagramação

Paulo Baldo

Revisão

Nicole Maciel dos Passos

Conselho Editorial da Revista da Extensão

Claudia Giuliano Bica (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)
Deisi Cristina Gollo Marques Vidor (Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre)
Eduardo Cardoso (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Fernando Arthur de Freitas Neves (Universidade Federal do Pará)
Geraldo Ceni Coelho (Universidade Federal da Fronteira Sul)
João César Netto (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
José Antônio dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Luciane Noal Calil (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Polliane Trevisan Nunes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Paulo Henrique Caetano (Universidade Federal de São João Del Rey)
Walberto José Andrade Chuvas (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Presença em diretórios e bases de dados:

Diretório de Políticas Editoriais das Revistas Científicas Brasileiras (Diadorim)
Diretório das Revistas Científicas Eletrônicas Brasileiras (Miguilim)
Bielefeld Academic Search Engine (BASE)
Google Acadêmico (Scholar Google)

Revista da Extensão



A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, 5º andar, Bairro Farroupilha
CEP 90040-060 - Porto Alegre / RS
(51) 3308 3379

www.proext.ufrgs.br
www.revistadaextensao.ufrgs.br
revistadaextensao@proext.ufrgs.br